



COLEÇÃO
HISTÓRIA DOS
POVOS
INDÍGENAS NO
ESPÍRITO SANTO
VOLUME 5

JULIO BENTIVOGLIO
HENRIQUE A.V. COSTA (ORGS.)

Os Goitacá



**História dos Povos Indígenas
no Espírito Santo
Os Goitacá**



Copyright © 2022, Julio Bentivoglio; Henrique A. Valadares Costa.

Copyright © 2022, Editora Milfontes.

Rua Carijós, 720, Lj. 01, Ed. Delta Center, Jardim da Penha, Vitória, ES, 29.060-700.

Compra direta e fale conosco: <https://editoramilfontes.com.br>

Distribuição nacional em: www.amazon.com.br

editor@editoramilfontes.com.br

Brasil

Editor Chefe

Bruno César Nascimento

Conselho Editorial

Prof. Dr. Alexandre de Sá Avelar (UFU)

Prof. Dr. Arnaldo Pinto Júnior (UNICAMP)

Prof. Dr. Arthur Lima de Ávila (UFRGS)

Prof. Dr. Cristiano P. Alencar Arrais (UFG)

Prof. Dr. Diogo da Silva Roiz (UEMS)

Prof. Dr. Eurico José Gomes Dias (Universidade do Porto)

Prof. Dr. Fábio Franzini (UNIFESP)

Prof. Dr. Hans Ulrich Gumbrecht (Stanford University)

Prof^a. Dr^a. Helena Miranda Mollo (UFOP)

Prof. Dr. Josemar Machado de Oliveira (UFES)

Prof. Dr. Júlio Bentivoglio (UFES)

Prof. Dr. Jurandir Malerba (UFRGS)

Prof^a. Dr^a. Karina Anhezini (UNESP - França)

Prof^a. Dr^a. Maria Beatriz Nader (UFES)

Prof. Dr. Marcelo de Mello Rangel (UFOP)

Prof^a. Dr^a. Rebeca Gontijo (UFRRJ)

Prof. Dr. Ricardo Marques de Mello (UNESPAR)

Prof. Dr. Thiago Lima Nicodemo (Unicamp)

Prof. Dr. Valdei Lopes de Araujo (UFOP)

Prof^a. Dr^a Verónica Tozzi (Univerdidad de Buenos Aires)

Julio Bentivoglio
Henrique A. Valadares Costa
(Organizadores)

História dos Povos Indígenas no Espírito Santo Os Goitacá



EDITORA MILFONTES

Vitória, 2022

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação digital) sem a permissão prévia da editora.

Revisão

De responsabilidade exclusiva dos organizadores

Capa

Imagem da capa:

Autor: *não citado, logo, tenho declarado que não existe intenção de violação de propriedade intelectual*

Semíramis Aguiar de Oliveira Louzada - *aspectos*

Projeto Gráfico e Editoração

Lucas Bispo Fiorezi

Impressão e Acabamento

Forma Certa Gráfica Digital

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

B476g BENTIVOGLIO, Julio. COSTA, Henrique A. Valadares.

História dos povos indígenas no Espírito Santo. Volume 5:
os Goitacá/ Julio Bentivoglio, Henrique A. V.

Costa (organizadores)

Vitória: Editora Milfontes, 2021.

142 p.: 20 cm.: il.

Inclui bibliografia

ISBN: 978-65-5389-016-9

1. História dos indígenas 2. Espírito Santo 3. Antropologia
4. Goitacá I. Bentivoglio, Julio II. Costa, Henrique A. Valadares
III. Título.

CDD 981.52

Sumário

Apresentação.....	9
<i>Julio Bentivoglio</i>	
Considerações sobre os Goitacá	13
<i>Henrique A. Valadares Costa</i>	
Trajetórias históricas e direito à memória: o legado Goitacá à luz da decolonialidade	37
<i>Rossana Britto, Marcello A. Vieira & Isabella Machado</i>	
Os Goitacá nas narrativas históricas capixabas	59
<i>Leonardo Nascimento Bourguignon</i>	
Os Goitacá e a etnografia francesa: breves apontamentos sobre Alfred Métraux e André Thevet.....	85
<i>Julio Bentivoglio</i>	
Os índios Goitacá: a propósito de um manuscrito inédito de André Thevet.....	97
<i>Alfred Métraux</i>	
Referências.....	125
Os autores.....	141

MAPPA

DA PROVINCIA DO

ESPIRITO-SANTO

organizada

Inspectoria Geral das Terras e Colonisação,

PELOS ENGENHEIROS

C. GINTRA, C. RIVIERRE

publicada em 1878

“O Espírito Santo é a terra dos índios”

Rio de Janeiro.

1878.

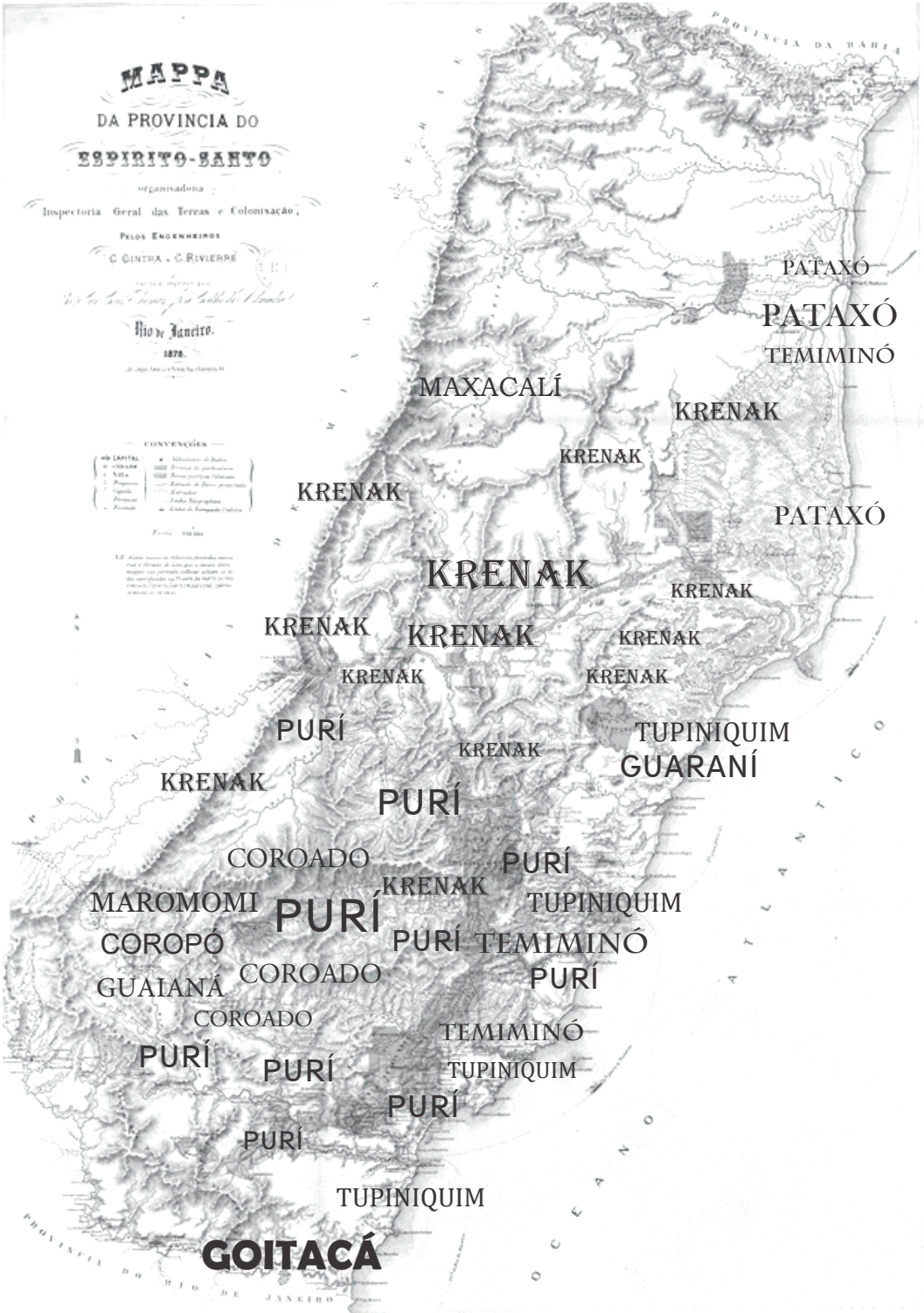
de João José e Silva dos Reis, 11

CONVENÇÕES

- | | |
|-----------|------------------------|
| • CAPITAL | • Aldeamento de índios |
| • VILAR | • Estrada de ferro |
| • Vilas | • Estrada de ferro |
| • Praças | • Estrada de ferro |
| • Praças | • Estrada de ferro |
| • Praças | • Estrada de ferro |
| • Praças | • Estrada de ferro |

Escala 1:100,000

1.º A escala de 1:100,000 é a escala de maior detalhe para o estudo da topografia e da geografia física do Estado do Espírito Santo. 2.º A escala de 1:250,000 é a escala de menor detalhe para o estudo da geografia física do Estado do Espírito Santo. 3.º A escala de 1:500,000 é a escala de menor detalhe para o estudo da geografia física do Estado do Espírito Santo. 4.º A escala de 1:1,000,000 é a escala de menor detalhe para o estudo da geografia física do Estado do Espírito Santo.



PATAXÓ

PATAXÓ

TEMIMINÓ

MAXACALÍ

KRENAK

KRENAK

KRENAK

PATAXÓ

KRENAK

KRENAK

KRENAK

KRENAK

KRENAK

KRENAK

KRENAK

PURÍ

KRENAK

TUPINQUIM

GUARANÍ

KRENAK

PURÍ

COROADO

PURÍ

MAROMOMI

KRENAK

TUPINQUIM

COROPÓ

PURÍ

PURÍ TEMIMINÓ

GUAIANÁ

COROADO

PURÍ

COROADO

TEMIMINÓ

PURÍ

TUPINQUIM

PURÍ

PURÍ

PURÍ

TUPINQUIM

GOITACÁ

Apresentação

Este livro é o quinto volume da coleção História dos povos indígenas no Espírito Santo. Nele são retratados os Goitacá, indígenas que remontam ao nosso passado pré-histórico, anterior à chegada dos europeus às Américas, embora os primeiros relatos a seu respeito tenham sido colhidos por meio das notícias de cronistas, jesuítas e autoridades portuguesas enviadas para a colônia. Naquele momento, início da colonização durante o século XVI, os portugueses deram início a uma política de conquista da terra, disputada com as populações indígenas, e construindo aldeamentos em vários pontos da costa para, através da colaboração de religiosos que vieram para o Brasil, apropriando-se de territórios tradicional e historicamente ocupados por povos indígenas, dentre eles os Goitacá. Manoel da Nóbrega foi responsável, em 1558, pela formulação de um projeto missionário de catequização e conquista de territórios baseado na aproximação com os *gentios* da terra – como os povos indígenas eram chamados – mediante seu deslocamento para aldeamentos instaladas próximas ao litoral, os *descimentos*.

Colocava-se em prática um projeto intenso de sujeição dos indígenas promovido pelo homem branco europeu que os obrigava suas adotar a práticas culturais como o uso da língua portuguesa, a aceitação da religião cristã e, sobretudo, o uso de sua força de trabalho em atividades agrícolas, mas também na

construção de pontes, edificações, etc. Esta transculturação não se deu sem negociações ou também resistências por parte dos povos indígenas que, reduzidos nas aldeias, realizariam trocas culturais intensas que promoveriam uma verdadeira revolução em partes do litoral a partir daquele contato cultural no início do século XVI, como ocorreu no Espírito Santo.

Mas, as tensões eram enormes, afinal, haviam interesses e necessidades muito distintos por parte dos índios, dos colonos e dos religiosos, que resultaram em disputas e rivalidades constantes durante todo o período colonial até a expulsão dos jesuítas em 1759. Stuart Schwartz e John Manuel Monteiro indicam que existiam dois projetos em disputa: o dos jesuítas que pretendiam construir comunidades agrícolas mediante trabalho voluntário ou compulsório e a dos colonos que defendiam a escravização como forma de nutrir força de trabalho para o desenvolvimento da empresa colonial, relacionada, sobretudo com o corte da madeira ou o plantio da cana-de-açúcar. Desconsiderando-se, completamente, os interesses daquelas populações indígenas que viviam naquelas terras cada vez mais ocupadas pelos brancos.

A história dos Goitacá está associada a este cenário inicial, no qual o projeto colonizador deu início à chamada *guerra justa*, preconizada pela lei de 1570 de D. Sebastião que autorizava a escravização dos indígenas que se recusassem ou que combatessem a presença dos europeus, como era o caso dos Goitacá, que passaram a ser vistos como *hostis* e foram duramente atacados pelos portugueses. Essa lei sofreu um revés em 1609 que proibiu a escravização dos índios, embora esta prática tenha continuado. Outras leis, como o Regimento das Missões de 1686 ou o Diretório dos Índios de 1757 expressam estas tensões dos indígenas e a expansão dos homens brancos. O Diretório foi abolido em 1798, quando se adotou uma política de secularização das aldeias.

Os Goitacá ocupavam um extenso território na costa brasileira, entre o Rio Santa Maria no Espírito Santo e o Rio Paraíba do Sul, no Rio de Janeiro. Acredita-se que no final do século XVIII tenham sido completamente elididos nestes territórios, seja por conta das mortes ocasionadas pelas guerras de resistência, seja devido às doenças, como a varíola, seja pelos efeitos da intensa transculturação e miscigenação de integrantes de comunidades remanescentes.

Não custa lembrar que o termo *índios* era uma denominação errônea usada por Cristovão Colombo que se fixou, usada para identificar os povos nativos da América. E ela foi empregada como um indicador geral para diferentes povos e etnias bastante diferentes durante bastante tempo, até que, ao longo da colonização, os portugueses foram apreendendo e descrevendo a diversidade existente entre os povos que tomavam contato. Uma primeira distinção foi *tupi* e *tapuia* – este último um nome que os Tupis usavam para designar grupos que não falavam a língua tupi, como é o caso dos Goitacá que viviam no litoral fluminense e capixaba. Esta distinção passou a ser adotada, nas décadas iniciais da colonização para tratar daquelas duas nações. Tapuia portanto não é um etnônimo autodeterminado, afinal, trata-se da reunião diferentes povos pertencentes à família linguística macro-jê, predominantemente.

Naqueles primeiros contatos, o europeu projetou sobre aqueles povos indígenas, de acordo com sua aproximação ou resistência empregada com a invasão dos portugueses, significados ambíguos, sendo ora descritos como angelicais, ora como demoníacos. As práticas sexuais e o canibalismo entre outros costumes levaram paulatinamente a uma desqualificação dos povos indígenas que passavam a ser vistos como inferiores. A isso somaram-se as doenças e as guerras travadas para a ocupação do solo, responsáveis pelo início de um grande, sistemático e secular genocídio destas populações autóctones que se estende até nossos dias.

Os Goitacá foram bastante hostis e resistentes aos portugueses. Desse modo, são poucas e não muito lisonjeiras as notícias produzidas a seu respeito durante o período colonial pelo colonizador, tendo em vista que os europeus recorriam aos Tupis para se informar sobre aquela outra nação, e juntos procurando criticá-la e derrotá-la. Talvez por isso tenham sido considerados os mais bárbaros que habitavam este território, inclusive sob acusação de canibalismo, prática que também era comum em outra etnias, inclusive dentre os povos Tupis. Às vezes, os Goitacá também eram chamados de Tupinambás, erroneamente, haja vista que estes últimos, no atual território capixaba corresponderiam aos Tupinikim.

Por fim, estima-se que população Goitacá beirava um milhão de indivíduos por volta de 1500. A título de curiosidade, Jose de Alencar homenageou esta etnia em *O Guarani*. Apesar do título desconhecido, o índio Peri, protagonista do livro, é um Goitacá que se destaca na luta contra os brancos e os aimorés e que se apaixona por Cecília, filha de um nobre português. Campos dos Goitacazes, município do norte fluminense é também um registro e uma memória da presença desta etnia na história daquela região.

Neste volume você vai conhecer um pouco mais os indígenas Goitacá e sua experiência na história capixaba a partir de estudos feitos por Leonardo Bourguignon, Henrique Valadares Costa, Rossana Brito, Isabella Machado e Marcello Amorim, além de contarem com a tradução de uma breve notícia de Alfred Métraux redigida sobre um texto inédito de André Thevet feita por Josemar Machado de Oliveira.

Vitória, setembro de 2021.

Julio Bentivoglio

Considerações sobre os Goitacá

Henrique A. Valadares Costa.

Antes de mais nada, é importante compreender qual a posição que os Goitacá ocupam no contexto da história indígena brasileira e é possível estipular uma hipótese bastante sugestiva a partir dos dados arqueológicos e etnográficos existentes. Ou seja, pode ser feito um exercício interpretativo a fim de redimensionar o uso dos documentos etnográficos e dos dados arqueológicos existentes para além do descritivismo habitual, principalmente em relação às populações ditas *Tapuia* dos primeiros séculos da presença europeia daquele território que no futuro será chamado de Brasil.¹

Goitacá como etnônimo

No decorrer deste estudo foram identificados diferentes nomes para o grupo aqui estudado. O pesquisador Alberto Lamego apresentou em publicação diversos homônimos para o mesmo povo, tais como: Goitacá, Guatacá, Guaitaca, Guatahar, Goitacax, Guitacás, Ovaitagnasses, Ouetacá, Waitacá, Eutacá, Aitacax, Itacaz e Uetacaz.² Sem querer entrar na discussão sobre qual a terminologia correta e qual foi corruptela de outra, elegeu-se aqui a expressão Goitacá, por ser mais recorrente, para representar e uniformizar todos

1 Cf. MONTEIRO, John Manuel. *Tupis, tapuias e historiadores*: estudos de história indígena e do indigenismo. Tese apresentada ao concurso de livre docência no Departamento de Antropologia na Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

2 Cf. LAMEGO, A. *O homem e o brejo*. 1945. Disponível em: <http://scholar.google.com/scholar?hl=en&btnG=intitle:O+HOMEM+E+O+BREJO#0>.

os nomes citados no parágrafo acima como de um único grupo.

O mesmo autor, Alberto Lamego, e também Afonso Claudio de Freitas Rosa discutiram o significado do etnônimo *Goitacá* como um termo de origem Tupi. O primeiro autor, em especial, apresentou o argumento de etnógrafos e historiadores como Francisco A. Varnhagen, Friedrich Von Martius e Batista Caetano tendo por significado duas traduções: a de “corredores das matas” e a de “andadores das matas”. Lamego mencionou outra tradução, diferente destas, feita por José Geraldo de Menezes, que os identifica como “índios nadadores”.³

É interessante notar que em todas estas traduções há menção à mobilidade, como uma atividade distintiva para o grupo. A representação dos Goitacá estava em uma configuração de ação, com seu *ethos* relacionado a uma atitude, uma postura em relação ao seu cotidiano. Apesar da etnografia apresentar a existência de um povo diferente aos demais não há uma atribuição específica feita pelo próprio grupo, pois, não existe nenhum registro de autodeterminação deles. Pelo menos não que se saiba até o presente, não houve o registro linguístico.⁴ Nesses termos, consideramos aqui que o etnônimo Goitacá teve sua origem a partir da percepção de grupos externos, com origem no etnocentrismo Tupi e reproduzido e registrado por cronistas europeus do período colonial.⁵

3 Cf. LAMEGO, A. *O homem e o brejo... Op. cit.*; ROSA, A. C. de F. *Ensaios de sociologia, etnografia e crítica*. 2. ed. Vitória: Causa, 2015.

4 RIBEIRO, E. R. Tapuya connections: language contact in eastern Brazil. *Liames*, v. 9, p. 61–76, 2009; COSTA, H. A. V. Um pouco da história e da cultura Purí. In: BENTIVOGLIO, J. (Ed.). *História dos povos indígenas no Espírito Santo: os Purí*. 1. ed. Serra: Milfontes, 2017, p. 41–70.

5 VASCONCELLOS, S. de. *Notícias necessárias e curiosas das cousas do Brasil*. 1. ed. Lisboa: Oficina de Ioam da Costa, 1668; CARDIM, Fernão.

Diferentemente dos Aimoré, que na fonte do padre Jácome Monteiro quando esteve em 1610 no litoral norte do Espírito Santo em contato direto, registrando que na ordem dos jesuítas existiram intérpretes/falantes da língua e puderam ultrapassar a barreira da falta da informação ou da interlocução com outros povos rivais.

Primeiramente, antes deste gentio estar em paz conosco, o mesmo era nomear Guaimuré a qualquer gênero de pessoa que ameaça-la com todo o mal; e assim em qualquer parte que aportavam ficavam eles os senhores, porque em continente, lhe desejavam tudo. [...]Dividem-se em várias castas como o gentio da terra, chamando-se Guerem Guerem, Patutús, Napurús, Craemee, Piiouris, Conconhim, Brue Brue, Capajos, Cariris. Mas nenhum se nomeia pelo de Guaimuré, que quer dizer nome mau, ladrão, matador, prezando-se todos do nome Guerem Guerem.⁶

A informação menciona que este “gentio Tapuio” localizava-se a 140 léguas da Baía do Espírito Santo (atual baía de Vitória) e sugere a existência de um processo de aproximação e por sua vez, de maior informação sobre a população que nos primeiros textos de Gabriel Soares de Sousa (1587), Pero Magalhães Gandavo (1576), Fernão Cardim (1583 a 1601), Anchieta (1554 a 1594) e mesmo Simão de Vasconcellos (1668). Nestes termos, similar aos Aimoré ou Guaimuré, os Goitacá tiveram seu etnônimo derivado de diferentes idiomas e, por sua vez, de diferentes povos. No entanto, foi possível um enquadramento entre as populações indígenas conhecidas? O que pode ser informado pela linguística e mesmo pela cartografia histórica?

Tratado da terra e gente do Brasil. Rio de Janeiro: J. Leite & Cia, 1925; LÉRY, J. de. *Viagem à Terra do Brasil.* Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1961; MONTEIRO, P. J. *Relação da Província do Brasil*, 1610.

6 MONTEIRO, P. J. *Relação da Província do Brasil*, 1610.

Goitacá como grupo linguístico e distribuição geográfica

As representações sobre os Goitacá, similar aos Aimoré, retratam invariavelmente populações descritas como muito “bárbaras” e “bravias”. Postuladas dentro da narrativa maniqueísta dos cronistas do colonialismo, os Goitacá e os Aymoré enquadravam-se dentro dos povos “Tapuya”, ou seja, de grupos não Tupi.⁷ A distribuição geográfica encontrava-se entre os atuais estados do Rio de Janeiro ao Norte e do Espírito Santo, com limites ao sul da baía de Vitória como nos informam Gabriel Soares de Sousa, Jean de Lery, Fernão Cardim e Pedro Gandavo.

Fernão Cardim informa no *Tratado da Terra e Gente do Brasil* que os “Guaytacá vivem na costa do mar entre o Espírito Santo e Rio de Janeiro”.⁸ O mesmo autor, em seu outro trabalho *Uma viagem e missão jesuítica pela Bahia, Ilheos, Porto Seguro, Pernambuco, Espírito Santo, Rio de Janeiro, S. Vicente (S. Paulo), indo por Visitador o P. Christovam de Gouvea Escrita em duas Cartas ao P. Provincial em Portugal*, apresentou seu limite ao norte na Vila do Espírito Santo, quando estavam sob cerco desde 1535, data da chegada dos primeiros portugueses no território capixaba. A mesma informação é reforçada por Gabriel Soares de Sousa, no entanto, apresentando um recuo territorial na linha da costa até “Leritiba” (atual município de Anchieta):

A terra deste rio até Leritibe é muito grossa e boa para povoar como a melhor do Brasil, a qual foi povoada dos goitacases. Esta ponta de Leritibe tem um arrecife ao mar,

7 Cf. CUNHA, M. C. da [et al.]. *História dos índios no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras: Secretária Municipal de Cultura: FAPESP, 1998.

8 CARDIM, F. *Tratado da Terra e gente do Brasil*. São Paulo: Hedra, 2009, p. 214.

que boja bem uma légua e meia, a qual ponta é de terra baixa, ao longo do mar.[...]

[...] Da Paraíba ao cabo de São Tomé são sete léguas, cuja costa se corre nordeste-sudoeste, o qual cabo está em vinte e dois graus. Pelo nome deste cabo o tomou a capitania também de São Tomé, até onde corre o limite dos goitacases, de quem diremos em seu lugar.⁹

Segundo o historiador oitocentista Basílio Daemon (1878)¹⁰ a guerra contra os Goitacá foi feita para que os colonos estabelecessem o controle de parte do território ao sul da baía de Vitória (figura 1). Ou seja, o final do século XVI foi marcado como o início do recuo territorial da parte litorânea. Segundo Daemon em 1594:

Não deixando os índios goitacases de incomodar os povoadores desta capitania, pois que deles estava infestado todo o sul da mesma, deliberam-se o capitão-mor Miguel Azevedo a dar uma investida contra eles, visto a sua ferocidade, antropofagia e rapinagem, assim obrigá-los a conterem-se a pedir as pazes, pelo que, juntando o maior número de combatentes que lhe foi possível e distribuída a gente sob diversos comandos, caiu de surpresa sobre os mesmos causando -lhes muitos danos, matando a muitos e perseguindo-os até onde pôde, tendo em diversos combatentes mostrado grande valor e sempre obtido vitória, sobressaindo-se muito nessa ocasião, em que mostraram grande valentia, João Soares e Antônio Jorge, residentes na capitania, que dessa peleja saíram bastante feridos. Dispersada assim grande tribo de índios, pediram uns pazes e outros internaram-se, nunca mais tende eles incomodado os povoadores.¹¹

9 SOUSA, Gabriel Soares de. *Tratado descritivo do Brasil em 1587*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1987 (Brasiliense, vol. 117), p. 94.

10 Cf. DAEMON, B. C. *Província do Espírito Santo: sua descoberta, história cronológica, sinopse e estatística*. 2 ed. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2010.

11 *Ibidem*, p. 156.

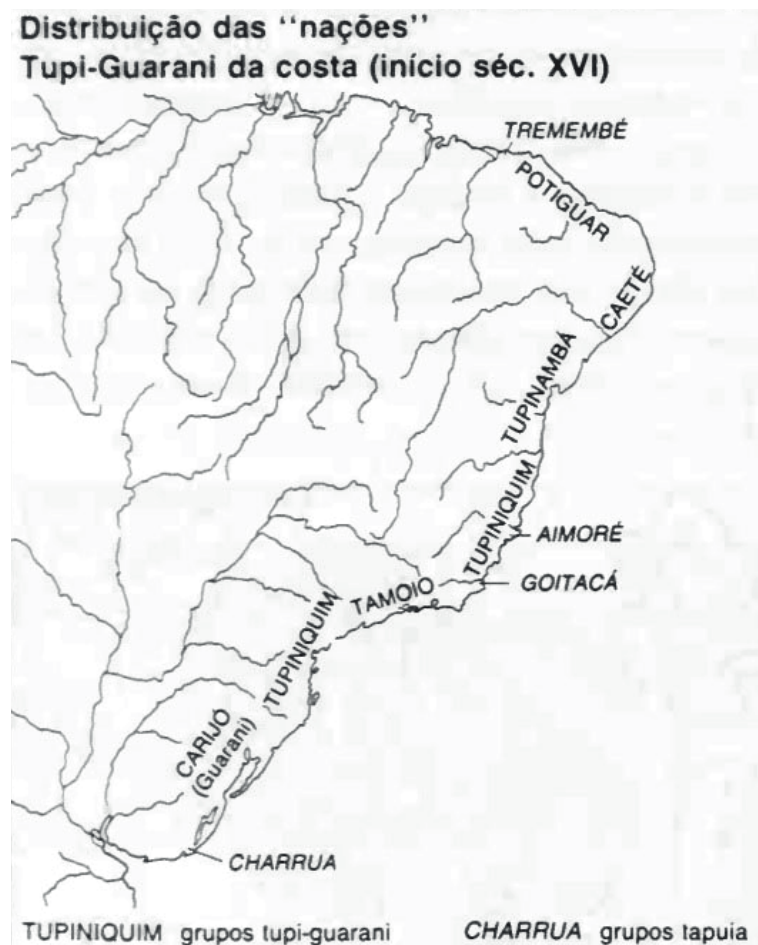


Figura 1: Distribuição dos povos indígenas segundo relatos do século XVI.
Fonte: Cunha et al, 1998.

O referido autor não menciona que parte das tropas que participaram da campanha militar contra os Goitacá era composta por indígenas, provavelmente Tupi, que estavam na parte sul, nas proximidades do primeiro núcleo colonial da Capitania. Em anos anteriores, 1592, houve também o ataque mal sucedido do corsário inglês Thomas Cavendish¹² quando em carta descreve que a defesa foi realizada principalmente por indígenas e é bem provável que os mesmo grupo de indígenas, anos depois, tenham sido enviados para a guerra de reconquista contra os holandeses em 1624.¹³

A etnia Goitacá

Não há um consenso geral sobre a etnicidade dos Goitacá. O relato de Gabriel Soares de Souza de 1587 informa que os Goitacá “tem a cor mais branca que déssemos atrás, e tem diferente linguagem” quando comparados aos Tupiniquim.¹⁴ Jean de Lery também condiciona serem esses “Uetecás” de uma língua complementemente distinta aos demais povos¹⁵ além de Simão de Vasconcelos reforçar em publicação de 1668 a relação dos “guaitacá” como integrantes dos indígenas Tapuia.¹⁶ O único consenso é de que eram Tapuia.

12 Cf. FONSECA, Z. C. da. Thomas Cavendish e as peripécias de um desembarque mal sucedido. *Cadernos de História* - Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, v. 1, n. 35, 2000.

13 DAEMON, B. C. *Província do Espírito Santo: sua descoberta, história cronológica, sinopse e estatística*. 2 ed. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2010, p. 163.

14 Cf. SOUZA, G. S. de. *Tratado descritivo do Brasil de 1587*. Disponível em: <http://medcontent.metapress.com/index/A65RM03P4874243N.pdf>.

15 Cf. LÉRY, J. de. *Viagem à Terra do Brasil*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1961.

16 VASCONCELLOS, S. de. *Noticias necessárias e curiosas das cousas do Brasil*. Lisboa: Oficina de Ioam da Costa, 1668.

Antonio Knivet um dos poucos a ter tido contato com ambos os grupos, e que conviveu com os Puri quando esteve a serviço dos portugueses, apresentou-os como Tapuia indicando que naquela época eram amigáveis aos portugueses. Segundo seu relato, os Puri se distribuíram da região de Santos até boa parte do atual estado do Rio de Janeiro. Nessa convivência participou de uma campanha militar contra os Goitacá que se aproximavam de Campos. Desse contato não houve relatos linguísticos sobre os mesmos, salvo um indicativo de bilinguismo (língua Purí e português) ou trilinguismo (Purí, português e Tupi) praticado pelos indígenas Puri.

E por que os ditos Goitacá desapareceram na medida em que o contato com as populações europeias foi se intensificando, e na medida que se intensifica, na mesma epistolografia, as notificações sobre as populações Purí e Coroados? É provável que houvesse uniformidade linguística com os Goitacá, os quais seriam a “versão” inimiga dos Purí contra os portugueses.¹⁷

Quando pesquisamos sobre o etnônimo *Goitacá*, identificamos como uma palavra que não foi atribuída pelo próprio povo e que segundo Afonso Claudio de Freitas Rosa, é de origem Tupi, e provem do termo “guay-atacara” cujo significado é “gente veloz”, e acresce o significado “que por extensão são andarilhos ou nômades”.¹⁸

As características atribuídas aos Goitacá fazem com que sejam semelhantes aos Aimoré devido a sua postura

17 Cf. KNIVET, A. Notavel viagem que, no anno de 1591 e seguintes, fez Antonio Knivet, da Inglaterra ao mar do sul, em companhia de Thomas Candish. *Revista Trimensal do Instituto Historico Geographico e Ethnographico do Brazil*, v. XII, p. 295–390, 1878.

18 Cf. ROSA, A. C. de F. *Ensaio de sociologia, etnografia e crítica... Op. cit.*

muito belicosa em relação aos outros povos indígenas e aos europeus. Todavia, os Goitacá eram mais violentos, pelo menos nos relatos dos colonizadores. De maneira geral, sempre houve um discurso de depreciação em relação as populações ditas como Tapuias, que posteriormente entre o final do século XVIII¹⁹ e sobretudo durante o século XIX eram vistos sempre em contraste aos Tupi, que eram frequentemente tratados como mais “civilizados”.²⁰

As descrições sobre os Goitacá apresentam um elevado grau de rusticidade e constante estado bélico ou de caça com poucas lavouras plantadas (o que os colocava, segundo cronistas, em um grau de civilidade pouco acima que os Aimoré, que não possuíam agricultura). Dormindo em camas de folhas, como será visto no próximo capítulo deste livro.

No entanto, em um universo que as terras eram fartas em alimentos e os aspectos da ocupação pré-colonial e início da invasão europeia atribuída as demais populações como as do tronco Tupi-guarani²¹ ou mesmo aos Purí como ocupantes em grandes aldeias,²² por que essa população foi marcada pelo estereótipo de barbárie plena? E até quando puderam viver em um sistema de ocupação itinerante tipicamente nômade?

Almeida Prado na primeira metade do século XX²³ coloca sob suspeita alguns etnônimos atribuídos a diversas populações indígenas das Américas, vizinhas territoriais

19 Cf. BLUMENBACH, J. F. *Decas collectionis suae craniorum diversarum gentium illustrata* (1790-1828). Gottingae, 1828.

20 Cf. MONTEIRO, J. M. *Tupis, tapuias e historiadores...* *Op. cit.*

21 Cf. FERNANDES, F. *Organização Social dos Tupinambá*. 2 ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1963.

22 Cf. COSTA, H. A. V. Um pouco da história e da cultura Purí... *Op. cit.*

23 Cf. ALMEIDA PRADO, J. F. de. *Primeiros povoadores do Brasil...* *Op. cit.*

de falantes das línguas Tupiniquim ou mesmo Guarani, em especial os “Guaitacases”, quando alerta: “Convém no entanto notar que o fato de uma tribo ser conhecida de europeus por um nome, nem sempre permite incluí-la nas de apelido semelhante”.²⁴

Nesses termos podemos apresentar duas possibilidades: a primeira que as doenças e as guerras teriam causado o extermínio antes que houvesse essa intensificação de contato e seu registro mais acurado; e segundo que as populações Goitacá, similar aos “Aimoré”, eram na verdade um etnônimo para outro povo e no caso o que é mais aceito por diversos autores é que seriam os Purí. Mas quais as principais questões que levam a crer que os Purí se integram ao mesmo grupo linguístico? Um dos pontos principais era que compartilhavam parte da distribuição cartográfica. Não obstante, não há como afirmar de maneira conclusiva com os dados disponíveis isso.

Todavia, estamos aqui considerando a possibilidade dos Goitacá serem um dos nomes definidos para os falantes da língua Purí levando em conta a quantidade de autores que compartilham essa hipótese. Nesses termos, traçam uma similaridade na terminologia, entre os Goitacá e os Purí que se enquadram dentro do escopo geral de uma mesma família linguística. Muitos autores vinculam os Purí, e por sua vez os Goitacá, a uma língua do tronco linguístico Macro jê.²⁵ Diferentemente dos Tupi, em relação aos Macro Jê não há um consenso entre linguistas de como se configuraram seus diferentes ramos e línguas.²⁶

24 Cf. ALMEIDA PRADO, J. F. de. *Primeiros povoadores do Brasil... Op. cit.*, p. 139.

25 Cf. RIBEIRO, E. R. Macro-Jê... *Op. cit.*; *Idem*. Tapuya connections... *Op. cit.*

26 Alguns autores como Andrey Nikulin retiram os Puri como língua

Alfred Métraux, em capítulo traduzido neste livro, colocou em dúvida a filiação estabelecida entre os Goitacá, os Puri e Coroados devido à ausência de dados.²⁷ No entanto, não descarta essa possibilidade. Havendo uma ausência de dados linguísticos ele sublinha que a resposta sobre o problema poderia ser melhor trabalhada pela história e pela etnografia.²⁸ Em concordância com Métraux, no entanto, acrescentamos aqui a arqueologia como importante em contribuir para a solução do problema. Reforçamos essa questão, cogitando que o avanço da arqueologia no Brasil nos últimos decênios pode oferecer importantes subsídios para o aprofundamento da questão histórica dos Goitacá.

A arqueologia dos Goitacá

As primeiras correlações entre os vestígios arqueológicos e as populações vinculadas aos Goitacá, como etnônimo específico, foi realizada por pesquisadores do estado do Rio de Janeiro. Se consideramos os indígenas Puri como da mesma etnia, coube a Luiz de Castro Faria a preeminência, ao relacionar os sítios arqueológicos da Serra Fluminense em 1942.²⁹

dentro do tronco linguístico Macro-Jê. Ver: RAMIREZ, H.; VEGINI, V.; FRANÇA, M. C. V. de. Koropó, puri, kamakã e outras línguas do Leste brasileiro: revisão e proposta de nova classificação. *Liames*, v. 15, n. 2, p. 223-277, 2015; NIKULIN, A. *Proto-Macro-Jê: um estudo reconstrutivo*. Tese de doutorado em Antropologia. Universidade de Brasília, 2020.

27 METRAUX, A. The Guaitacá. In: STEWARD, J. H. (Ed.). *Handbook of South American Indians*. The marginal tribes. Washington: Government Printing Office, 1946, p. 521-522.

28 Cf. METRAUX, A. Les Indiens Goitacá (à propos d'un manuscrit inédit du cosmographe André Thevet). *Journal de la Société des Américanistes*, v. 21, n. 1, p. 107-126, 1929. Disponível em: http://www.persee.fr/doc/jsa_0037-9174_1929_num_21_1_3659. Texto traduzido neste volume, em seu último capítulo.

29 FARIA, L. de C. A Antropologia no Brasil e na Tradição do Museu

No início dos anos de 1970, Ernesto Salles Cunha focou análises de paleopatologia dentárias em sítios arqueológicos no Rio de Janeiro³⁰ que associou as séries esqueléticas e a vestígios de populações Macro-Jê, aos povos ditos Coroado (também relacionados aos Purí e Goitacá).³¹

Com o advento do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (Pronapa)³² a partir de seus levantamentos prospectivos consoante preceitos teóricos da Ecologia Cultural de Julian Steward e os métodos de análise cerâmicas de James Ford³³ impulsionaram um grande número de dados, até então nunca obtidos. E começam a organizar os vestígios arqueológicos³⁴ em tradições e fases

Nacional. *Revista do Brasil*, v. 5, n. 52, p. 84–90, 1942; BELTRÃO, M. da C. de M. C. *Pré-história do Estado do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Forense-Universitário: Instituto Estadual do Livro, 1978; OLIVEIRA, J. C. de. *A Primeira Face da Tradição - Os Goitacá da história e identidade dos que não “deitaram letras”*. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Universidade Severino Sombra, Vassouras, 2004.

30 Os sítios arqueológicos investigados por Salles Cunha foram os denominados como “Santa Maria Madalena”, “do Cajú” e “Duas Barras”.

31 CUNHA, E. S. O macro-gê do interior Fluminense - nótulas de patologia dentária achegas ao estudo das populações indígenas do vale do Paraíba. Aspectos de patologia dentária. *Anais da Academia Brasileira de Odontologia*, Rio de Janeiro, p. 38–63, 1973.

32 O Pronapa foi um projeto de pesquisa arqueológica que atuou entre os anos de 1965 a 1975 contemplou todos os Estados do Brasil fora da bacia do rio Amazonas. Fora coordenada pelo casal de arqueólogos estado-unidenses Betty Meggers e Cliford Evans. As pesquisas tiveram foco principalmente nos grupos ceramistas e elaboraram uma das mais importantes sínteses sobre o período pré-colonial brasileiro. Cf. BROCHADO, J. P. *et al. Arqueologia brasileira em 1968: um relatório preliminar sobre o programa nacional de pesquisas arqueológicas*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1969.

33 Cf. MEGGERS, B. J.; EVANS, C. *Como interpretar a linguagem cerâmica*. Washington: Smithsonian Institution, 1970.

34 Segundo a definição do Pronapa: “Cada sequência seriada representa uma fase arqueológica ou cultura, caracterizada por tipos específicos de artefatos líticos, padrões de povoamento, sepultamento, bem como complexo cerâmico distinto”. BROCHADO, J. P. [et al.]. *Arqueologia brasileira em 1968... Op. cit.*, p. 4. Ver também: MACHADO, L. C. *Biologia de grupos*

arqueológicas para todo o país.³⁵ Esses dados apresentaram novos modelos frente às interpretações regionais e interligaram todos os dados entre os estados para uma contextualização nacional. Isso possibilitou a verificação de padrões de diferenças e semelhanças em amplas áreas geográficas e cronológicas.³⁶

A ordenação dos dados das pesquisas obtidas pelo Pronapa e a formação de novos pesquisadores em arqueologia categorizou evidências arqueológicas mais concretas durante os anos de 1970 (figura 2). Durante a sua execução, os pesquisadores do Pronapa evitaram relacionar os dados arqueológicos Pronapa com os dados etnográficos.³⁷ No entanto, essa perspectiva foi questionada e propostas inversas começaram a ser empregadas, mesmo por pronapianos e outros pesquisadores, na interligação entre os dados arqueológicos e etnográficos, empregando as tradições e fases a diversos grupos etnográficos.³⁸

No Espírito Santo, a relação da Tradição Una aos indígenas Puri-Coroado foi estabelecida pelo professor

indígenas pré-históricos do sudeste do Brasil. As Tradições Itaipu e Una. Rehistoria Sudamericana Nuevas perspectivas. Washington: Taraxacum, 1988, p. 77-103.

35 MACHADO, L. C. *Biologia de grupos indígenas pré-históricos do sudeste do Brasil...* Op. cit., p. 79.

36 Cf. COSTA, H. A. V. *Arqueologia do Estado do Espírito Santo: subsídios para a gestão do patrimônio arqueológico no período de investigação acadêmica (1966 a 1975)*. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/71/71131/tde-17102014-165433/es.php>.

37 BROCHADO, J. P. [et al.]. *Arqueologia brasileira em 1968...* Op. cit.; *Idem*. Um modelo ecológico de difusão da cerâmica e da agricultura no Leste da América do Sul. *Clio, Série Arqueológica*, Recife, n. 4, p. 1981, 1987.

38 Cf. BROCHADO, J. P. Um modelo ecológico de difusão da cerâmica e da agricultura no Leste da América do Sul... Op. cit., p. 1981.

Celso Perota.³⁹ Posteriormente, Ondemar Dias Jr⁴⁰ no Rio de Janeiro também relacionou a Tradição Una ao tronco linguístico Macro Jê, em particular aos grupos Puri e Goitacá. Ainda nos anos de 1970, a relação de determinados sítios arqueológicos a grupos Macro Jê, enfatizando os Goitacá, foi reforçada pela arqueóloga Maria Beltrão também no Rio de Janeiro.⁴¹

A relação da Tradição Una e seus vestígios arqueológicos, em relação aos falantes dos do tronco linguístico Macro Jê, estabeleceu-se mediante um consenso na arqueologia do Sudeste.⁴² No entanto, ainda decorrem problemas em se relacionar os grupos Goitacá e Puri-Coroadó. Essa problemática está em definir se são de fato distintos ou homólogos entre si. Como a arqueologia apresentou uma resposta referente a esta questão?

Como discutido neste capítulo, após as pesquisas desenvolvidas pelo Pronapa, foram estabelecidas as fases arqueológicas que indicavam cronologias e padrões de diferenciação dentro das tradições e também passaram a se relacionar a grupos étnicos específicos. Para o Espírito Santo, a Tradição Una manifestou-se na fase Tangui, distribuída entre a baía de Vitória e sul do Estado, entre o interior montanhoso e o litoral, relacionada aos Puri e Goitacá como citado.⁴³

39 Cf. PEROTA, C. As datações de C-14 dos sítios arqueológicos do Espírito Santo. *Revista de Cultura da UFES*, v. 6, 1975.

40 Cf. DIAS JR., O. F. Dados para o Povoamento não tupiguarani do Estado do Rio de Janeiro. *Relações Arqueológicas e Etnográficas. Boletim do Instituto de Arqueologia Brasileira*, n. 8, 1979.

41 Cf. BELTRÃO, M. da C. de M. C. *Pré-história do Estado do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Forense-Universitário: Instituto Estadual do Livro, 1978.

42 *Ibidem*

43 Cf. PEROTA, C. *Os índios de Aracruz*. Vitória: [s.n.], 1995; *Idem*. Resultados preliminares sobre a arqueologia da região Central do Estado do Espírito Santo. In: *Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas* - Páginas

Para o Rio de Janeiro foram formuladas mais fases para a tradição Una, tais como a fase Mucuri para a região Serrana⁴⁴ e a Fase Una para o litoral por Ondemar Dias Jr⁴⁵ e Alfredo de Mendonça Sousa estabeleceu a fase Jabaquara para o litoral sul fluminense.⁴⁶ A presença da tradição Una no Rio de Janeiro apresenta datação mais antiga de 1430 ± 65 antes do presente (550 AD).⁴⁷ Nessa organização, a Fase Mucuri foi relacionada aos Goitacá e a Fase Una aos Puri.⁴⁸

Em meados dos anos 2000 decorre uma retomada deste tema relacionado com a arqueologia Goitacá com a realização da escavação do sítio arqueológico “Grande Una”, localizado no município de Cabo Frio. Com o desdobramento da dissertação de mestrado de Jeane Cordeiro de Oliveira intitulada *A primeira Face da Tradição: os Goitacá da história a identidade dos que não “deitaram as letras”*.⁴⁹

Avulsas. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém, 1971; COSTA, Henrique Antônio Valadares. *Arqueologia do Estado do Espírito Santo: subsídios para gestão do patrimônio arqueológico no período de investigação acadêmica de 1966 a 1975*. Tese (Doutorado). Doutorado em Arqueologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

44 Cf. DIAS JR., O. F. Resultados preliminares do segundo ano de pesquisas no Estado do Rio de Janeiro. In: PRONAPA, *Resultados Preliminares do 2o ano, 1966-1967*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém, 1969, p. 119–129; *Idem*. Considerações iniciais sobre o terceiro ano de pesquisas no estado do Rio de Janeiro. In: PRONAPA, *Resultados Preliminares do 3o ano, 1967-1968*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém, 1969, p. 143–159.

45 Cf. *Idem*. A pré-história da Serra Fluminense a utilização das grutas do Estado do Rio de Janeiro. *Pesquisas*, Série Antropologia, São Leopoldo, n. 31, 1980; *Idem*. Dados para o Povoamento não tupiguarani do Estado do Rio de Janeiro. *Relações Arqueológicas e Etnográficas. Boletim do Instituto de Arqueologia Brasileira*, n. 8, 1979.

46 Cf. SOUZA, A. M. de. A Pré-História de Parati. Nheengatu. *Cadernos Brasileiros de Arqueologia e Indigenismo*, ISBC, v. I, n. 2, p. 47–90, 1977.

47 Cf. OLIVEIRA, J. C. de. *A Primeira face da tradição...* Op. cit.

48 Cf. PROUS, A. *Arqueologia Brasileira*. Brasília: UnB, 1992.

49 Cf. OLIVEIRA, J. C. de. *A Primeira Face da Tradição...* Op. cit.

A hipótese que Jeane Oliveira defendeu em sua dissertação é a de que a população vinculada à tradição Una, na fase Una, no período datado em Cabo Frio entre 1250 AD e 1600 AD estão filiadas aos Goitacá, e propõe a supressão do termo tradição e fase em arqueologia para a denominação étnica determinada por Goitacá do século XVI.⁵⁰ Posteriormente, para a região dos Lagos no Rio de Janeiro a mesma Jeane Oliveira, em publicação de artigo em coautoria com Madu Gaspar, Angela Buarque e Eliana Escórcio⁵¹ argumentaram, em síntese, a tese de que “os Goitacá parecem ter se imiscuído no território sambaquieiro e estreitado laços de convivência, incorporando certos costumes” durante o período colonial.⁵²

Em suma, podemos determinar que a arqueologia apresenta que tanto as evidências de uma diversidade artefactual e padrões de ocupação e sepultamento contrapõem em muitos aspectos as informações apresentadas pelos cronistas europeus. E que a solução para o problema Goitacá não deve ser um problema exclusivo de nenhuma ciência social, mas a integração de dados e interpretações provenientes tanto da arqueologia, da antropologia, da história, quanto da etnografia; eis o caminho metodológico a ser empreendido.

50 Cf. OLIVEIRA, J. C. de. *A Primeira Face da Tradição... Op. cit.*

51 GASPAR, M. D. [et al.]. Tratamento dos Mortos entre os Sambaquieiros, Tupinambá e Goitacá que ocuparam a Região dos Lagos, Estado do Rio de Janeiro. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, v. 17, p. 169–189, 2007.

52 *Ibidem* p. 175.

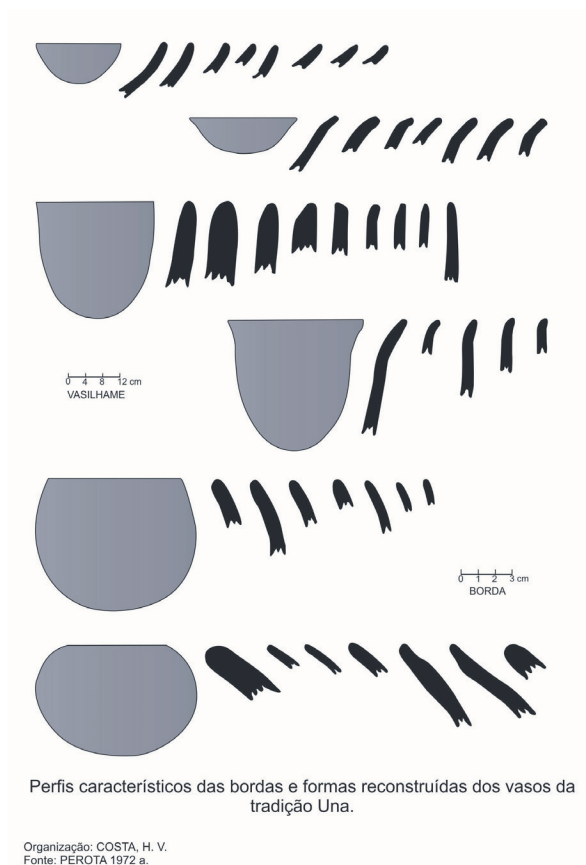


Figura 2: Representação das reconstituições das vasilhas segundo os vestígios cerâmicos.

Uma nova consideração

Como Florestan Fernandes advoga, devemos sair do descritivismo etnográfico⁵³ e fazer uso de todo aparato teórico e metodológico possível para levantar questionamentos, mesmo que esses futuramente sejam reexaminados por novas fontes ou mesmo novos paradigmas

⁵³ Cf. FERNANDES, F. *A investigação etnológica no Brasil e outros ensaios...* Op. cit.

teóricos e metodológicos. As fontes nunca serão suficientes para recompor aspectos dessas culturas tão negligenciadas. Os pesquisadores não podem se abster de trabalharem com os dados disponíveis para refletir sobre modelos de ocupação. Os avanços nas pesquisas tem sido promissores. Não há dúvida de que novos dados e/ou novos paradigmas teóricos possam acrescentar e trazer melhores formulações nos próximos anos. Os Goitacá estão à espera disso!

O que podemos dizer a partir dos dados disponíveis? A hipótese aqui apresentada baseia-se numa interpretação quantitativa ainda pequena de informações. No entanto, o exercício interpretativo com bases teóricas fundamentadas sobre a ocorrência de fatos históricos ou grupos sociais de pouca visibilidade deve ser, sob muita cautela, realizada. A discussão sobre os Goitacá vem sendo reduzida a organização de fontes e descritivismos, o que não tratamos como sem importância ou demérito, considerando que até neste espectro são escassos os textos produzidos. Não podendo contar com dados linguísticos o que se pode fazer em relação e o problema?

Na etnografia, além de retratar a capacidade bem sucedida na guerra e caça, os Goitacá são apresentados como praticantes da agricultura ao mesmo tempo que apresentam um mobiliário (cultura material) pobre e que suas habitações eram ocupadas com camadas de folhas dormindo ao chão. Outra questão que chama a atenção é que construção textual que o período colonial deixou sobre os Goitacá menciona um povo que possuía extensa área territorial, que foi capaz de suportar a pressão expansionista de grupos Tupi e também dos portugueses por dois séculos. Observa-se aqui uma contradição entre essas informações. A arqueologia trouxe-nos subsídios que confirmam algumas discrepâncias.

Há poucas referências a determinados aspectos da vida entre os Goitacá, de como organizavam suas comunidades, suas instituições, a posição do gênero feminino ou mesmo os costumes e cuidados dispensados às crianças, assim como uma educação voltada para a caça e a guerra. Além de não haver descrições precisas, como no caso de outros povos, sobre o padrão de assentamento Goitacá. Em suma, como “operavam” seus núcleos de ocupação principais? Não sabemos. Mas, acredita-se que eles existiram. A ideia de um grupo bestializado, animalidade essa reforçando a dicotomia entre Tupi e Tapuia tratou da interação pouca amistosa entre os “não-Tupi” nos dois primeiros séculos da presença europeia.⁵⁴ Em síntese, a terminologia Goitacá foi uma atribuição dada pelo processo colonialista, para reforçar e justificar políticas de violência e conquista.

Como citado, a arqueologia apresentou informações que contrastam com parte das narrativas dos cronistas. Em especial sobre um mobiliário pobre e acrescentou informações sobre o tamanho das aldeias ocupadas. Ao contrário dos assentamentos provisórios, os sítios relacionados às populações Goitacá apresentaram diversidade em sua cultura material e complexidade simbólica considerando o padrão de sepultamento em urnas cerâmicas.⁵⁵ E reforçam a hipótese de eles possuírem uma filiação cultural muito próxima aos indígenas Puri.⁵⁶

O que em síntese se argumenta é que haviam condições necessárias para que essas populações possuísem todos os elementos que observamos em outras populações da mesma época ou em épocas posteriores ao

54 Cf. MONTEIRO, J. M. *Tupis, tapuias e historiadores...* *Op. cit.*

55 Cf. OLIVEIRA, J. C. de. *A primeira face da tradição...* *Op. cit.*; GASPAR, M. D. [et al.]. *Tratamento dos Mortos entre os Sambaquieiros...* *Op. cit.*

56 Cf. COSTA, H. A. V. *Um pouco da história e da cultura Puri...* *Op. cit.*

período colonial. O fato de haver a ausência de informação extensa sobre outros elementos não quer dizer que eles não existiram. Muito dos grupos contemporâneos apresentados, em especial os Tupi-Guarani, apresentaram e ainda apresentam grande complexidade.⁵⁷

Considerando que os Goitacá foram uma sociedade com capacidade de manter distanciamento e diversas vitórias, isso não se deve à sua selvageria ou “maior animalidade”, mas sim a tecnologias sociais e materiais capazes de produzir aqueles feitos. Uma organização social envolve a relação entre as instituições de uma determinada cultura, tais como as relações de gênero, a organização do trabalho, como se processa a economia, entre outros elementos que se interagem e servem para constituir uma sociedade, distinguindo uma cultura de outra.

Os Goitacá, que acreditamos terem sido falantes da língua Purí, tiveram as suas aparições nas crônicas coloniais reduzidas, traduzidas e simplificadas a poucos aspectos do de seu sistema social. O que foi registrado pelos cronistas do período colonial são apenas alguns aspectos que estavam articulados a uma cultura muito mais complexa. Naquela imagem imprecisa, os Goitacá eram vistos majoritariamente em condições de disputa territorial.

Consideramos que as representações dos Goitacá retrataram apenas um aspecto da cultura geral do grupo. Supomos que o cotidiano dessas populações era muito

57 Cf. FERNANDES, F. *Organização Social dos Tupinambá... Op. cit.*; SEEGER, A.; DAMATTA, R.; VIVEIROS DE CASTRO, E. A construção da pessoa nas sociedades indígenas brasileiras. *Boletim do Museu Nacional*, v. 32, n. 1–2, p. 2–19, 1979; *Idem*. *A inconstância da alma selvagem... Op. cit.*; *Idem*. *Araweté... Op. cit.*; NOELLI, F. S. *Sem Tekohá não há Teko: em busca de um modelo etnoarqueológico da aldeia de subsistência Guarani e sua aplicação a uma área de domínio no delta do rio Jacuí-RS*. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1993; ASSIS, V. S. de. *Da espacialidade Tupinambá... Op. cit.*

mais diversos e rico como é apresentado na arqueologia. Se considerarmos ao relato de troca comercial em Jean de Lery (LERY, 1961) dos Goitacá (no texto Uetacá) notícia a recusa comercial dos mesmos com os europeus e coloca que era exercido somente com outros indígenas, no caso Tupinambá:

Como não têm nem querem ter comércio com os franceses, espanhóis e portugueses, nem com outros povos transatlânticos, ignoram em que consistem as nossas mercadorias. Entretanto, conforme vim a saber de um intérprete normando, quando seus vizinhos os procuram e eles concordam em atendê-los, assim procedem: o margaiá, o caraiá ou otupinambá¹⁹ (assim se chamam as nações vizinhas), sem se fiar no uetacá mostra-lhe de longe o que tem a mostrar-lhe, foice, faca, pente, espelho ou qualquer outra bugiganga e pergunta-lhe por sinais se quer efetuar a troca. Em concordando, o convidado exhibe por sua vez plumas, pedras verdes que coloca nos lábios, ou outros produtos de seu território. Combinam então o lugar da troca, a 300 ou 400 pés de distância; aí o ofertante deposita o objeto da permuta em cima de uma pedra ou pedaço de pau e afasta-se. O uetacá vai buscar o objeto e deixa no mesmo lugar a coisa que mostrara, arredando-se igualmente, a fim de que o margaiá ou quem quer que seja venha procurá-la. Enquanto isso se passa são mantidos os compromissos assumidos. Feita, porém a troca, rompe-se a trégua e apenas ultrapassados os limites do lugar fixado para a permuta procura cada qual alcançar o outro a fim de arrebatá-lo a mercadoria.⁵⁸

A citação acima de Jean de Lery sobre as relações de troca entre os grupos, se considerarmos a antropologia de Cláude Levi-Strauss⁵⁹ e referendando a de Marcel Mauss sobre as relações de troca nas sociedades indígenas, compreende-se que elas nunca podem ser reduzidas a mera questão de mercadoria em si, pois,

⁵⁸ LERY, 1961, p. 63-64.

⁵⁹ Cf. LÉVI-STRAUSS, C. *As estruturas elementares do parentesco*. 6º ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

a troca se apresenta nas sociedades primitivas menos em forma de transação do que dons recíprocos, e em seguida que estes dons recíprocos ocupam um lugar muito mais importante nessas sociedades do que as nossas.⁶⁰

O mesmo autor reforça que as relações de troca impregnam “todas as operações rituais ou profanas no curso dos quais são dados ou recebidos objetos e produtos”.⁶¹ E continua sua consideração reforçando que “consiste em um conjunto complexo de manobras, conscientes ou inconscientes, para adquirir garantias e prevenir-se contra riscos no duplo terreno das alianças e rivalidades”.⁶² O que refletimos que uma mera operação comercial simplificada na crônica de Lery envolvia um enorme arcabouço de complexidade cultural.

Em suma, o que se procura aqui apresentar é a hipótese de que os Goitacá, eram um termo utilizado para se referir a uma manifestação de uma identidade étnica específica de combate para defesa, caça e expansão de territórios. E que isso envolvia um *modus operandi* que marcou uma estratégia dentro da organização social, mas também dos espaços selecionados para suas aparições. Os Goitacá eram um termo, que provavelmente tratava de uma manifestação, ritual ou não, de um grupo que provavelmente estava associado aos falantes do tronco linguístico Macro Jê, potencialmente, um ramo dos grupos Purí e Coroadó.

Esses Goitacá tão mencionados nas crônicas e retratados de forma tão breve quanto assustadora em sistemáticas generalizações pelo colonizador com tão

60 LÉVI-STRAUSS, C. *As estruturas elementares do parentesco...* Op. cit., p. 91.

61 *Ibidem*, p. 92

62 *Ibidem*, p. 93

poucas informações e generalizações, que seguramente possuíam uma cultura rica e complexa e, lamentavelmente, foram reduzidos à política colonial a um esteriótipo grotesco de “bestas feras”.

Trajetórias históricas e direito à memória: o legado Goitacá à luz da decolonialidade

Rossana Britto
Marcello A. Vieira
Isabella Machado

*Toda vila é um campo de batalha.
De Cabo Frio ao Rio Cricaré, tudo é deles.
(Ribeiro Lamego)*

Entre produção e necessidade: a perspectiva decolonial

A contemporaneidade da práxis historiográfica, para além de paradigmas técnicos, pode ser analisada também através do binômio calcado no contraste entre produção e necessidade. Isto porque a produção científica no campo da História deve acompanhar as demandas e novas dinâmicas de sociabilidade presentes no espaço-tempo no qual ela é formada. Portanto, é sempre oportuna a adaptação das narrativas científicas à medida que a fluência de novas formas de interações vão se consumando.

Assim, pretendemos aqui abordar os indígenas Goitacá sob o prisma de sua ação histórica, isto é, reconhecendo estes enquanto influentes atores históricos dentro de seus itinerários, bem como no transcórre da sucessão fática colonial. Este movimento de reconhecimento das nações indígenas enquanto agentes históricos goza de amparo no desenvolvimento dos estudos decoloniais, e

em especial, nas recentes discussões em torno da questão latino-americana.

A abordagem pretendida localiza no conceito de colonialidade do poder, do sociólogo peruano Aníbal Quijano, o seu referencial basilar, compreendendo-a como uma epistemologia prática. De acordo com Quijano,⁶³ a colonialidade do poder é um fenômeno originado durante o colonialismo mas que projetou os seus efeitos para além do período histórico em que se originou. A projeção de efeitos estruturou toda a ossatura de dominação europeia do ponto de vista cultural e social, onde se vêem as marcas de tal construção até a atualidade.

O início do empreendimento colonizador europeu deu-se mediante a divisão racial dos povos que compunham o quadro social colonial das Américas em negros, indígenas e mestiços. As três categorias cunhadas pelos colonizadores para designar os povos que se diferenciavam fenotipicamente deles formam também um projeto de neutralização de identidades, pois com uma identificação generalizada, contribuiu imensamente para a gradual perda de identidades no que tange à relação destes povos com suas etnias e nações. Assim, a ideia de indígenas, por exemplo, enquanto uma palavra para classificar toda a diversidade de nações presentes nas Américas invisibiliza as individualidades culturais e práticas particulares de cada povo.

Para além da quebra do sentimento de pertença, a classificação racial extensiva foi instrumentalizada pelos colonizadores para que justificassem uma hierarquização

63 QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005, p. 114.

racial pautada no grau de distanciamento fenotípico das nações indígenas nativas das Américas e dos africanos escravizados em relação à branquitude europeia, seus costumes, práticas e instituições.

Quijano,⁶⁴ expõe assim a forma como a conjunção de saberes advindos da modernidade contribuíram para a referida classificação social. Isto porque, para o colonizador, o grau de distanciamento fenotípico dos indígenas americanos e dos africanos que viviam no continente em relação a ele os tornavam mais próximos do estado de natureza. Portanto, na visão europeia, quanto menos embranquecidas eram as pessoas, menos racionais e civilizadas elas eram. Tal concepção influenciou para que se justificasse, por exemplo, a divisão de trabalhos físicos para africanos e indígenas, e trabalhos em espaços de poder, que se utilizavam mais do pensamento para execução, reservados aos europeus.

A projeção de efeitos do fenômeno da colonialidade do poder, então, extrapola o período histórico do colonialismo, sendo que até o tempo presente se verifica a desigualdade de oportunidades no acesso ao conhecimento, bem como na conquista de oportunidades no mercado de trabalho. Os chamados espaços de poder ainda são dominados majoritariamente por pessoas brancas, enquanto que os trabalhos braçais são delegados às pessoas que se distanciam do referido fenótipo presente nos espaços de poder.

É evidente que o impacto da colonialidade do poder enquanto fenômeno e empreendimento seria projetado também sobre a construção do saber histórico, pois sendo as narrativas um campo de disputa, invariavelmente sai favorecido o grupo que detém mais meios para ditar os

64 QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do Poder e Classificação Social. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (org.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010, p. 74.

pilares da construção deste conhecimento. Aníbal Quijano aponta também para a consideração necessária da diversidade cultural na práxis historiográfica, pois os movimentos latino-americanos contemporâneos necessitam superar o debate que privilegie a figura do colonizador europeu enquanto agente único da formação histórica e cultural americana, citando que

neste novo contexto, estão hoje ativos outros componentes do debate latino-americano que apontam para uma nova ideia da totalidade histórico-social, núcleo de uma racionalidade não-eurocêntrica. Principalmente, as propostas sobre a colonialidade do poder e sobre a heterogeneidade histórico-estrutural de todos os mundos de existência social.⁶⁵

Logo, a escolha da teoria decolonial para esta abordagem sobre a história dos Goitacá se coloca enquanto uma reflexão e um reconhecimento da vivência e das ações desta nação indígena no sentido de uma força motriz de sua própria história e de impacto simultâneo na dinâmica colonial, realizando-se assim uma reflexão que tem como meta a discussão das práticas e sociabilidades deste povo em si e não em função ou a partir do colonizador como se fosse um sujeito histórico passivo.

As novas perspectivas epistemológicas devem recuperar o olhar sob os povos analisados de maneira que mitigue os impactos da modernidade e da colonialidade europeia, no que tange à perpetuação do domínio de uma narrativa que coloque o colonizador em posição de superioridade e as práticas dos povos originários das Américas, bem como dos africanos que para a América vieram trazidos sob a escravidão, em posição de inferioridade ou de menos desenvolvida.

Retomando-se o binômio de produção e necessidade no campo da História, vislumbrar os saberes dos Goitacá fora

65 QUIJANO, A. *Colonialidade do Poder e Classificação Social*, 2010, p. 76.

do espectro de conhecimento formulado a partir de moldes eurocêtricos. Eis o desafio para um novo rol de pesquisas, pois é bastante urgente refletir práticas e protagonismos históricos tendo como horizonte crítico um sistema que foi pensado pelo homem branco europeu para a invisibilização identitária e não inclusão social daqueles que constituíam uma alteridade ao seu projeto e ao seu fenótipo de colonizador. Ou seja, destaca-se também a necessidade da realização de produções que reforcem o direito à memória dos povos latino-americanos, em especial, das nações declaradas extintas como é o caso dos Goitacá, vítimas da conquista e da empresa colonizadora europeia em território brasileiro e, no caso específico, capixaba.

Considerações iniciais acerca da produção historiográfica sobre os indígenas Goitacá

Muito pouco se sabe ou se encontra na historiografia brasileira acerca dos Goitacá, uma etnia declarada extinta já no século XIX. Tal fato decorre, sobretudo, do etnocídio e das escassas produções acadêmicas a respeito desse povo. Contudo, muito embora essas limitações sejam uma realidade, cada vez mais os historiadores têm revisitado os estudos do geógrafo Alberto Ribeiro Lamego, autor da obra *O homem e o brejo* que traz preciosas informações sobre esses indígenas, e também a obra *A descrição geográfica, política e cronográfica do Distrito dos Campos dos Goytacazes*, de Manoel Martins do Couto Reis.

No que se refere à obra deste último, infere-se que no final do século XVIII, a América portuguesa conheceu a redação de um grande número de relatórios sobre a produção e o comércio de uma diversidade de regiões coloniais, além do surgimento de mapas e de investigações sobre as riquezas e artificios existentes no Brasil. Em Campos dos Goytacazes, o

militar de carreira Manoel Martins do Couto Reis fora um dos principais nomes a escrever sobre a população, os costumes e o comércio da localidade, que no século XVI era denominada Capitania de São Tomé, doada ao donatário Pero de Goes da Silveira.⁶⁶

Os indígenas Goitacá habitavam as planícies da região de Campos e ofereceram forte resistência à invasão portuguesa. Conhecedores do território que habitavam, além de conhecerem o manejo do arco com destreza, nos dizeres de Lamego⁶⁷, sabiam explorar a lagoa Feia, de Carapebus e de Ponta de São Tomé, e também toda a costa do mar correspondente até os arredores de Macaé.⁶⁸

No que tange à etimologia da palavra *Goitacá*, como vimos no capítulo anterior, há inúmeras denominações: Guaitacá, Guatahar, Goitacax, Guiatacás, Goitacás, Ovaitagnasses, Owetacá, Waitacá, Euatacá, Aitacax, Itacaz e Uetacaz, todas recolhidas para além do território em que habitavam. O historiador Vanhargen traduzia a palavra Goitacá por *corredores*, considerando que o verbo “guatá” significaria a palavra correr. Contudo, apesar de muitas traduções, como a de von Martius que daria o significado de “corredores da mata”; e a de Batista que dizia que “Goitacá” derivaria de *aquân-atahar*, isto é, “ligeiro marchador”, a etimologia mais exata é a de José Geraldo Bezerra de Meneses, um grande conhecedor do *Abãneenga*.⁶⁹

66 Cf. OLIVEIRA, V. L. A. Descrição Geográfica e Política do Distrito de Campos dos Goytacazes – 2ª Parte (1785). *Revista de Fontes*, v. 8, p. 33-54, 2018.

67 LAMEGO, Alberto Ribeiro. *O Homem e o Brejo*. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1940, p. 61.

68 REIS, Manoel Martins do Couto. *Manuscritos de Manoel Martins do Couto Reis 1785: Descrição geográfica, política e cronográfica do Distrito dos Campos dos Goytacazes*. Fundação Cultural Jornalista Oswaldo Lima; Rio de Janeiro: Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, 2011, p. 145.

69 *Ibidem*.

Nunca é demais lembrar que no decorrer da colonização, os portugueses aprenderam o idioma indígena a fim de melhor orquestrar a dominação por meio da comunicação. Dessa forma, os jesuítas aprenderam o tupi e isso teve influência significativa na língua portuguesa usada no território brasileiro, afinal essa era a língua que os jesuítas utilizavam na catequização dos povos originários do Brasil. Há duas variantes da língua geral: a língua do Norte ou tupi moderno, e a língua do Sul ou tupi astral. O conjunto dessas línguas é conhecido como *Abãneenga*.⁷⁰

José Geraldo Bezerra de Meneses, apesar de pouco ter deixado sobre sua produção e cultura, em carta inédita a Alberto Ribeiro Lamego, demonstra que o vocábulo *gua* ou *aua* ou *aba* significaria homem, indígena ou gente; e *ytá* equivaleria a nadar e, por fim, *quaa* significaria saber. Logo, “indígenas nadadores” configura-se como a melhor expressão para os Goitacá, palavra originalmente tupi guarani, muito embora eles se autodenominassem de outra forma, a qual desconhecemos.⁷¹

No que se refere aos rituais, costumes e comportamento desse povo, destaca-se, primeiramente, a agressividade pela qual é conhecido, segundo os relatos de cronistas. João de Lery é o primeiro a destacar esses indígenas em 1578 na sua *História de Uma Viagem Feita à Terra do Brasil*, oportunidade em que descreve os campos e lagoas como uma terra habitada pelos Goitacá que, por sua vez, teriam hábitos antropofágicos.⁷² Senão, veja-se:

A terra é possuída e habitada pelos Goitacases, selvagens tão ferozes e bravios, que não podem viver em paz com outros,

⁷⁰ ELIA, Silvio. *El portugués en Brasil: Historia cultural*. Madrid: Mapfre, 1992, p. 27.

⁷¹ Cf. LAMEGO, Alberto Ribeiro. *O Homem e o Brejo... Op. cit.*

⁷² *Ibidem*, p. 60.

e têm sempre guerra aberta e contínua não só com todos os seus vizinhos, mas também com todos os estrangeiros.

Andam nus, assim como fazem todos os brasileiros, e trazem cabelos compridos e pendentes até as nádegas, contra o costuma mais ordinário dos homens desse país. [...]

Em suma, esses diabólicos Goitacases, invencíveis nessa limitada região, comedores de carne humana como cães e lobos, e possuidores de língua não entendida pelos vizinhos, devem ser considerados e postos na ordem das nações mais bárbaras, cruéis e terríveis que se possam achar em toda a Índia ocidental e terra do Brasil.⁷³

Depreende-se dessa passagem que se tratam de indígenas que eram temidos por todos, uma vez que além dos hábitos acima demonstrados, teriam em seus terreiros de aldeias as ossadas dos que mataram e comeram. Costumavam dormir no chão sobre as folhas e não aderiram ao costume de redes ou cama, pois, segundo Simões de Vasconcelos, toda a riqueza dos Goitacá concentrava-se em seu arco e flecha.

Acerca dos rituais fúnebres desse grupo, os mortos eram geralmente guardados em igaçabas, o que fora descrito brevemente por Lamego e confirmado pelo padre Aires de Casal em sua obra *Corografia Brasileira do Reino do Brasil*. Os mortos eram depositados encolhidos nesses grandes vasos de barro cilíndricos.⁷⁴

Todavia, considerando o olhar decolonial ora mencionado, é importante considerar que a visão dos cronistas não pode significar a percepção exata sobre esses indígenas, tendo em vista o caráter de domínio e colonização dos portugueses sobre os ameríndios.⁷⁵

73 LAMEGO, Alberto Ribeiro. *O Homem e o Brejo... Op. cit.*, p. 60.

74 CASAL, Manoel Aires de. *Corografia Brasileira do Reino do Brasil*. 1976, p. 207.

75 LAMEGO, Alberto Ribeiro. *O Homem e o Brejo... Op. cit.*, p. 62.

O próprio Lamego questiona se os Goitacá seriam realmente o que pintavam os cronistas e colonos primitivos ou se tal imagem de agressividade e ferocidade não passaria de uma resistência forte dos indígenas contra a invasão europeia pela qual o Brasil passou. O próprio fato de associar a antropofagia a um estado de selvageria ou não evolução já resgata uma leitura de superioridade que os primeiros colonos faziam sobre si mesmos em relação aos povos originários brasileiros, o que abrange, sobretudo os Goitacá, mas também Tupis-Guaranis, Gês e outros.⁷⁶

Com o decorrer do tempo e da invasão portuguesa, o etnocídio levou ao desaparecimento da herança Goitacá em Campos, afinal houve tanto o massacre dessa etnia quanto o ocultamento de sua história devido à opção política de apagamento do legado indígena no Brasil, que ocorreu simultânea e sistematicamente em relação a vários povos indígenas. Lamego, por sua vez, ainda pontua que o desaparecimento dos Goitacá teria se dado pelo avanço dos Guaranis no Brasil.⁷⁷ Logo, diante da escassez historiográfica já mencionada, questiona-se qual é a memória deixada por esses indígenas no imaginário popular de Campos dos Goytacazes e que talvez tenha direta conexão com práticas ou vestígios existentes no território capixaba, sobretudo em porções de terra entre os Rios Itapemirim e São Mateus.

Crônicas de viagem, relatos e a tentativa de construção do perfil Goitacá na historiografia

A história colonial do norte fluminense e de grande parte do atual estado do Espírito Santo, somente pode ser desvelada a partir da história indígena, mais especificamente,

⁷⁶ LAMEGO, Alberto Ribeiro. *O Homem e o Brejo... Op. cit.*, p. 63.

⁷⁷ *Ibidem*, p. 72.

a partir da história dos indígenas do tronco Macro-Jê. Couto Reis diz que na região, alguns grupos se chocavam, tais como os Goitacá, os Puri, os Coropó e os Saruçu, entre tantos outros. Os Guarulhos tinham uma aldeia em frente a Campos e se espalharam por São Paulo, assim com os Guarús que ocupavam a baixada às margens do Rio Paraíba do Sul.⁷⁸

As guerras intertribais prevaleciam e os Coropó foram assimilados pelas tribos Goitacá de acordo com o pesquisador Azeredo Coutinho. Já os Puri, dominavam as florestas da região de Muriaé (Minas Gerais), indo às margens do Rio Itabapoana atingindo grandes porções do território capixaba. Segue abaixo uma descrição de Lamego sobre o povo Goitacá, análise ainda marcada pelos pressupostos etnocêntricos:

Igualmente já falamos desses índios sem tabas, sem leis, sem crenças, erradios em hordas impalpáveis, alcateando sinistramente pelas orlas florestais, em tocaia permanente, contra o branco. Trilhando sendas clandestinas de Cantagalo às águas do Rio Sauanha em pleno sertão do Espírito Santo -, raro exteriorizavam seus costumes, do sigilo misterioso de suas selvas. Dos parques aldeamentos, um apenas persistiu. É hoje Itaocara.⁷⁹

Segundo Couto Reis, os indígenas do grupo Goitacá eram arredios e nômades por excelência. Andejos, eles se protegiam das tempestades embaixo de troncos com folhagens. Assim como os Puri (que, para alguns memorialistas, etimologicamente, significaria comedor de carne humana), os Goitacá seriam índios ferozes, estereótipo persistente até hoje na historiografia tradicional. Fala-se, inclusive que os Aimoré não desciam para a planície campista

78 LAMEGO, Alberto Ribeiro. *O Homem e o brejo... Op. cit.*, p. 32.

79 *Ibidem*, p. 33-34.

temendo a fúria dos Goitacá. “Eram os mais terríveis índios dos Brasis”, segundo o jesuíta Simão de Vasconcelos (1597-1671). As missivas de Pero de Góis (morto em 1554), donatário da capitania expulso do litoral pelos indígenas em sua primeira tentativa da empreitada de colonização demonstram a resistência aguerrida Goitacá.⁸⁰

Confusões de termos eram fáceis naqueles tempos de inúmeras tribos espalhadas pelo sertão. Os Guarulhos, por exemplo, viviam em frente a Campos o que prolongava a cidade pela margem esquerda do Paraíba. Talvez eles sejam os mesmos Saruçú descritos como habitantes na margem esquerda do rio Macaé segundo Cornélio Fernandes.

Segundo especialistas, os Goitacá definiam um grupo étnico específico, que remontam aos primeiros cronistas, que os descreviam como terríveis corredores das matas e nadadores exímios. Na cobiçada costa brasileira onde somente as tribos mais guerreiras, geralmente Tupis, se garantiam à força de batalhas, mas também de alianças com os portugueses, em relação aos Goitacá dirá o geólogo Alberto Ribeiro Lamego (1896-1985) “de Cabo Frio ao rio Cricaré é tudo deles”.

O primeiro cronista a falar dos Goitacá foi Jean de Lery (1536 - 1613). O sapateiro e pastor huguenote, que vivenciou as duras querelas religiosas da França Antártica na região da Baía de Guanabara, os chamava de Paraíbes, localizados ao sul de Itapemirim.

Segundo a historiadora Maria Regina Celestino, alianças eram difíceis de serem feitas, pois se para alguns grupos indígenas, a sobrevivência estava na aliança com os europeus, para outros ela podia estar no enfrentamento e na construção de uma imagem terrificante que tinha o efeito de despertar

80 LAMEGO, Alberto Ribeiro. *O Homem e o brejo... Op. cit.*, p. 34.

o medo nos inimigos e mantê-los distantes, pelo menos por um certo tempo. A fama de “bárbaros”, cruéis e implacáveis inimigos construída pelos colonizadores e indígenas deve ter servido, de alguma forma, aos Goitacá, que acabariam fazendo jus, segundo os informes, a esses qualificativos, ao terem dado violento combate aos colonos, enquanto puderam.⁸¹

A trajetória territorial dos Goitacá

Quanto à capitania de Vasco Fernandes Coutinho, na obra *Valentes, diabólicos, invencíveis e aliados: Goitacá, Temiminó, portugueses, franceses e jesuítas na capitania do Espírito Santo*, tem-se:

Na vila do Espírito Santo (atual Vila Velha), primeiro núcleo colonial em terras capixabas, os constantes ataques desde o desembarque do donatário Vasco Fernandes Coutinho em 1535, obrigaram os colonos portugueses a procurarem um local mais seguro, o que acabou redundando na fundação da Vila Nova do Espírito Santo, depois rebatizada Vitória. Alguns anos antes, no final da década de 1540, quando Coutinho viajara a Portugal em busca de recursos, os Goitacazes, conforme Gabriel Soares de Sousa (Op. cit), aliados aos Tupiniquins, mataram D. Jorge de Menezes que administrava a capitania em substituição ao capitão donatário e em seguida seu sucessor, D. Simão de Castelo Branco.⁸²

Sorte idêntica teve a Vila da Rainha fundada à margem direita do rio Itabapoana na Capitania de São Tomé e que pertencera a Pero de Góis da Silveira. Após um período de trégua entre o donatário e os Goitacá, alguns colonos

81 ALMEIDA, Maria Regina C. de. *Metamorfoses indígenas: identidade e cultura nas aldeias coloniais do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2003, p. 59-60.

82 BOURGUIGNON, 2016, p. 133.

estabelecidos no Espírito Santo sequestraram um chefe indígena na região entregando-o a seus inimigos, fato que motivou a destruição da vila e a expulsão de todos os colonos.⁸³ As constantes ofensivas dos Goitacá levaram o donatário a desistir de sua ocupação regressando a Portugal no ano de 1570.⁸⁴

Esse caráter beligerante e outras características como altura superior a outras tribos, o canibalismo; inclusive de crianças inimigas e a destreza em correr e nadar encontradas nos textos dos cronistas dos séculos XVI e XVII e confirmadas em pesquisas arqueológicas, possibilitaram a construção de uma representação dos Goitacá impondo grandes obstáculos ao progresso e a civilização pretendidas pelos europeus, subsumidos ao projeto colonizador, no sul da capitania do Espírito Santo e na capitania de São Tomé, adequando-os no modelo dicotômico tupi/tapuia.

O nome Goitacá fora criado, posto em circulação e apropriado pelos cronistas do século XVI como parte de uma tentativa daqueles autores em tentar ordenar em seus relatos a sociodiversidade que encontraram no litoral brasileiro. Dessa forma dividiram os povos indígenas em Tupis - seus aliados -, enquanto que os tapuias “representavam o traiçoeiro selvagem, obstáculo no caminho da civilização, muito distinto do nobre guerreiro que acabou se submetendo ao domínio colonial”.⁸⁵

Destaca-se que todo o baixo Vale do Paraíba na parte fluminense também era dominado pelos Goitacá, sempre levando em consideração o fato de que eram muito habilidosos

83 VARNHAGEN, Francisco. A. *História geral do Brasil*, v. 2, 1857, p. 133.

84 *Ibidem*, p. 134.

85 MONTEIRO, John Manuel. *Tupis, tapuias e historiadores... Op. cit.*, p. 30.

e dedicados para guerrear, sobretudo com o arco e flecha.⁸⁶ No que se refere aos rituais, costumes e comportamento desse povo, destaca-se, primeiramente, a “agressividade” pela qual é conhecido. E segundo os relatos de cronistas, teriam hábitos antropofágicos.⁸⁷

A cidade de Campos, situada no Norte fluminense, costuma apresentar-se como o principal núcleo de ocupação territorial dos povos de origem Goitacá durante o século XVII. Acerca de sua história menciona-se que quando o donatário Pero de Góis começou a colonizar a Capitania de São Tomé, houve uma resistência veemente dos indígenas “Goytacazes” (termo incorporado ao nome da cidade).⁸⁸ Mas como se tratava de uma etnia nômade e caçadora, é mais do que certo que ocupavam extensões territoriais bem maiores.

Direito à memória: dos aspectos teóricos à efetivação prática

As discussões concernentes ao direito à memória, e aqui com enfoque na memória Goitacá enquanto nação indígena extinta, vão dos aspectos de segurança cultural das práticas vividas no passado ao paradigma de direito humano a ser garantido institucionalmente pelos Estados-nação contemporâneos. A Declaração Universal dos Direitos Humanos, ratificada pela Organização das Nações Unidas (ONU) em 1948, expõe, em seu artigo 22, que é conferido à pessoa humana a garantia de satisfação de seus direitos culturais, nos quais está incluso o direito à memória.

86 LAMEGO, Alberto Ribeiro. *O Homem e o Brejo...* Op. cit., p. 58.

87 *Ibidem*, p. 60.

88 A diversidade da Geografia brasileira: escalas e dimensões da análise e as ação: Foi a partir de 1835 que o termo “Goytacazes” vai dar nome ao município aparecendo mais tarde em seus principais símbolos com a ideia de pertencimento.

Ainda acerca dos documentos de maior projeção sobre Direitos Humanos, como discute,⁸⁹ há de se pontuar também a garantia exposta no Pacto Internacional dos Direitos Cíveis e Políticos, em seu artigo 27, sobre a liberdade de expressão cultural, linguística e religiosa conferida às minorias étnicas que vivem no território dos países signatários deste documento.

O direito à memória, então, evidencia-se no âmbito das instituições nacionais, como um direito fundamental na Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 (CRFB/1988) e que foi elencado como um elemento essencial ao sentimento de identidade. Dito isto, este é elencado como um direito a ser resguardado e também a primeira forma de identidade de um povo.⁹⁰ Sendo assim, a proteção à memória está expressamente prevista no art. 216 da CRFB/1988:

Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira.⁹¹

No Brasil, entende-se que o reconhecimento à memória das nações indígenas extintas e de vivência contemporânea remanescem da efetivação constitucional realizada pelo artigo 216, acima pontuado. Evidentemente que, as reivindicações e pedidos apresentados por indígenas neste campo têm suas particularidades, mas, ressalta-se que do ponto de vista da garantia legal, o ponto de partida conferido a eles é o mesmo atribuído à sociedade civil de maneira geral.

89 DAVIS, S. H. Diversidade cultural e direitos dos povos indígenas. *Mana*, v. 14, n. 2, p. 574, 2008.

90 POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Revista Estudos Históricos*, v. 2, n. 3, p. 5, 1989.

91 Cf. BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Brasília Senado Federal, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 26 abr. 2021.

Em alusão direta aos tratados internacionais assinados e à própria fundamentação de proteção à cultura conferida pela CRFB/1988, o artigo 231 promove, assim, o reconhecimento das práticas culturais destes povos. O chamado “Estatuto do Índio”, Lei 6.001/1973, é uma das disposições legais presentes no Brasil voltadas ao resguardo dos direitos indígenas, no entanto, este não versa de forma extensa sobre a manutenção da proteção às culturas indígenas, sua redação é voltada à disciplinar questões territoriais e de acesso de comunidades indígenas a serviços públicos e direitos fundamentais.

A efetivação do direito à memória, do ponto de vista prático, tem se dado através da manutenção de museus e estímulo de práticas que mantenham as narrativas e trajetórias perpetuadas pelas nações indígenas, ainda que extintas, como os Goitacá. No entanto, abordando de forma panorâmica o paradigma da cultura e sua preservação no Brasil, expõe-se que o país “ainda enfrenta questões como a falta de nexo entre cultura e direitos humanos, necessitando ser aperfeiçoada a integração dos direitos culturais com as ações públicas”,⁹² alarmando-se assim para o dilema de que, apesar de existir, o direito à memória enquanto direito humano ainda não é tratado de maneira adequada.

A memória remanescente dos Goitacá e seu legado na contemporaneidade

Por mais que a preservação da memória, sobretudo de povos originários, seja uma garantia constitucional, o processo de identificação e construção de uma identidade é complicado

92 PAZZINI, B; SPAREMBERGER, R. F. L. O Direito à memória e à identidade no Brasil: perspectivas de efetivação da preservação do Patrimônio Cultural. *Revista do Instituto do Direito Brasileiro*, Lisboa, a. 3, n. 6, p. 4527-4556, 2014, p. 4550.

não somente pelo apagamento e pelo etnocídio pelos quais passaram os ameríndios, mas também pelos obstáculos teóricos e metodológicos de diversas ordens.

Nesse sentido, uma das primeiras dificuldades para a construção e, conseqüentemente, preservação da memória é a escassez de material sobre o passado de alguns povos indígenas, como é o caso dos Goitacá. Em situações como estas, os historiadores são obrigados a recorrer a relatos de cronistas, viajantes, antropólogos e outros não indígenas que mantiveram contato com esses povos, como é o caso do já mencionado Manoel Martins do Couto Reis.⁹³ Além das pesquisas arqueológicas.

Portanto, debruçar-se sobre o material existente requer que o historiador tenha em mente que da reunião dos documentos à redação do livro, a prática histórica é inteiramente relativa à estrutura da sociedade. Logo, o que está em jogo é uma história antropológica que se vincule à sociedade indígena sobre a qual é produzida.

A abordagem integrada entre história, direito, memória e antropologia é uma proposta que tende a reunir um maior número de informações a respeito de um povo. No que tange ao método, infere Sandra Pesavento que a história se mostra antropológica quando tece, a partir da fonte, um conjunto de relações e observações possíveis, seguindo uma recomposição cuidadosa de uma trama de significados socialmente estabelecidos que possa conter.⁹⁴

Dito isto, a memória dos indígenas Goitacá em Campos é algo que tem sido revivido e rediscutido por

93 Cf. SILVA, G. J. *A Reserva Indígena Kadiwéu (1899-1984): memória, identidade e história*. Dourados: UFGD, 2014.

94 PESAVENTO, S. J. *História e história cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003, p. 130.

meio do Museu Histórico de Campos dos Goytacazes e, sobretudo, do Sítio Arqueológico do Caju, localizado na margem direita do Rio Paraíba do Sul, próximo ao Cemitério do Caju. Este último, de grande valia para a Arqueologia e, conseqüentemente, para a História, fora descoberto pelo Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (Pronapa) no final dos anos 1980.

O maior achado desse sítio refere-se às urnas funerárias e, por isso, a descoberta dos ritos funerários dos indígenas Goitacá, principais ocupantes dessa região de Campos durante a colonização. Fora constatado que os corpos eram depositados em posição fetal nessas urnas, o que era melhor caracterizado, sobretudo, no enterramento de crianças. O formato destas era, no geral, globular e periforme, com uma decoração não muito comum, caracterizada pelo polido estriado, banho vermelho e pela pintura preta.⁹⁵

Destarte, além da preocupação com o depósito do corpo em urnas, o que corrobora com os relatos elencados por Lamego em sua obra outrora mencionada, os indígenas Goitacá também se preocupavam com a questão dos adornos nos corpos ou nas urnas, como “falanges de mamíferos perfuradas; colar de contas de diáfises de ossos longos; de dentes de animais perfurados diferencialmente, vértebras de peixes trabalhadas”.⁹⁶

Assim, a exploração do Sítio Arqueológico do Caju proporcionou a descoberta de uma preocupação dos povos indígenas que ali habitaram com a morte, evidenciando um dispêndio significativo de energia nesse tipo de atividade. Sendo assim, a preocupação com o corpo para o além-morte é

95 Cf. MACHADO, L. C.; SENE, G. M.; SILVA, L. P. R. Estudo preliminar dos ritos funerários do Sítio do Caju, RJ. *Revista de Arqueologia*, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 75-90, 1994.

96 *Ibidem*, p. 80.

dotado de um determinado padrão, considerando os cuidados e depósitos em urnas funerárias.⁹⁷

No que tange à memória campista a respeito dos indígenas Goitacá, esta tem sido cada vez mais estimulada, sobretudo, na pandemia, por meio do Museu Virtual de Campos que é um projeto de lives de vários temas históricos da região levados ao grande público de forma acessível e prática. Um dos temas recentes fora o projeto *Entre Ossos e Urnas* que explorou, com apoio da Fundação Cultural Jornalista Oswaldo Lima (FCJOL), o acervo do Sítio Arqueológico do Caju por meio de *lives* durante quatro dias. Estas exploraram o conhecimento sobre os indígenas e, por consequência, é um projeto que fica gravado na plataforma online e permite a acessibilidade da população a um material gratuito e de qualidade.⁹⁸

Nesta senda de preservação à memória, para além dos museus, é necessário remeter-se ao próprio nome da cidade de Campos dos Goytacazes. Inicialmente, no século XVI, as terras eram denominadas de Capitania Paraíba do Sul, uma referência direta ao rio fundamental à existência daquela região. No final do século XVII, fora fundada nesta mesma localidade a Vila de São Salvador de Campos, e até aí os indígenas, verdadeiros donos daquelas terras, sequer haviam sido lembrados nas denominações, tendo esta última cunho fortemente católico.⁹⁹

97 MACHADO, L. C.; SENE, G. M.; SILVA, L. P. R. Estudo preliminar dos ritos funerários do Sítio do Caju, RJ... *Op. cit.*, p. 11.

98 Cf. PROJETO Museu Virtual com o tema “Entre Ossos e Urnas”, acontecerá nos dias 18 e 21. *Notícia no Detalhe*. Campos, 22 jan. 2021. Disponível em: https://www.campos.rj.gov.br/exibirNoticia.php?id_noticia=62628. Acesso em: 22 jul. 2021.

99 Cf. SILVA, J. B; NEVES, P. V. Representações dos Índios Goitacá na Paisagem Contemporânea de Campos dos Goytacazes. *XI Encontro Nacional da ANPEGE*, 2015, Presidente Prudente. A diversidade da Geografia Brasileira: Escalas e Dimensões da Análise e da Ação, 2015.

Em 1835, a então vila passa a ser um município denominado de Campos dos Goytacazes. A partir daí, a memória indígena passou a ser lembrada não somente no nome dessa localidade, mas também no hino municipal em seu segundo verso que diz “o viridente plaino Goitacá”. Dessa forma, os indígenas passaram a aparecer como os legítimos donos daquelas terras.¹⁰⁰

Em 1990, fora inaugurada uma estátua de um indígena Goitacá manejando o arco e a flecha que, como já mencionado, era uma das habilidades mais marcantes desse povo. Esta primeira versão era feita de isopor e espumas retirados de restos de materiais utilizados nas agremiações carnavalescas de Campos. Logo, não havia um grande cuidado nem manutenção daquele patrimônio, além da desproporcionalidade da então estátua.¹⁰¹

Em 2006, tal estátua foi retirada dando lugar a um monumento em homenagem ao petróleo, principal fonte de recursos de Campos dos Goytacazes. Contudo, muito embora tenha sido colocado um monumento de bomba extratora de petróleo em terra firme, Campos sequer tem esse tipo de técnica, uma vez que o petróleo retirado é de alto mar. Logo, não passava de um elemento cenográfico na paisagem que não representava nem os legítimos donos daquela terra, tampou a realidade da história campista.¹⁰²

Atualmente, a então estátua do indígena está abandonada no Arquivo Municipal de Campos, sem perspectivas de retornar ao seu local de origem. Um dos maiores nomes na luta pela construção e manutenção da

100 SILVA, J. B; NEVES, P. V. Representações dos Índios Goitacá na Paisagem Contemporânea de Campos dos Goytacazes... *Op. cit.*, p. 7.

101 *Ibidem*.

102 *Ibidem*, p. 8.

memória indígena em Campos é a historiadora Graziela Escocard que aponta que a cidade precisa de um marco que seja, de fato, representativo. Nesse sentido, infere que a estátua do indígena não era um monumento, considerando que seu material era de alegoria carnavalesca, não tendo sido projetado para durar muito tempo. Ademais, não representava a identidade e características físicas desse povo, considerando os relatos dos viajantes e cronistas já explicitados.¹⁰³

A imagem e as representações dos Goitacá têm sido reproduzida desta forma estereotipada até hoje, e mesmo que este povo tenha sido exterminado pelos colonizadores portugueses, em Campos, com uma varíola provocada, a imagem que prevalece é do indígena terrível e indomável. A abordagem decolonial que desconstrói a tradição da dominação europeia inclusive no uso de termos estereotipados e racistas, realiza uma verdadeira revolução epistemológica ameríndia no âmbito do conhecimento. Promove novos campos de saberes, entre eles os ameríndios.

O desaparecimento da herança indígena em Campos foi resultado tanto do massacre e extermínio físico dos povos indígenas quanto pela opção política de ocultamento desta herança. Este fato não foi diferente no restante do estado do Rio de Janeiro, tendo em vista que todos os grupos indígenas que viviam no Rio de Janeiro foram extintos, antes mesmo que tivéssemos um conhecimento mais profundo de como viviam. No Espírito Santo não foi muito diferente.¹⁰⁴

103 Cf. GOMES, Thiago. Campos em busca de uma identidade. *Terceira Via, Campos*, 05 abr. 2021. Disponível em: <https://www.jornalterceiravia.com.br/2021/04/05/campos-em-busca-de-uma-identidade/>.

104 Cf. FREIRE, José Ribamar Bessa. MALHEIROS, Márcia Fernanda. *Aldeamentos indígenas no Rio de Janeiro*. 2010.

Os Goitacá nas narrativas históricas capixabas.

Leonardo Nascimento Bourguignon

Uma tribo tão poderosa em número, como temível em ferocidade, espírito de rapina e anthropophagia; e o seu alojamento permanente era nos esconderijos mais recônditos da serra geral, entre desfiladeiros e brenhas inacessíveis [...]. A sua ferocidade e as horríveis excursões que fazia, a convencerão da necessidade desses refúgios.¹⁰⁵

A descrição do advogado, deputado e sócio correspondente do IHGB, José Marcelino Pereira de Vasconcellos inaugurou na historiografia do Espírito Santo uma representação que associava os Goitacá a termos como selvageria e canibalismo. Essa nação; que ocupava no momento do desembarque dos primeiros colonizadores dois terços da costa capixaba¹⁰⁶ ou, mais especificamente, uma faixa litorânea entre o rio Cricaré, hoje São Mateus, no norte do Espírito Santo, e o cabo de São Tomé no norte do Rio de Janeiro¹⁰⁷; encarnou, a nível local, o papel de principal obstáculo à colonização portuguesa no século XVI.

105 VASCONCELLOS, Jose Marcellino Pereira de. *Ensaio sobre a História e Estatística da Província do Espírito Santo*. Victoria: Typographia de P. A D'Azeredo, Rua da Praça Nova nº. 3, 1858, p. 21.

106 Cf. CARDIM, Fernão. *Tratado da terra e gente do Brasil*. Rio de Janeiro: J. Leite & Cia, 1925.

107 Cf. SOUSA, Gabriel Soares de. *Tratado descritivo do Brasil em 1587*. *Revista Trimensal Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro, 1851. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me003015.pdf>. Acesso em: 04 abr. 2014.

Todavia, essa não foi uma exclusividade dos historiadores capixabas. Se existem diversos relatos acerca dos Tupi, não podemos dizer o mesmo dos Goitacá e outras etnias Macro-Jê, fato que pode ser parcialmente explicado por razão desses povos falarem “outras línguas”, como diria Cardim,¹⁰⁸ que não o tupi predominante no litoral brasileiro. A língua dos Goitacá, parte da família Puri¹⁰⁹ e que “nem os vizinhos entendiam”,¹¹⁰ foi inclusive apontada por Sérgio Buarque de Holanda como o principal motivo para os insucessos da colonização portuguesa na capitania do Espírito Santo.¹¹¹ Para Holanda, a exploração portuguesa foi facilitada pelo fato de todo o litoral estar ocupado, no século XVI, por diferentes nações, mas que falavam a mesma língua: o tupi. Do contrário, “onde a expansão dos Tupis sofria um hiato [como no Espírito Santo], interrompia-se também a colonização branca”.¹¹²

O papel de Tapuia projetado para os Goitacá consolidou-se quando essa etnia, originária do Centro Oeste brasileiro e que tinha suas tribos divididas em quatro grupos: Goitacá-Guaçu, Goitacá-Mopi, Goitacá-Meri, e Goitacá-Iacoritó,¹¹³ da mesma forma que rechaçou a migração Tupi, resistiu tenazmente às investidas de portugueses, espanhóis, franceses, holandeses

108 Cf. CARDIM, Fernão. Tratado da terra e gente do Brasil... *Op. cit.*, 1925.

109 RODRIGUES, Aryon Dall'Igna: *Línguas Brasileiras*. Para o conhecimento das línguas indígenas. Edições Loyola. São Paulo. 1986, *apud* FREIRE; MALHEIROS, 2010, p. 06.

110 LERY, Jean de. *Viagem a terra do Brasil*. Rio de Janeiro: Editora do Exército, 1961, p. 63.

111 Cf. HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

112 *Ibidem*, p. 106.

113 Cf. GASPAR, Maria Dulce [*et al.*]. Tratamento dos Mortos entre os Sambaqueiros, Tupinambá e Goitacá que ocuparam a Região dos Lagos, Estado do Rio de Janeiro. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, v. 17, p. 169-189, 2007.

e ingleses no litoral capixaba. Na vila do Espírito Santo (atual Vila Velha), primeiro núcleo colonial em terras capixabas, os constantes ataques desde o desembarque do donatário Vasco Fernandes Coutinho em 1535, obrigaram os colonos portugueses a procurarem um local mais seguro, o que acabou redundando na fundação da Vila Nova do Espírito Santo, depois rebatizada Vitória. Alguns anos antes, no final da década de 1540, quando Coutinho viajara a Portugal em busca de recursos, os Goitacá, aliados aos Tupiniquim, mataram D. Jorge de Menezes que administrava a capitania em substituição ao capitão donatário e em seguida seu sucessor, D. Simão de Castelo Branco.¹¹⁴

Sorte idêntica tivera a Vila da Rainha fundada à margem direita do rio Itabapoana na Capitania de São Tomé e que pertencera a Pero de Góis da Silveira. Após um período de trégua entre o donatário e os Goitacá, alguns colonos estabelecidos no Espírito Santo sequestraram um chefe indígena na região entregando-o a seus inimigos, fato que motivou a destruição da vila e a expulsão de todos os colonos.¹¹⁵ Por fim, as constantes ofensivas dos Goitacá levaram o donatário a desistir de sua ocupação regressando a Portugal no ano de 1570.

O termo Tupi, e seu oposto, Tapuia, representaram uma tentativa dos primeiros cronistas de ordenar em seus relatos a sociodiversidade que encontraram no litoral da América Portuguesa.¹¹⁶ Para aqueles autores, os Tupis eram os aliados ideais e imprescindíveis à empreitada lusa, o “nobre guerreiro que acabou se submetendo ao domínio colonial”,¹¹⁷ enquanto

114 Cf. SOUSA, Gabriel Soares de. *Tratado descritivo do Brasil em 1587...* *Op. cit.*

115 VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *História geral do Brasil*. Madrid, Imprensa da V. de Dominguez, 1857, p. XXV; OLIVEIRA, José Teixeira de. *História do Estado do Espírito Santo*. 3 ed. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo/Secretária de Estado de Cultura, 2008.

116 Cf. MONTEIRO, John Manuel. *Tupis, tapuias e historiadores...* *Op. cit.*

117 *Ibidem*, p. 30.

que os Tapuias, de quem as notícias eram predominantemente obtidas por informantes Tupis, encarnavam todas as agruras enfrentadas pela civilização.

A variação do nível do oceano inundou os sítios que permitiriam aos arqueólogos precisar quando os primeiros seres humanos pisaram no litoral do Espírito Santo. O que se sabe é que aquelas sociedades de pescadores-coletores amontoavam, próximos às suas casas, montes compostos por conchas de mariscos, ostras e outros moluscos, ossos de peixes e animais terrestres, esqueletos humanos e utensílios feitos de pedra ou ossos. Os sambaquis, do Tupi “amontoadado de conchas”, espalhados em diferentes pontos da costa capixaba, testemunham essa ocupação.

A riqueza alimentar daqueles ambientes marcados por enseadas, canais, rios, lagunas, manguezais e florestas despertou o interesse de outros povos, como as sociedades de horticultores ceramistas da Tradição Una: os Coroado, Coropó, Purí e os Goitacá, todas etnias do tronco linguístico Macro-Jê.¹¹⁸ Há alguns milhares de anos, os membros daquelas comunidades, em busca de melhores sítios, abandonaram o Centro Oeste brasileiro migrando para o sul de Minas Gerais e norte de São Paulo. Por volta do início da Era Cristã, os Goitacá, protagonistas deste texto, ocuparam parte dos litorais do atual estado do Rio de Janeiro e logo do Espírito Santo.

No litoral, os Goitacá deslocaram ou assimilaram os sambaquieiros que viviam naquelas paragens, como revelam os materiais localizados naqueles sítios arqueológicos.¹¹⁹ Dos

118 Conforme Ayron Rodrigues, a Família Purí foi vinculada ao tronco Macro-Jê e dividida em 23 línguas, entre elas estariam Purí, Coroado, Coropó, Goitacá e Guarulho. *Apud* FREIRE, José Ribamar Bessa; MALHEIROS, Márcia Fernanda. Aldeamentos indígenas no Rio de Janeiro... *Op. cit.*, p. 6.

119 GASPAR, M. D. *et al.* Tratamento dos Mortos entre os

primeiros moradores do litoral, apreenderam a pesca em mar aberto, com a utilização, inclusive, de redes de espera, da mesma forma que incorporaram a preferência por residir em ambientes alagados, charcos e mangues tornando-se “quase anfíbios”¹²⁰ e “mais à maneira de homens marinhos que terrestres”.¹²¹



Figura 3: De acordo com Arthur Soffiati, esse é o único documento iconográfico encontrado até o momento sobre os Goitacá. A imagem, intitulada “Correria dos Botocudos na Terra Goitacá”, foi desenhada em fins do século XVIII por um religioso que testemunhou o conflito e faz parte da coleção Alberto Frederico de Moraes Lamego.

Por volta do ano 1000, povos do tronco linguístico Tupi, provenientes do sul da Amazônia, ocuparam boa parte do

Sambaquieiros... *Op. cit.*; CORDEIRO, Jeanne. *A primeira face da tradição: Os Goitacá. Da História e identidade dos que não deitaram letras*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Severino Sombra, Vassouras, Rio de Janeiro, 2004.

120 RECLUS, *apud* GASPARD, M. D. [et al.]. Tratamento dos Mortos entre os Sambaquieiros... *Op. cit.*, p. 175.

121 Cf. SALVADOR, Frei Vicente. *História do Brasil: 1500-1627*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1982, p. 107.

litoral brasileiro,¹²² entretanto, não conseguiram desalojar os Goitacá que viviam na costa do Rio de Janeiro e do Espírito Santo. O resultado foi a constituição do que autores como Sérgio Buarque de Holanda denominaram de hiato Tapuia,¹²³ e que seria um dos motivos da colonização tardia desses espaços quando comparadas a outras áreas litorâneas na América Portuguesa.

O único documento iconográfico encontrado até o momento é essa imagem intitulada *Correria dos Botocudos na Terra Goitacá*, desenhada em fins do século XVIII por um religioso que testemunhou o conflito e parte da coleção de Alberto Frederico de Moraes Lamago.¹²⁴

Dentre os relatos do século XVI encontramos tentativas de demarcar aquele hiato Tapuia. O jesuíta português Fernão de Cardim, por exemplo, assinalou que os Guaytacá¹²⁵

vivem na costa do mar entre o Espírito Santo e Rio de Janeiro; vivem no campo e não querem viver nos matos e vão comer às roças, vêm dormir às casas, não têm outros thesouros, vivem como o gado que pasce no campo, e não vêm às casas mais; que a dormir; correm tanto que a cosso tomão a caça.¹²⁶

De modo mais preciso, Gabriel Soares de Sousa, autor de dois manuscritos compilados na obra *Tratado Descritivo do Brasil de 1587*, especificou os limites do território ocupado

122 Cf. HETZEL, Bia; NEGREIROS, Silvia; MAGALHÃES, Bernardo. *Pré-história do Brasil*. Rio de Janeiro: Manati, 2007.

123 Cf. HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil... Op. cit.*

124 Cf. SOFFIATI, Arthur. *O norte do Rio de Janeiro no século XVI: à luz da história mundial e da eco-história*. Rio de Janeiro: Autografia, 2019.

125 São comuns os casos nos quais os colonizadores europeus denominavam o mesmo povo com dois ou mais nomes ou utilizavam diferentes grafias para a mesma denominação. No caso dos Goitacá, por exemplo, encontramos variáveis como Goaytacá, Goyaka, Guaytacás, Goiacós, Uetacás, Waitakás, Waitaquases, entre outras.

126 CARDIM, Fernão. *Tratado da terra e gente do Brasil... Op. cit.*, p. 204.

por aquela etnia numa faixa litorânea que iria do rio Cricaré, hoje São Mateus, no norte do Espírito Santo, até o cabo de São Tomé no norte do Rio de Janeiro.¹²⁷ Esses limites foram estendidos ainda mais ao sul depois que escavações recentes localizaram sítios arqueológicos Goitacá nas cidades de Búzios, São Pedro da Aldeia e Saquarema.¹²⁸

Espalhados em espaços não contínuos naqueles mais de 700 quilômetros, os Goitacá constituíam dois grupos, subdivididos em *cabildas*, ou divisões intertribais, denominadas: Goitacá-Guaçu, Goitacá-Mopi, Goitacá-Meri, e Goitacá-Iacoritó.¹²⁹ Esses epítetos referiam-se à biota diferente ocupada por cada tribo, porém, o nome geral nos remete as semelhanças que haviam entre elas, às suas origens comuns. Como outros grupos do tronco Macro-Jê, todos aqueles povos praticavam uma economia bimodal, combinando períodos de dispersão com outros de agregação em grandes aldeias e sociedade de metades.¹³⁰

Os relatos etnográficos e os materiais arqueológicos permitem concluir ainda que os Goitacá andavam nus e em algumas ocasiões pintavam seus corpos. Usavam cabelos compridos até as nádegas, sendo que raspavam a parte da frente da cabeça.¹³¹ Ornavam-se com colares, pulseiras, brincos e anéis de orelha produzidos com dentes ou ossos de

127 Cf. SOUSA, Gabriel Soares de. Tratado descritivo do Brasil em 1587... *Op. cit.*

128 JANSEN, Roberta. Rio Canibal. *O Globo*, Rio de Janeiro, 21 abr. 2004, p. 34.

129 CORDEIRO, Jeanne. A primeira face da tradição: os Goitacá. Da História e identidade dos que não deitaram letras. In: LIMA, Tania Andrade (org.). *Identidades Étnicas em Arqueologia: possibilidades e limites*. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 2018, p. 56; Cf. GASPAR, M. D. [et al.]. Tratamento dos Mortos entre os Sambaquieiros... *Op. cit.*

130 GASPAR, M. D. [et al.]. Tratamento dos Mortos entre os Sambaquieiros... *Op. cit.*, p. 177.

131 LERY, Jean de. *Viagem a Terra do Brasil...* *Op. cit.*, p. 63.

animais perfurados, madeira ou conchas trabalhadas, cortadas e polidas.¹³²

Coletavam frutos e raízes e cultivavam milho, legumes e vários tipos de tubérculos, mas, não agriculturavam a mandioca. Viviam basicamente da caça e da pesca, sendo excelentes no manejo das flechas. O grande número de fogueiras nos sítios arqueológicos sugere que moqueavam os alimentos.¹³³

Em fogueiras maiores e mais densas ou em fornos fechados, fabricavam cerâmica considerada simples uma vez que a maioria das peças não possuíam qualquer decoração.¹³⁴ Os vasilhames para uso cotidiano eram predominantemente de formas esféricas/globulares de tamanho pequeno a médio e bordas com lábios arredondados.¹³⁵ Sua aptidão para a atividade ceramista talvez explique porque índios Goitacá aldeados em São Pedro e São Lourenço, Rio de Janeiro, fabricavam peças de cerâmica em larga escala para atender a demanda do colonizador portugueses.¹³⁶

Ao contrário da maioria dos povos Macro-Jê, os Goitacá não dormiam em redes, mas no chão coberto de folhas.¹³⁷ Suas pequenas residências, que abrigavam três a quatro pessoas,¹³⁸ eram construídas nas partes mais altas da taba onde sofriam pouca influência das marés, diferentemente das áreas

132 Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas - Litoral Norte Fluminense- *Sítio do Caju*.

133 LERY, Jean de. *Viagem a Terra do Brasil...* Op. cit., p. 63.

134 Cf. CORDEIRO, Jeanne. *A primeira face da tradição* [2004]... Op. cit.

135 Cf. *Idem*. *A primeira face da tradição* [2018]... Op. cit.

136 Cf. WIED-NEUWIED, Maximiliano, Príncipe de. *Viagem ao Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1989.

137 Cf. FREIRE, José Ribamar Bessa; MALHEIROS, Márcia Fernanda. *Aldeamentos indígenas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2010.

138 CORDEIRO, Jeanne. *A primeira face da tradição* [2018]... Op. cit., p. 52

coletivas da aldeia. Descrevendo essas casas, o padre Simão de Vasconcellos afirmou que se tratavam de

choças de palha, fundadas cada qual sobre um esteio de pau metido na areia, por mor segurança dos seus contrários, cercados sobretudo de matas espessas, rios e charcos inacessíveis.

Todo o edifício de suas aldeias vinha a parar em umas choupanas a modo de pombais, fabricadas sobre um só esteio por respeito às águas; cobertas de palhas a que chamam tabuas, com portas tão pequenas, que para entrar nelas era preciso ir de gatinhas.¹³⁹

Materiais arqueológicos localizados no Sítio do Caju¹⁴⁰ em Campos dos Goitacazes revelam que, assim como outros povos indígenas, os Goitacá permaneciam por longos períodos no mesmo sítio e migravam quando as terras e as fontes alimentares se exauriam. Porém, algum tempo depois, voltavam a viver naqueles mesmos espaços, talvez porque da simbologia e sacralização que os mesmos possuíam.¹⁴¹

Estudos neste e em outros sítios, têm demonstrado que o cuidado com os mortos, era um instrumento norteador na vida social dos indivíduos daquela etnia e que esse zelo, dependia da origem do falecido.¹⁴² Os membros da comunidade eram sepultados em covas diretamente no chão e depois, em um sepultamento secundário, seus ossos eram depositados em

139 Cf. VASCONCELLOS, Simão de. *A vida do venerável padre José de Anchieta*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1943.

140 Importante assinalarmos que os estudos realizados no Sítio do Caju são extremamente expressivos para o entendimento acerca dos Goitacá que habitavam o litoral capixaba. Primeiro, porque é uma das maiores aldeia pré-colonial estudadas em nosso país, segundo devido à proximidade deste com o estado do Espírito Santo.

141 Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas - Litoral Norte Fluminense- *Sítio do Caju*.

142 GASPAR *et al.*, 2007, p. 177; Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas - Litoral Norte Fluminense- *Sítio do Caju*.

urnas lisas, ovóides e cinzentas.¹⁴³ Junto ao corpo, dentro e fora da urna, eram depositados adornos, especialmente dentes de animais perfurados e itens que não pertenciam aquele indivíduo, configurando assim uma homenagem ao morto.¹⁴⁴ O interior das urnas era preenchido ainda com camadas de areia de diferentes tonalidades, abundante oferta alimentar e ossos faunísticos, alguns esqueletos, inclusive, quase que inteiros, confirmando que as cosmologias nativas privilegiavam as interações simbólicas e sociais com o mundo animal.¹⁴⁵



Figura 4: Detalhes de sepultamento. Fonte: GASPAR et al, 2007.

Em um dos sepultamentos no Sítio do Caju havia o esqueleto de um homem com cerca de 50 anos, que teve o

143 DIAS, 1979; Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas - Litoral Norte Fluminense- *Sítio do Caju*.

144 GASPAR, M. D. *et al.* Tratamento dos Mortos entre os Sambaquieiros... *Op. cit.*, p. 182; Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas - Litoral Norte Fluminense- *Sítio do Caju*.

145 CASTRO, *apud. Ibidem*, p. 184.

corpo colocado em uma cova forrada de cacos de panela e a cabeça protegida por um vaso utilitário, como se fosse um capacete (Figura 01).¹⁴⁶ Junto ao indivíduo estavam dois adornos auriculares formados por dentes de um roedor grande, e dois cachimbos tubulares, um de diâmetro maior junto ao seu crânio e outro, mais alongado, na altura do tórax. Além de comprovar o hábito de fumar entre os Goitacá, os cachimbos sugerem que estamos diante de um Xamã ou Pagé, que fazia uso do tabaco em um comportamento de caráter místico e medicinal.¹⁴⁷

Bem distinta era a forma como sepultavam seus inimigos. Depois de devorados em rituais antropofágicos os ossos dos outros eram fragmentados e empilhados, ficando

nos terreiros de suas aldeias, junto às portas de suas mesmas casas, grandes rumas de ossadas dos que mataram e comeram, e disto se jactam; e quanto maior for a ruma da ossada dos que mataram e comeram, tanto maior fica sendo a nobreza de cada qual das casas. Estes são seus brasões e suas proezas.¹⁴⁸

Sobre os ossos triturados eram erigidas pequenas fogueiras, nas quais se ofertavam alimentos, artefatos líticos e adornos.¹⁴⁹ Para alguns estudiosos a fragmentação tinha o objetivo de descaracterizar a personalidade do morto, sem com isso negar os valores do guerreiro.¹⁵⁰ O hábito era tão arraigado entre os membros daquela etnia que no século XVII quatro índios Goitacá aldeados em São Pedro assim

146 Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas - Litoral Norte Fluminense- *Sítio do Caju*.

147 CASTRO, *apud. Ibidem*, p. 184.

148 Cf. VASCONCELLOS, Simão de. *A vida do venerável padre José de Anchieta...* *Op. cit.*

149 CORDEIRO, Jeanne. *A primeira face da tradição* [2004]... *Op. cit.*, p. 107.

150 *Ibidem*.

que souberam da morte do líder de uma tribo inimiga, desenterraram o corpo apenas para quebrar-lhe o crânio “que é o modo entre eles de faltar seu ódio e tomar vingança”. Na primeira oportunidade que tiveram, aliados daquele principal, assassinaram e devoraram dois dos profanadores.¹⁵¹

A guerra, e com ela a vingança e a antropofagia, não poupava sequer as crianças.¹⁵² O hábito horrorizou cronistas como Anthony Knivet¹⁵³ e o francês Jean de Lery que esteve no Brasil em 1556.

Em suma esses diabólicos Uetacá, invencíveis nessa região, comedores de carne humana, como cães e lobos, e donos de uma linguagem que seus vizinhos não entendem, devem ser tidos entre os mais cruéis e terríveis que se encontram em toda a Índia Ocidental.¹⁵⁴

Essa representação que associava os Goitacá a termos como selvageria e canibalismo atravessou os séculos e chegou aos nossos dias. Na rede mundial de computadores encontramos poucas ilustrações para esses povos. Em uma delas, de autoria de Newton Rabelo,¹⁵⁵ três Goitacá são retratados de forma semelhante aos estereotipados homens das cavernas, ideia reforçada tanto nas feições dos indivíduos quanto no tacape que um deles carrega. Para completar o quadro de selvageria, aos seus pés jazem alguns colonos enquanto que ao fundo, casas ardem em chamas (Figura 5).

À resistência Goitacá acrescentemos a necessidade europeia de produzir e reproduzir um discurso que, ao

151 VASCONCELLOS, Simão de. *A vida do venerável padre José de Anchieta...* Op. cit., p. 21.

152 Cf. JANSEN, Roberta. *Rio Canibal...* Op. cit.

153 Cf. SOFFIATI, Arthur. *O norte do Rio de Janeiro no século XVI...* Op. cit.

154 LÉRY, J. de. *Viagem à Terra do Brasil...* Op. cit., p. 63.

155 Não localizamos qualquer referência sobre esse ilustrador.

enaltecer a destreza dos Goitacá para a guerra, justificaria suas seguidas derrotas na tentativa de conquistar aquelas regiões. É assim que entendemos o discurso entusiasmado de Francisco Adolfo de Varnhagen comemorando uma derrota exemplar dos indígenas no sul capixaba:

Em 1594, depois de ajuntar toda a gente possível, Azeredo cahio sobre os índios goitacazes; e cauzou-lhes bastante damnos, resultando deste combate, que d'ahi em diante fossem menos constantes as sorpresas e ataques dos aborígenes.¹⁵⁶

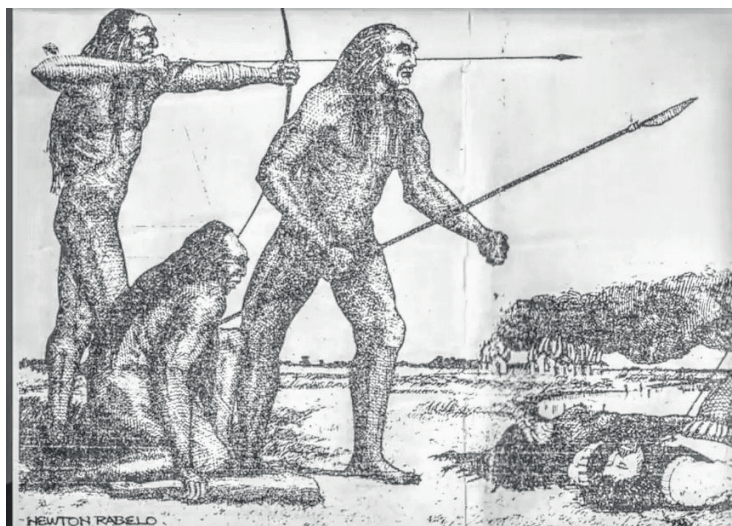


Figura 5: Índios Goitacá em guerra contra colonos. Fonte: Circuito cultural destaca a história dos índios que viveram em Campos. http://www.campos.rj.gov.br/exibirNoticia.php?id_noticia=30627/. Acesso em 14 mar. 2016.

Esse histórico possibilitou que os Goitacá fossem taxados como “os mais terríveis índios dos Brasis”,¹⁵⁷ “o povo

¹⁵⁶ VASCONCELLOS, Jose Marcellino Pereira de. *Ensaio sobre a História e Estatística da Província do Espírito Santo...* Op. cit., p. 20, 21.

¹⁵⁷ Cf. VASCONCELLOS, Simão de. *A vida do venerável padre José de Anchieta...* Op. cit.

mais odioso do Universo”,¹⁵⁸ com “seu porte sujo e asqueroso, seu olhar feroz, e sua physionomia brutal”.¹⁵⁹ Eram bárbaros, ferozes, diabólicos, guerreavam contra tudo e contra todos e falavam uma língua que nem os povos vizinhos entendiam. E a lista de *defeitos* continuava.

Os Goitacá não “recebiam estrangeiros entre elles para negociarem,”¹⁶⁰ o que “tem impedido de os induzir a um commercio regular”¹⁶¹ e, “como não têm nem querem ter comércio com os franceses, espanhóis e portugueses, nem com outros povos transatlânticos, ignoram em que consistem as nossas mercadorias”,¹⁶² por isso, “eles não tem nenhuma de nossas mercadorias”.¹⁶³ Fato confirmado pelas pesquisas arqueológicas, uma vez que são raríssimos os achados de artefatos europeus em sítios Goitacá. Há, contudo, e de forma contraditória, relatos de escambo com portugueses. Observemos, no entanto, o caráter arredio dessa negociação

não se trata com elles senão de longe e sempre com a arma em punho.[...] As permutas se fazem a distancia de cem passos, quero dizer, de uma a outra parte se leva em um lugar igualmente distanciadi as mercadorias que fazem o objeto do commercio. Amostram-nos de longe, sem pronunciar uma palavra e cada um deixa ou toma o que lhe convem. Esse methodo se observa com bastante lealdade; mais parece que a desconfiança é recíproca e que os Portugueses temem de serem devorados, os Ouetacás não temem menos a escravidão.¹⁶⁴

158 Cf. Pesquisa sobre a Vila da Rainha.

159 Cf. KNIVET, *apud* Pesquisa sobre a Vila da Rainha.

160 *Ibidem*.

161 Cf. KNIVET, *apud* SOFFIATI, Arthur. *O norte do Rio de Janeiro no século XVI... Op. cit.*

162 LÉRY, J. de. *Viagem à Terra do Brasil... Op. cit.*, p. 60.

163 THEVET, *apud* CORDEIRO, Jeanne. A primeira face da tradição... *Op. cit.*, p. 59.

164 Cf. KNIVET, *apud* SOFFIATI, Arthur. *O norte do Rio de Janeiro no século XVI... Op. cit.*

Naqueles enredos até as virtudes dos Goitacá eram retratadas com detalhes excêntricos nos quais o maravilhoso salta aos olhos

Costumavam estes bárbaros, por não terem outro remédio, andarem no mar nadando, esperando os tubarões com um pau muito agudo na mão, e, em remetendo o tubarão a eles, lhe davam com o pau, que lhe metiam pela garganta com tanta força que o afogavam, e matavam, e o traziam à terra, não para o comerem para o que se não punham em tamanho, perigo, senão para lhes tirar os dentes, para os engastarem nas pontas das flechas.¹⁶⁵

Mesmo predominantes, porém, essas representações vilipendiosas dos Goitacá não foram as únicas. Nas situações em que apoiaram os portugueses aqueles grupos receberam novos adjetivos. Foi assim com o astuto cacique Jupi-Açu, reverenciado como um dos grandes responsáveis pela derrota dos ingleses que liderados pelo corsário inglês Thomas Cavendish tentaram invadir a Vila de Vitória no final do século XVI.¹⁶⁶ Já o exército Goitacá aldeado em Iiritiba, atual Anchieta, no Espírito Santo, foi descrito como poderoso quando, em 1617, colaborou com os jesuítas na luta e extermínio dos grupos Goitacá que resistiam a implantação da Aldeia de São Pedro do Cabo Frio.¹⁶⁷ Ou seja em um episódio que mostra índios de uma mesma etnia lutando entre si.

Dez anos depois, os Sete Capitães, um grupo de militares considerados pela historiografia local como os fundadores de Campos dos Goytacazes, requereram, a

165 SOUSA, Gabriel Soares de. Tratado descritivo do Brasil em 1587... *Op. cit.*, p. 96.

166 OLIVEIRA, José Teixeira de. História do Estado do Espírito Santo... *Op. cit.*, p. 149.

167 *Ibidem*, p. 130.

título de sesmarias, as terras devolvidas por Pero de Góis na capitania de São Tomé. Em um relatório os sesmeiros registraram que não apenas foram bem recebidos pelos Goitacá, como ainda foram supridos em pesca e caça em abundância.¹⁶⁸ No mesmo documento relataram que haviam náufragos europeus vivendo entre eles.

O fato não é uma exceção haja visto que vários dos povos indígenas que habitavam o litoral brasileiro ofereciam até suas filhas nubientes para os estrangeiros a fim de incorporá-los à aldeia. No balneário de Meaípe, em Guarapari, uma lenda envolvendo índios Goitacá, impressiona pelas semelhanças com o relato dos Sete Capitães

Conta-se que um navio holandês naufragou na costa do Espírito Santo. Alguns tripulantes se salvaram e, presos aos destroços, foram levados pelas ondas até Meaípe, que era habitada pelos índios goitacás. Os índios admirados pelos caracteres físicos dos náufragos, seus olhos azuis e cabelos loiros, acharam que eles foram ali pelos 'gênios do oceano'. Ofereceram-lhes frutos e mel, deram-lhes rede para repousarem à sombra das árvores tintureiras. Os náufragos foram assimilando os costumes indígenas e acabaram casando-se com as filhas dos chefes. Um, porém, antes do casamento, saiu admirando a beleza da paisagem e perdeu-se por haver esquecido o itinerário percorrido. Caía a noite, o holandês cheio de temor, procurava resistir ao sono, quando foi surpreendido pela visão de uma formosa mulher, que emergia das ondas envolta em sedosa cabeleira [...].

Desde essa noite, [...] vem a Sereia de Meaípe cantar a melodia da saudade sobre o monumento do seu amor!¹⁶⁹

Descontado o caráter mítico, a lenda da Sereia de Meaípe nos fornece indícios para superar a opacidade e

168 Cf. SOFFIATI, Arthur. O norte do Rio de Janeiro no século XVI... *Op. cit.*

169 A Sereia de Meaípe.

a fragmentação da documentação e penetrar no universo mental dos diferentes indivíduos que viviam naquele contexto e reconstruir parte de suas histórias. Lemos então esse relato mítico “em busca do significado inscrito pelos contemporâneos no que quer que sobreviva de sua visão de mundo”.¹⁷⁰

No caso da lenda, destacamos os fatos históricos comprovados em outras fontes como a incorporação de estrangeiros nas sociedades indígenas na costa capixaba; a maneira como os europeus absorviam hábitos nativos; a presença holandesa na região devido as relações comerciais regulares com os jesuítas que viviam em Iiritiba;¹⁷¹ e a definição de que era Goitacá a etnia dos indígenas que habitavam o balneário.¹⁷²

Escrevendo sobre a história de Campos dos Goitacazes, uma série de autores buscaram em seus textos desconstruir as representações depreciativas acerca dos Goitacá.¹⁷³ Entre eles, Julio Feydit que asseverou que eles “não tinham a ferocidade que diversos autores lhes emprestaram”,¹⁷⁴ e Alberto Ribeiro Lamego que concluiu que as vitórias sobre os Tupi e os colonizadores provavam a superioridade evolutiva dos Goitacá diante das outras etnias que habitavam a região, afinal,

os fatos provam ser a mentalidade do Goitacá não a de um selvagem bronco e primitivo, impassível de

170 DARNTON, Robert. *O Grande Massacre de gatos, e outros episódios da história cultural francesa*. Rio de Janeiro: Graal, 1986, p. XVI.

171 *Ibidem*.

172 Uma escavação arqueológica ocorrida neste balneário na década de 1930, localizou um sítio Goitacá. Cf. COSTA, Henrique Antônio Valadares. *Arqueologia do Estado do Espírito Santo... Op. cit.*

173 Cf. SOFFIATI, Arthur. O norte do Rio de Janeiro no século XVI... *Op. cit.*

174 *Apud Ibidem*, p. 36.

ferocidade e a tocaiar pelos matagais. Ao contrário, aparece-nos um cérebro algum tanto superior ao comum dos outros índios, que evoluiu com as contingências da vida sob o determinismo da ambiência. A sua aversão pelo colonizador deve ter nascido não somente das tentativas bárbaras de escravização, como também de uma consciência inata de superioridade racial oriunda de predomínios seculares inderrotáveis.¹⁷⁵

Para Alberto Ribeiro Lamego;¹⁷⁶ que inclusive estendeu a fronteira do domínio Goitacá para além do Cabo de São Tomé alcançando o município de Cabo Frio, no Rio de Janeiro; as vitórias sobre os Tupi e os colonizadores provavam a superioridade evolutiva dos Goitacá diante das outras etnias que habitavam a região.¹⁷⁷ Mas, se Lamego pretendeu com essa hipótese enaltecer os primeiros habitantes de sua cidade natal, Campos dos Goitacazes, outros autores interpretaram essa habilidade guerreira como um incômodo que precisava ser dirimido em uma narrativa que objetivava retratar um passado harmonioso. Por isso, Francisco Adolfo de Varnhagen comemorou uma exemplar derrota Goitacá ocorrida no sul capixaba

Em 1594, depois de ajuntar toda a gente possível, Azeredo cahio sobre os índios goitacazes; e cauzou-lhes bastante damnos, resultando deste combate, que d'ahi em diante fossem menos constantes as surpresas e ataques dos aborígenes.¹⁷⁸

175 LAMEGO, Alberto Ribeiro. *O Homem e o brejo... Op. cit.*, p. 44.

176 Apesar dos estudos desse autor enfocarem apenas aspectos do atual território do Estado do Rio de Janeiro, suas pesquisas são riquíssimas diante da escassez de pesquisas sobre aqueles povos.

177 *Ibidem*, p. 87. Outra característica confirmada pelas pesquisas arqueológicas é a altura superior a outros povos que habitavam a região. JANSEN, Roberta. *Rio Canibal... Op. cit.*, p. 34.

178 VASCONCELLOS, Jose Marcellino Pereira de. *Ensaio sobre a História e Estatística da Província do Espírito Santo... Op. cit.*, p. 20, 21.

Na literatura essa romantização do Goitacá foi o tema da dissertação de Daniela Moscato. Ao analisar as obras lidas pelo romancista José de Alencar, um dos maiores representantes da corrente literária indianista, a pesquisadora concluiu que o autor de *O Guarani* se apropriou dos conceitos negativos de Gabriel Soares de Sousa, Saint-Hilaire e Varnhagen sobre aquela nação e, a partir daí, transformou-os em qualidades evidenciadas na descrição das habilidades guerreiras e da coragem de Peri que salvou Ceci, a filha do fidalgo português, de um ataque dos Aimoré.¹⁷⁹

De que nação és? perguntou-lhe o cavalheiro em guarani. - Goitacá, respondeu o selvagem erguendo a cabeça com altivez. - Como te chamas? - Peri, filho de Ararê, primeiro de sua tribo. - Eu, sou um fidalgo português, um branco inimigo de tua raça, conquistador de tua terra; mas tu salvaste minha filha; ofereço-te a minha amizade. - Peri aceita; tu já eras amigo.¹⁸⁰

Os Goitacá e o Espírito Santo.

Miguel de Azeredo, que em função da abdicação de Luíza Grimaldi governou a capitania no período de 1593 até 1605, era sobrinho de Belchior de Azeredo, um dos primeiros colonizadores que desembarcou na capitania do Espírito Santo no ano de 1535. O socorro a Estácio de Sá nos conflitos contra os franceses no Rio de Janeiro e o apoio na proteção da capitania do Espírito Santo diante do ataque dos invasores estrangeiros e dos índios, aliados à posse de engenhos de açúcar e a organização de diversas bandeiras que entravam nos sertões à procura da Serra das Esmeraldas e escravizando

179 MOSCATO, Daniela Casoni. *Traços de Peri*: leituras do leitor José de Alencar para a composição do indígena em sua obra *O Guarani* – 1857. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual Paulista, Assis, 2006, p. 101.

180 ALENCAR, *apud Ibidem*, p. 106.

índios, assegurou aos Azeredo, além do exercício de diversos cargos na administração local,¹⁸¹ o posterior reconhecimento de parte da historiografia capixaba que mesmo no final do século XX ainda celebrava:

no final do século XVI, o Espírito Santo já conseguira vencer as dificuldades iniciais da colonização: os colonos consolidavam seu poder sobre os indígenas, através de expedições guerreiras dirigidas por Belchior e depois por Miguel.¹⁸²

No entanto, o extermínio daquelas tribos e a consequente tranquilidade sugerida por esses autores não se sustenta quando confrontadas com outras fontes. O jesuíta Simão de Vasconcelos, por exemplo, afirmava que em sermão proferido na matriz de Vitória, José de Anchieta solicitou que os fiéis rezassem “por nossos irmãos que andam na guerra, que nesta hora estão cercados com grande aperto dos inimigos”.¹⁸³ Outro autor afirma ainda que, em princípios do século XVII o caminho entre a Guanabara e Vitória só poderia ser realizado por mar,¹⁸⁴ portanto, após a celebrada bandeira dos Azeredo, o sul da capitania do Espírito Santo continuava sob domínio indígena.

Aquelas, porém, foram exceções, uma vez que o que predominam são os relatos fantásticos e depreciativos onde os Goitacá andavam

181 Os irmãos Miguel e Marcos de Azeredo mantiveram a tradição iniciada por seu tio Belchior de Azeredo que, entre inúmeras funções, ocupou, atendendo ao pedido de Mem de Sá, o cargo de Capitão-mor entre os anos de 1561 a 1564, após a renúncia de Vasco Fernandes Coutinho.

182 SALETTO, Nara. *Donatários, colonos, índios e jesuítas: o início da colonização no Espírito Santo*. 2. ed. Vitória: Arquivo Público Estadual, 1998, p. 69.

183 VASCONCELOS, Simão de. *Vida do venerável padre José de Anchieta...* *Op. cit.*, p. 130.

184 LAMEGO, A. *O homem e o brejo* [1945]... *Op. cit.*, p. 44.

no mar nadando, esperando os tubarões com um pau muito agudo na mão, e, em remetendo o tubarão a eles, lhe davam com o pau, que lhe metiam pela garganta com tanta força que o afogavam, e matavam, e o traziam à terra, não para o comerem para o que se não punham em tamanho, perigo, senão para lhes tirar os dentes, para os engastarem nas pontas das flechas.¹⁸⁵

Corriam¹⁸⁶ “tão rápido a pé que não só escapam da morte como apanham na carreira certos animais silvestres, veados e onças”.¹⁸⁷ Eram índios diabólicos, comedores de carne humana, como cães e lobos, os mais cruéis e terríveis nativos não vestiam roupas

como todos os brasileiros e usam cabelos compridos e pendentes até as nádegas, o que não parece comum entre os homens desse país, pois, como já disse, costumam tonsurar o cabelo na frente e apará-lo na nuca.¹⁸⁸

[E colocavam] junto às portas de suas mesmas casas, grandes rumas de ossadas dos que mataram e comeram, e disto se jactam; e quanto maior for a ruma da ossada dos que mataram e comeram, tanto maior fica sendo a nobreza de cada qual das casas. Estes são seus brasões e suas proezas.¹⁸⁹

Nos últimos anos o avanço da arqueologia no Brasil, impulsionada, especialmente, pela inserção obrigatória, na forma da lei, de pesquisas arqueológicas nos projetos de estudo de impacto ambiental, tem confirmado algumas daquelas informações e revelado novos detalhes sobre

185 SOUSA, Gabriel Soares de. Tratado descritivo do Brasil em 1587... *Op. cit.*, p. 96.

186 Daí inclusive o significado do etnônimo: Goitacá, em tupi significa grande corredores. Cf. LAMEGO, A. *O homem e o brejo* [1945]... *Op. cit.*

187 LÉRY, J. de. Viagem à Terra do Brasil... *Op. cit.*, p. 63.

188 *Ibidem*.

189 Cf. VASCONCELLOS, Simão de. A vida do venerável padre José de Anchieta... *Op. cit.*

aqueles povos. É o caso de escavações recentes que localizaram sítios arqueológicos Goitacá em Búzios, São Pedro da Aldeia e Saquarema, portanto bem ao norte do cabo de São Tomé.¹⁹⁰ Outras, ao identificarem dois tipos de sepultamentos. Os membros da etnia eram sepultados em urnas repletas de adornos, numa aparente homenagem aos mortos; já os inimigos dos Goitacá, após devorados, tinham seus ossos fragmentados, triturados e concentrados em forma de montinhos,¹⁹¹ exatamente como descrevera Simão de Vasconcelos.¹⁹²

Investigações têm revelado ainda que as trocas entre os Goitacá e seus vizinhos iam muito além da guerra, como inclusive já sugerira um relato do francês Jean de Lery, que esteve no Brasil em 1556.¹⁹³ Escavações realizadas no vale do Orobó, interior do município de Piúma, no sul do Espírito Santo, localizaram em sítios Tupi, vasilhas de cerâmica Macro-Jê e artefatos dos sambaquieiros. No mesmo sentido, no sítio Grande do Uma em Cabo Frio, Jeanne Cordeiro encontrou três pesos de rede em cerâmica, furados para introdução de alguma espécie de fibra para amarrá-lo à rede de pesca.¹⁹⁴ A conclusão da arqueóloga é que os Goitacá provenientes do interior, apreenderam com os sambaquieiros que habitavam o litoral, de forma imposta ou negociada, técnicas que os “tornaram quase anfíbios”.¹⁹⁵

190 JANSEN, Roberta. Rio Canibal... *Op. cit.*, p. 34

191 Cf. GASPAR, M. D. *et al.* Tratamento dos Mortos entre os Sambaquieiros... *Op. cit.*

192 *Ibidem*

193 LÉRY, J. de. Viagem à Terra do Brasil... *Op. cit.*, p. 60.

194 CORDEIRO, Jeanne. Nem cães, nem lobos: os guerreiros Goitacá. *Pilares da História*, Duque de Caxias, a. 3, n. 5, p. 64-65, 2005.

195 SALVADOR, *apud* CORDEIRO, Jeanne. Nem cães, nem lobos... *Op. cit.*, p. 65.

Naquela mesma pesquisa, constatou-se que o cultivo do milho constituía a base da dieta alimentar Goitacá,¹⁹⁶ informação bem distinta da de Soares Sousa

não granjeiam muita lavoura de mantimentos: plantam somente legumes, de que se mantêm, e a caça, que matam às flechadas, porque são grandes flecheiros. Não costuma esta gente pelejar no mato, mas em campo descoberto, nem são muito amigos de comer carne humana, como o gentio atrás; não dormem em redes, mas no chão, com folhas debaixo de si.¹⁹⁷

Por fim, as notícias de que alguns grupos Goitacá que viviam no sul do Espírito Santo aldearam-se na Missão de Reritiba visando se protegerem dos violentos ataques de Mem de Sá, que desejava vingar-se da morte de seu filho Fernão de Sá, ocorrida nas imediações do rio Cricaré,¹⁹⁸ e o fato de que em 1617, quinhentos Goitacá dessa mesma aldeia fundaram a Aldeia de São Pedro, que daria origem a Cabo Frio, quase exterminando os Goitacá daquela região,¹⁹⁹ nos dão pistas do que ocorreu com essa etnia.

Aos que recusaram o convívio com o português restou embrenharem-se nas matas abandonando o litoral ou a morte nos conflitos armados ou na guerra biológica, como em Cabo Frio onde o capitão-mor Estevão Gomes e outros colonos diante das constantes derrotas contra os Goitacá “desesperados de subjugar-los, empregam um processo desumano para os abater. Deixam em seus territórios roupas

196 CORDEIRO, Jeanne. Nem cães, nem lobos... *Op. cit.*, p. 64.

197 SOUSA, Gabriel Soares de. Tratado descritivo do Brasil em 1587... *Op. cit.*, p. 96.

198 Cf. ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. *Metamorfoses indígenas...* *Op. cit.*

199 OLIVEIRA, José Teixeira de. História do Estado do Espírito Santo... *Op. cit.*, p. 130.

de variolosos”.²⁰⁰ Logo desapareceram nas fontes históricas, no campo linguístico²⁰¹ e no físico, como diversos outros povos que habitavam a América Portuguesa.

Interesses e circunstâncias

Entre todos os relatos etnográficos, materiais arqueológicos e textos aqui citados, o que se evidencia nas alianças ou inimizades estabelecidas entre os Goitacá e os europeus, ou outras nações indígenas, é uma constante reelaboração e alteração das relações conforme “as circunstâncias e interesses dos grupos envolvidos”.²⁰² Nessa perspectiva, o apoio contra o corsário Cavendish ou aos Sete Capitães revelam que os Goitacá, apesar da posição de inferioridade nas relações estabelecidas com os europeus, desempenharam um papel ativo na determinação de assegurar o que, naquele contexto, lhes parecia mais vantajoso.

Emblemático, nesse sentido, é o que aconteceu em Irititiba. Diante dos violentos ataques de Mem de Sá, que desejava vingar-se da morte de seu filho ocorrida em 1558 no norte do Espírito Santo, alguns Goitacá resolveram se aldear em Irititiba. A investida do governador geral vinha acarretando sérios problemas aos povos indígenas da costa capixaba, por isso, naquele momento, aldear-se representou optar por um “mal menor”. Estabelecidos naquele aldeamento, os Goitacá assumiram a identidade de aldeados passando a apoiar os colonizadores em investidas contra inimigos externos e internos, como nos conflitos na região de Cabo Frio, já citados neste texto.

200 OLIVEIRA, José Teixeira de. *História do Estado do Espírito Santo...* *Op. cit.*, p. 45.

201 Destes, não restou uma só palavra. FREIRE, José Ribamar Bessa; MALHEIROS, Márcia Fernanda. *Aldeamentos indígenas do Rio de Janeiro...* *Op. cit.*; ALMEIDA, Maria Regina C. de. *Metamorfoses indígenas...* *Op. cit.*, p. 62.

202 *Ibidem*.

Não localizamos outras fontes sobre a adaptação desses indivíduos nos aldeamentos localizados na capitania do Espírito Santo, mas, é bem possível que sofreram - descontemos o entusiasmo de Lamego - um processo semelhante ao que ocorrera em meados do século XVIII na Fazenda Santa Cruz, de Domingos Alvares Pessanha, no norte fluminense,

aquêles ‘selvagens tão ferozes e bravios, postos na ordem das nações mais bárbaras, cruéis e terríveis que se possam achar em toda a Índia ocidental e terra do Brasil’, adaptam-se perfeitamente a civilização. Sempre independentes, alugam-se como machadeiros e excelentes como faquejadores de toras. São habilidosos peões, destros no campeão, na arte de laçar e no preparo da carne sêca. Transformam-se de tal jeito, a ponto de serem ‘cheios de caridade para com os outros, e, ainda, para com os estrangeiros seus amigos. São sumamente agradecidos aos seus benfeitores e lhes tributam uma fidelidade sincera e verdadeira, a ponto de sacrificarem por êles a mesma vida.’²⁰³

Metamorfoseados, os Goitacá aldeados em São Lourenço, Niterói, no início do século XIX, viviam a custa das vendas de panela e da pesca,²⁰⁴ cerâmica essa que influenciaria “na formação da Tradição Neo-Brasileira (ou Cabocla) e poderíamos vê-la ainda existindo na cerâmica popular do interior fluminense e capixaba”.²⁰⁵

Aos que não se renderam ou negociaram com os colonos restou embrenharem-se nas matas abandonando o litoral e toda a fartura alimentar de seus ricos ecossistemas. Outros encararam a morte nos conflitos armados ou na guerra biológica, como em Cabo Frio Depois de todas essas

203 LAMEGO, A. O homem e o brejo... *Op. cit.*, p. 47.

204 *Ibidem*, p. 38.

205 Cf. DIAS JR., O. F. Dados para o Povoamento não tupiguarani do Estado do Rio de Janeiro... *Op. cit.*

investidas, quase que desapareceram nas fontes históricas e no campo linguístico.²⁰⁶

Para autores como Ferdinand Denis, Julio Feydit e Azeredo Coutinho os Goitacá que abandonaram o litoral subiram a serra e conquistaram os Coropó que ali viviam, incorporando destes, a forma de cortar o cabelo. Isso lhes rendeu um novo etnônimo: Coroados, que passou a identificar um grupo específico.²⁰⁷ Além dos Coroados, Ondemar Dias acredita que os Puri também sejam descendentes dos Goitacá, porém, acredita, que esta ligação está no campo da cultura material, pois, faltam dados para definir uma suposta semelhança física ou genética.²⁰⁸ Já Wied Neuwied afirmava que os membros dessas etnias - Puri, Coroados e Coropó - podiam ser descendentes dos Goitacá que, fugidos do litoral retornaram ainda no período colonial para a região serrana fluminense e capixaba.²⁰⁹

No futuro, talvez o avanço e desenvolvimento das pesquisas permitam afirmar se alguma daquelas hipóteses estava correta ou apontem para uma nova explicação para o que houve com os *homens marinhos, quase anfíbios* que no século XVI dominavam o litoral capixaba.

206 Dos membros desta etnia, não restou uma só palavra. Cf. FREIRE, José Ribamar Bessa; MALHEIROS, Márcia Fernanda. Aldeamentos indígenas do Rio de Janeiro... *Op. cit.*

207 CORDEIRO, Jeanne. A primeira face da tradição [2018]... *Op. cit.*, p. 62.

208 Cf. DIAS JR., O. F. Dados para o Povoamento não tupiguarani do Estado do Rio de Janeiro... *Op. cit.*

209 WIED-NEUWIED, Maximiliano, Príncipe de. Viagem ao Brasil... *Op. cit.*, p. 91.

Os Goitacá e a etnografia francesa: breves apontamentos sobre Alfred Métraux e André Thevet.

Julio Bentivoglio

Um breve perfil de Alfred Métraux.

Alfred Métraux foi um destacado antropólogo suíço que nasceu em 5 de novembro de 1902 em Lausanne e que tirou a própria vida no dia 11 de abril de 1963 no vale de Chevreuse. Métraux se especializou no estudo dos povos da América do Sul e do Caribe, em especial o campesinato haitiano, e dos cultos afroamericanos. Seu trabalho sobre o vodu haitiano e sobre o xamanismo é ainda hoje referência na antropologia religiosa. Sua rica experiência e erudição sobre os povos indígenas da América do Sul evidenciam sua contribuição para os estudos antropológicos.²¹⁰

Durante a infância Alfred Métraux morou com sua família na região de Mendoza, na Argentina. Retornou a Lausanne, concluindo sua educação secundária no Classical Gymnasium, em seguida estudou na École Nationale des Chartes, onde acompanhou cursos de Georges Bataille e Michel Leiris. Depois continuou seus estudos na École Nationale des Langues Orientales, na École Pratique des Hautes Études e, também na Sorbonne onde se doutorou

210 LEIRIS, Michel. Regard vers Alfred Métraux. *L'Homme*, t. IV, no 2, 1964, p. 11-14.

em Letras em 1928. Na Sorbonne estudou com Marcel Mauss e Paul Rivet, defendendo sua tese de doutorado em 1928 estudando documentos existentes na França sobre os tupinambás. Também passou uma temporada de estudos na Suécia, na Universidade de Gotemburgo, acompanhando os seminários de Erland Nordenskiöld.



Figura 6: Alfred Métraux.

Quando ainda era estudante, Métraux correspondeu-se com o padre John Cooper, que o apresentou à escola americana de antropologia cultural. Diz-se que o padre Cooper não

percebeu a princípio que seu correspondente acadêmico tinha apenas 19 anos. Eles vieram a se conhecer pessoalmente bem mais tarde, quando Métraux veio para os Estados Unidos. Esse diálogo permitiu que ele pudesse combinar em sua obra o melhor da tradição antropológica histórica tanto européia quanto americana.

A carreira profissional de Métraux foi, como sua própria formação acadêmica, bastante cosmopolita. Seu interesse por antropologia e línguas originais começou, quando seu pai, um médico, transferiu-se de Lausanne, na Suíça, para a Argentina. Foi lá que criaria, em 1928, o Instituto de Etnologia da Universidade Nacional de Tucumán, que dirigiu até 1934. Visitou o Chaco e o planalto boliviano, dedicando-se ao estudo e interpretação das línguas indígenas, o que lhe permitiu criar um extenso registro de grupos étnicos incluindo: Calchaquí, Guaraní, Chiriguano, Toba & Wichís e os Uros-Chipaya.²¹¹

Colaborou ainda com antropólogos americanos na redação do *Handbook of South American Indians*, com alguns temas relacionados com religião e mitologia. Depois de alguns anos marcados por dificuldades financeiras, Métraux tentou, sem sucesso, retornar à Europa. Durante este período, ele também publicou um artigo para o Museu da Universidad Nacional De la Plata na Argentina chamado *Mitos y cuentos de los Indios Chiriguano*. Entre 1934 e 1935, Paul Rivet confiou-lhe a gestão da missão francesa para a Ilha de Páscoa, ocasião que dedicou-se a estudar a língua e mitos locais.

Em 1938, Métraux passou um ano no Bishop Museum em Honolulu. Com a eclosão da Segunda Guerra Mundial saiu em defesa de seus colegas franceses ameaçados pelos

211 LEIRIS, Michel. Regard vers Alfred Métraux. *L'Homme*, t. IV, n. 2, 1964, p. 11-14.

nazistas. Em 1939, retornou à Argentina e à Bolívia para pesquisa de campo em uma bolsa Guggenheim. Em 1940, ao retornar da América do Sul para os Estados Unidos, Métraux lecionou na Universidade de Yale e obteve a renovação de sua bolsa Guggenheim. No ano seguinte, trabalhou com o Cross Cultural Survey pesquisando dados da América do Sul.²¹²

Em 1941, ele se juntou à equipe do Bureau of American Ethnology do Instituto Smithsonian. Foi o ano em que conseguiu a cidadania norte americana. Nos Estados Unidos, de 1941 a 1945, desempenhou importante papel na produção do monumental *Guia dos Índios Sul-Americanos*. Além disso, Métraux ensinou brevemente na Universidade da Califórnia, na Universidade de Berkeley (1938), na Escuela Nacional de Antropología (1943), no Colegio de Mexico (1943) e na Facultad Latino-Americana de Ciencias Sociales, Santiago, Chile (1959–1960).

No início da primavera de 1945, Métraux foi para a Europa como membro do United States Bombing Survey. O impacto da Europa destruída pela Segunda Guerra o motivou a aceitar um cargo no secretariado das Nações Unidas, onde trabalhou de 1946 a 1962, em projetos de cooperação internacional e intercultural valendo-se de sua experiência acadêmica e de pesquisa no campo antropológico. Em 1947 foi designado para a Unesco, organização da qual se tornou, a partir de 1950, membro permanente do Departamento de Ciências Sociais, participando do projeto Hylean Amazon e entre 1947-1948, liderando o levantamento antropológico no Vale do Marbial no Haiti de 1948 a 1950 e estudou as migrações internas dos Aymara e dos Quechua no Peru e na Bolívia (1954). Editou ainda uma série de folhetos como A

212 WAGLEY, Charles. Alfred Métraux 1902-1963. *American Anthropologist*, v. 66, n. 3, p. 603-613, 1964.

questão racial e o pensamento moderno e *A questão racial e a ciência moderna*, publicados a partir de 1950.

Alfred Métraux também organizou uma série de volumes sobre as relações raciais no Brasil, como *As relações raciais entre negros e brancos em São Paulo*, editados por Roger Bastide e Florestan Fernandes em 1955, *Race and Class in Rural Brazil*, editado por Charles Wagley publicado em Paris em 1952, entre outros.

De 1959 até sua morte, em 1963, Alfred Métraux foi diretor de estudos do VIª seção da Ecole Pratique des Hautes Etudes em Paris e dirigiu o seminário *Etnologia e Sociologia das Populações Indígenas da América do Sul*. Suicidou-se em 11 de abril de 1963, poucas horas depois de uma reunião com Maurice Godelier. Sucumbiu à absorção de barbitúricos e registrou em um caderno as etapas de sua intoxicação. Sua morte teve grande repercussão devido ao artigo que ele escreveu e que foi publicado pelo Correio da Unesco alguns dias antes de seu suicídio intitulado *A vida termina aos 60 anos?*, onde critica o destino reservado aos idosos no Ocidente, muito mais bárbaro segundo ele do que qualquer coisa que tenha visto em outras sociedades consideradas “primitivas”.

A passagem pela Unesco foi uma oportunidade para ele promover inúmeros programas de antropologia aplicada, principalmente na Amazônia, nos Andes e no Haiti. Além disso, ele lutou ativamente contra o racismo, coordenando um projeto interdisciplinar por trás da publicação da revista *Le Racisme devant la Science*, publicada a partir de 1951.

Métraux valorizou a pesquisa de campo etnográfica mais que a teoria, produzindo pesquisas detalhadas e extensas que deram origem a centenas de artigos, muitos deles sobre o Chaco argentino, os Andes peruanos ou o vodu haitiano. Ele gostava de experiências de imersão nas culturas que estudava,

como ouvir histórias de gaúchos argentinos em torno da fogueira, em rituais junto aos Kayapó ou na cerimônia de candomblé em Salvador que participou junto com seu amigo Pierre Verger.

Alfred Métraux suicidou-se com uma overdose de barbitúricos e seu corpo só foi encontrado no dia 20 de abril de 1963, perto do Chateaux de la Madeleine no Vallee de Chevreuse, de 30km fora de Paris. Na época de sua morte, ele era professor de antropologia sul-americana na École Pratique des Hautes Etudes e tido como um dos maiores antropólogos do mundo, respeitado por sua obra e sua militância em prol dos direitos humanos.

André Thevet: síntese biográfica

André Thevet ou simplesmente *Theuвет* foi um geógrafo-explorador e escritor francês nascido no ano de 1516 e que morreu no dia 23 de novembro de 1590 em Paris.

Filho caçula em uma família de cirurgiões-barbeiros, aos dez anos Thevet foi internado contra a sua vontade no convento franciscano de Angoulême. Averso à religião aproveitou a oportunidade para estudar e viajar. Destacando-se entre seus colegas pelo gosto às letras e à escrita, Thevet conseguiu a atenção e a proteção de François I e logo em seguida foi apadrinhado pelos La Rochefoucauld e Guise. Graças à estes mecenas, André Thevet pode realizar viagens pela Itália. Logo em seguida, tornou-se amigo do cardeal Jean de Lorraine, que em 1549, patrocinou sua viagem para o Levante, visitando Creta e as Ilhas do Mar Egeu. Depois passou quase dois anos em Constantinopla, provavelmente como informante da França. Em 1552, seguiu para o Egito e o Monte Sinai, e finalmente para a Palestina e a Síria,

realizando uma ampla viagem exploratória pelo Oriente Médio.²¹³

De volta à França, André Thevet publicou a história dessa viagem em 1554 com o título de *Cosmographie de Levant*. Nela enumerou curiosidades arqueológicas, botânicas e zoológicas encontradas durante sua longa jornada. Mas esse trabalho deve mais à compilação de autores antigos do que às suas próprias observações.



Figura 7: André Thevet.

213 Cf. LESTRINGANT, Frank. *Sous la leçon des vents: le monde d'André Thevet, cosmographe de la Renaissance*. Paris: Presse Universitaire de Paris-Sorbonne, 2003.

Logo depois, André Thevet realizou uma viagem ao Brasil, entre 1555 e 1556, produzindo um *Mapa da América do Sul* em 1575. Veio como imediato e capelão da expedição do vice-almirante Villegagnon para estabelecer uma colônia francesa no Brasil destinada a proteger os marinheiros normandos que vinham para o litoral obter pau-brasil. Teria ficado no Brasil de novembro de 1555 até o final de janeiro de 1556, no Forte Coligny, na entrada da baía do Rio de Janeiro. Foi o primeiro a descrever a Ilha de Paquetá. Voltou para cuidar de sua saúde após 10 semanas no Rio de Janeiro.

Em seu retorno publicou em Paris, no final de 1557, um novo livro *Les Singularitez de la France Antarctique*, relato das observações que pôde fazer dos países e povos vistos durante a sua viagem ao Novo Mundo.²¹⁴ A obra o tornou famoso e foi rapidamente traduzida para o italiano e o inglês. Despertando imitações e controvérsias, afinal narrou, conforme era comum na época, a existência de seres imaginários e outras bizarrices, características daquele tipo de livros de viagens. Apesar disso, graças às informações que lhe eram transmitidas por marinheiros e ex-marinheiros fez vários relatos dos povos indígenas. Nesta obra contou com o auxílio do helenista Mathurin Héret responsável por aproximar o relato de Thevet da tradição clássica.

Foi um dos primeiros a dar descrições vagas mas honestas em francês da mandioca, da banana, do amendoim, da castanha de caju, da arara vermelha, dos tucanos, das antas, preguiças e do tabaco. Também ofereceu a primeira descrição etnográfica dos índios Tupinambá. Seu capítulo sobre o canibalismo ritual dos Tupinambá é um dos documentos etnográficos mais incríveis do século

214 Cf. LESTRINGANT, Frank. *L'atelier du cosmographe ou l'image du monde à la Renaissance*. Paris: Albin Michel, 1991.

XVI. A qualidade das 41 xilogravuras reproduzindo na obra aspectos da flora, da fauna e dos rituais tupinambás garantiram o sucesso do livro na corte e entre os leitores.

Thevet deixou a ordem dos jesuítas em 1559, estabelecendo-se na rue de Bièvre, no Quartier Latin de Paris, e em 1560 tornou-se geógrafo do rei, servindo sucessivamente a quatro reis da França: Henrique II e seus três filhos Francisco II, Carlos IX e Henrique III.

Na rue de Bièvre, André Thevet montou um gabinete de curiosidades: moedas gregas e latinas, plumasseries do Brasil e do México, bicos de tucano, papagaios e jacarés empalhados e outras singularidades, além de documentos e memórias referentes ao Novo Mundo, dentre eles o precioso Codex Mendoza, manuscrito asteca dos anos 1540-1541. Essas coleções naturalísticas e etnográficas testemunham seu desejo constantemente reafirmado de garantir o primado da experiência sobre a autoridade.

Tudo o que eu falo e recito para você, não pode ser aprendido na escola de Paris, ou de qualquer universidade na Europa, mas [como] no convés de um navio se aprende a lição dos ventos.²¹⁵

A partir de 1566, Thevet dedicou-se ao ambicioso projeto de uma enciclopédia geográfica universal distribuída nos quatro continentes. A volumosa obra, intitulada *Cosmografia Universal*, publicada em 1575, reúne documentos originais de interesse capital para o conhecimento dos povos ameríndios do Brasil e várias populações da África e da Ásia.

Foi como historiógrafo que publicou, em 1584, os retratos de *Vrais et vies des hommes ilustra* em oito volumes.

215 Cf. LESTRINGANT, Frank. *L'atelier du cosmographe ou l'image du monde à la Renaissance...* Op. cit.

A sua ambição é imensa, pois pretende mencionar todos os grandes homens de todas as regiões que visitou, à semelhança de Plutarco. Nos livros a seguir são tratados os descobridores e conquistadores, Colombo, Vespúcio, Magalhães, Cortés e Pizarro e seis soberanos da América (um asteca, um inca, um canibal, um Tupinikin, um Satourion da Flórida e um Patagon). Teve então a ousadia de reunir os retratos de monarcas ameríndios com as glórias da Antiguidade e da Europa. Ele ilustra seus 224 retratos com gravuras.

As obras de Thevet não foram bem recebidas pelos estudiosos de seu tempo. Ele foi acusado de plágio e ignorância ou mesmo de desacato. “Essa má reputação é reforçada com o início da agitação civil. Depois de se unir ostensivamente ao duque de Guise durante a Primeira Guerra de Religião, Thevet tentou agradar aos dois lados. Mas, foi condenado por ambas partes, o projeto cosmográfico saiu das margens da heresia apenas para precipitar-se em um excesso blasfemo. A falha de Thevet é científica, mas também teológica. Há muito os naturalistas e, antes de tudo, os botânicos a citam com reverência, especialmente no que diz respeito às realidades exóticas da América e especialmente do Brasil.

Em *Singularidades da França Antártica* (1558), Thevet descreve o uso do tabaco pelos índios. Ele trouxe de volta à França sementes que cultivou em sua região natal, Angoulême, batizando a planta de “capim angoulmoisina”. Mas o termo será menos bem sucedida do que a palavra *petun* do tupi, ou ainda *petyma* e *petyn* que serão amplamente utilizados na França e nas Antilhas no início do século XVI, substituídos por tabaco a partir do século XVII. Thevet revelou as propriedades inebriantes daquela planta dizendo que fumou um charuto de *petun* e que sua fumaça deu-lhe fraqueza a ponto de desmaiar. Se Thevet foi inegavelmente o primeiro a introduzir o

tabaco na França, ele não foi o primeiro na Europa, já que Hernandez o havia introduzido na Espanha em 1520.²¹⁶

216 PELT, Jean-Marie. André Thevet, les monstres difformes et le tabac, in *La Cannelle et le panda: les grands naturalistes explorateurs autour du Monde*, Paris: Fayard, 1999.

Alfred Métraux

Os índios Goitacá:

A PROPÓSITO DE UM MANUSCRITO INÉDITO DE
ANDRÉ THEVET²¹⁷

1908

217 MÉTRAUX, Alfred. Les indiens Waitaka (a propos d'un manuscrit inédit du cosmographe André Thevet). *Journal de la Société des Américanistes*, t. 21, n. 1, 1929, p. 107-126. Tradução para o português de Josemar Machado de Oliveira.

Examinando com atenção um manuscrito inédito do cosmógrafo francês André Thevet tive a boa sorte de encontrar, entre outras informações novas sobre a etnografia antiga do Brasil, algumas páginas consagradas aos índios Goitacá,²¹⁸ sobre os quais ele tinha reunido informações quando de sua estadia no Rio de Janeiro em 1550 e em 1554. Como nossos conhecimentos sobre esses índios eram muito limitados, pensei que haveria interesse em publicar esse texto que completava com alguns detalhes os raros dados que podíamos recolher na literatura sobre esse grupo hoje completamente extinto. A ausência de uma boa descrição dos Goitacá é tanto mais lamentável que as raras indicações que possuímos a seu respeito nos deixam entrever um conjunto de fatos extremamente curiosos e talvez de uma importância realmente excepcional.

Situação geográfica.

Os índios Goitacá (Goaytacá, Goyataka, Goyaka, Goytakaz, Waitacazes, Ouetacázes, Oueitaca) fazem provavelmente parte das antigas populações que ocupavam a costa do Brasil bem antes que os Tupis dela tivessem se tornado senhores. Eles pertenciam sem dúvida a esse antigo extrato étnico da América do Sul do qual as populações jês são os representantes mais conhecidos.

No meio do século XVI, época na qual eles entram na história, os Goitacá ocupavam a porção do litoral que se estende do rio Cricaré (hoje rio São Mateus) ao cabo de São Thomé. Tais são ao menos os limites que lhes atribuiu Soares de Sousa (16, p. 77-78) que é a nossa melhor autoridade para a carta étnica do antigo Brasil. Léry (10, t. 1, p. 78-80, e t. II, p. 130) os colocava nas margens do mar a altura das “baixadas”

²¹⁸ O autor escreve, no original, goitacazes, como um substantivo comum e no plural, mas o tradutor optou pela grafia correta na atualidade que é Goitacá, nome próprio identificador de um grupo étnico e que se grafa no singular.

entre "o rio de Maq-hé e de Paraĩ". O "Paraĩ" de nosso viajante não é outro senão o Parahyba e, quanto ao "Maq-hé", talvez seja apenas um curso d'água que desemboca não longe de Macaé onde começava a região dos tamoios ou tupinambás do Rio de Janeiro.

Cardim (3, p. 211) se contentou em citar os Goitacá como uma população nômade vivendo na costa do Brasil entre o Espírito Santo e o Rio de Janeiro. Esses índios figuram igualmente na lista das nações do litoral enumeradas por Knivet (9, p. 252). Segundo este autor, eles viviam ao sul e ao norte de cabo Frio, em baixadas e pântanos. Vasconcellos (19, p. LIII) lhes deu por *habitat* todo o distrito compreendido entre o Rio Reritygba (chamado hoje Iritiba) e o cabo de São Thomé. Esse mesmo cronista (20, livro IV, cap. XI, p. 120), em sua vida do Padre João de Almeida, lhes atribuiu somente a possessão dos territórios se estendendo do rio Parahyba a Macahé. Enfim, segundo o sábio geógrafo Millet de Saint-Adolphe (12, t. I, p. 388), o território desses índios tinha tido por limites, ao norte, o rio Gabapuana (provalmente o Itabapuana chamado também Comapuam ou Campapoana) e, ao sul, o cabo de São Thomé. Tão imprecisas e contraditórias que sejam nossas fontes sobre o tema das fronteiras exatas dos Goitacá, elas concordam todas em ver neles os senhores incontestes dessa região plana, cortada de alagadiços e de lagos, pobre em árvores, mas extraordinariamente fértil e propícia à criação e que ainda hoje leva o nome de Campos dos Goitacases e que, começando perto da Lagoa Feia, acaba na embocadura do Parahyba. A riqueza de sua terra, que Vasconcellos compara aos Campos Elíseos, excitando a cobiça dos europeus, provocou o extermínio dos Goitacá.

Do ponto de vista da geografia histórica, os Goitacá ocupavam toda a capitania de São Thomé e o sul daquela do Espírito Santo. Eles tinham por vizinhos, do lado de

suas fronteiras meridionais, os Tamoios ou Tupinambá, no sudeste, os Temiminó, estabelecidos sobre as ilhas do Parahyba, a leste, os Ocauan e os Garaiá, tribo frequentemente citada nas crônicas e que não se pode confundir com os Karajá que vivem atualmente no alto Araguaia. No nordeste, eles se chocavam com os Papaná que eles tinham expulsado da costa e empurrados para o interior do território, e a uma outra tribo desconhecida designada sob um apelido próprio a diversas tribos Tupis: os Tobajarà [tabajara]. Ao norte, tinham por adversários encarniçados os Tupiniquin.

Os Goitacá se subdividiam em três grupos hostis uns aos outros, os quais os Tupis davam os nomes seguintes: Goitacá-mopi, Goitacá-yakorito e Goitacá-wasu (19, p. LIII, e 20, livro IV, cap. XI, p. 123). Os dois primeiros habitavam nos Campos dos Goitacases propriamente ditos. Sabemos mesmo que os Goitacá-yakorito estavam estabelecidos nas margens do rio dos Bagres (20, livro IV, cap. XII, p. 142). Quanto aos Goitacá-wasu, eles viviam à leste dos dois primeiros no interior do sertão. Eles eram os inimigos jurados das duas outras tribos, contra as quais eles faziam uma guerra implacável (20, livre IV, cap. XI e XII, p. 126 e 143). Thevet (cf. mais abaixo o texto inédito) acrescenta a esses três grupos o dos Goitacá-miri (oueitaca-mery) e deixa entender que os Goitacá-wasu eram aliados dos Goitacá-mopi contra os Goitacá-miri e os Goitacá-yakorito, o que contradiz em uma certa medida Vasconcellos.

História dos goitacases.

(Sobre esse assunto, consultar: 16, p. 74-78; 20, livro IV, cap. XI-XIV; 1, t. II, p. 12-13 et 56-38; 17, t. I, p. 37-38 et. T. II, p. 665-666; 14, t. II, p. 111-118; 12, t. I, p. 348-349 e t. II, p.633-634).

No início do período histórico, os Goitacá tinham por vizinhos ao norte os Papaná que os separavam dos Tupiniquin. Conduziram contra os Papaná uma guerra tão feroz que os obrigaram a deixar a costa e a fugir para o sertão. Eles ocuparam o território conquistado e se encontraram, por essa razão, em contato direto com os Tupiniquin com os quais eles engajaram imediatamente hostilidades. Como já disse, os Goitacá, não contentes em inquietar seus vizinhos, estavam divididos em grupos hostis que se combatiam mutuamente. A maior parte das regiões que eles habitavam foi erigida por João III de Portugal em uma capitania que ele concedeu a Pedro de Goes da Silva. Este dela tomou posse em 1553. Os colonos viveram durante dois anos em paz com os Goitacá e seus estabelecimentos prosperaram. Mas essas boas relações foram seguidas por um período de guerra que durou cinco anos. Ele terminou pela derrota total dos portugueses que se viram forçados a abandonar a zona costeira onde eles tinham se fixado. Pedro de Goes da Silva saiu completamente arruinado dessa aventura.

A capitania vizinha do Espírito Santo igualmente padeceu com os Goitacá. Vasco Fernandes Coutinho, que dela tinha o usufruto, conseguiu primeiramente empurrá-los para o interior; depois, tendo assegurado a tranquilidade de sua possessão, voltou à Europa para buscar reforços. Durante sua ausência, os Goitacá, aliando-se aos Tupiniquin, retomaram a ofensiva e voltaram a devastar as "fazendas" dos colonos. Eles mataram inclusive D. Jorge de Menezes que exercia o comando no local no lugar de Vasco Fernandes Coutinho. Seu sucessor, D. Simão de Castello Branco, teve a mesma sorte. Os colonos assustados abandonaram a vila de Nossa Senhora da Victoria que eles tinham fundado e se refugiaram na ilha de Duarte de Lemos. De volta à sua capitania, Vasco Fernandes retomou a guerra contra os Goitacá, mas, se sentindo muito fraco para os submeter, apelou para Mem de Sá, Governador Geral do

Brasil. Este lhe enviou seu filho, Fernão de Sá, com tropas; os portugueses, encorajados por esses reforços, retomaram a ofensiva e impuseram pesadas perdas às tribos confederadas. Em um desses combates, Fernão de Sá foi derrotado e morto. Apesar desse fracasso, os portugueses conseguiram se manter na capitania do Espírito Santo e pacificá-la.

Uma expedição teria sido dirigida contra os Goitacá por Gonsala (Gonsalez) Corea de Sasa [sic] a qual Knivet teria tomado parte. Uns trinta desses índios teriam sido feitos prisioneiros então, mas teriam conseguido fugir queimando as cordas que prendiam suas mãos. A esse respeito, Knivet conta que por volta de 1580 (?), ele tinha lutado contra os Goitacá, em companhia de Mendesaa (Mem de Sá). Os portugueses foram secundados nessa empresa por uma tribo tupi (tamoyo) comandada pelo cacique Abausanga e obtiveram uma fácil vitória bombardeando com peças de artilharia os infelizes Goitacá já tão desgastados pelos assaltos dos Tupis (9, p. 252-254).

Foi somente muito mais tarde que o grosso da nação Goitacá foi definitivamente subjugada. O desastre sofrido por Pedro de Goes da Silva tinha afastado por um longo tempo os portugueses da região fértil banhada pelo baixo Parahyba, ninguém se sentia bastante audacioso ou bastante forte para empreender uma campanha contra os terríveis Goitacá. Durante mais de sessenta anos, estes puderam gozar de uma completa independência e tornaram impossível toda viagem por terra entre o Rio de Janeiro e a capitania do Espírito Santo. Eles massacravam e comiam todos os viajantes que tomavam essa rota. Mesmo assim uma tentativa foi feita em 1619 para os evangelizar. O padre João de Almeida e o Padre Lobato foram ao encontro dos Goitacá-wasu após terem atravessado a região dos Goitacá-mopi e dos Goitacá-yakorito e obtiveram deles a promessa de se estabelecer junto aos portugueses. O único

resultado prático dessa viagem foi de diminuir as hostilidades entre essa tribo e os brancos.

Em 1623 ou 1627, habitantes afortunados do Rio de Janeiro se associaram para explorar esses campos com a autorização do emissário de Gil de Goes, sucessor de Pedro de Goes da Silva. Graças ao apoio de pessoas importantes do Rio, pôde-se começar em 1630 a conquista dos territórios cobiçados. Os Goitacá foram derrotados, postos em fuga ou obrigados a se reunir em aldeias para serem evangelizados. Um número considerável dentre eles foi massacrado sob o falacioso pretexto de ter assassinado a tripulação de um barco naufragado na costa. Seus antigos inimigos, os Tupis, apesar de convertidos e submetidos, beneficiaram-se dessa ocasião para obterem deles uma vingança completa.

Foi nessa época que os antigos Goitacá se teriam misturados aos Coropó e, se refugiando nas florestas do lado da província de Minas Gerais, tendo perdido seu nome de Goitacá para adquirir o de Coroado. Veremos mais adiante o que pensar dessa metamorfose dos Goitacá em Coroado. Se Millet de Saint-Adolphe (12, t. I, p. 389) não assimilou, como muitos autores, a fusão dos Goitacases aos Coroado, poder-se-ia acreditar que esses índios viviam ainda, na primeira metade do século XIX, dispersos nas "comarcas" de Campos e de Cabo Frio e no sul do estado do Espírito Santo. Eles se teriam distinguido por sua alegria, sua inteligência e a doçura de seu caráter. Seus únicos defeitos teriam sido a bebedeira e imprevidência. Eles teriam, além disso, uma marcante repugnância em se misturar aos brancos.

É certo que descendentes diretos dos Goitacá se mantiveram até a uma data tardia em seu antigo território. O príncipe Maximilien de Wied-Neuwied (20, t. I, p. 37) pôde ver, na vila de São Lourenço perto de Rio de Janeiro, índios

que eram originários dos Goitacá reunidos em aldeias pelos jesuítas. Da mesma forma, a vila de São Pedro dos Índios parecia ter sido composta com um forte elemento Goitacá (21,t. I, p. 76). Estes últimos Goitacá estavam completamente assimilados e tinham perdido até a lembrança de seu passado.

Língua dos Goitacá

Os Goitacá falavam uma língua diferente daquela das populações vizinhas. Sabemos particularmente que ela não apresentava nenhuma analogia com a dos Tupis, dos Caraia e dos Ocauan. Os Goitacá são sempre relacionados entre os tapuias (10, t. II, p. 130; 5, p. 77; 3, p. 211; 19,4 p. LIII). Parece que eles podiam se entender com os Papaná. Mas Soares de Sousa (16, p. 78), que nos assinala esse fato, acrescenta que os Papaná compreendiam também a língua dos Tupiniquin, não podemos nos utilizar de uma informação certamente manchada de erro. Talvez os Papaná, como os Goitacá, tenham sofrido suficientemente a influência dos Tupis para se servir de sua fala como de uma língua de relação.

Ehrenreich (6, p. 54; 6 bis, p. 114) e Rivet (13, p. 698) consideram os Goitacá como uma tribo aparentada aos Coroados e aos Puri e os reúnem todos os três na grande família linguística Gé (Jê) da qual eles constituiriam um subgrupo. Como não conhecemos uma única palavra da língua goitacá, essa classificação deve ser considerada, ao menos no que lhes concerne, como certamente hipotética.

Etnografia dos Goitacá

Nenhum dos autores que nos falam dos Goitacá parece ter estado em contato direto com eles. Seus comentários são

no mais das vezes fundados sobre informações de segunda mão obtidas seja das tribos Tupis em guerra com esses índios, seja dos colonos que igualmente os combateram.

Os Goitacá nos são descritos como indivíduos robustos, de grande altura, de membros fortes e de uma cor mais clara que os Tupi, seus vizinhos (16, p. 77; 20, liv. IV, cap. XI, p. 126). Os Goitacá-wasu teriam se distinguido notadamente do restante da nação por sua grande estatura e as belas proporções de seus corpos, daí o apelido de wasu, "grande" em tupi, que lhes foi dado. Segundo Léry (10, t. 1, p. 78), os Goitacá portavam os cabelos longos e que iam até às nádegas, o que contribuía para lhes dar um aspecto diferente dos Tupis e faziam uma tonsura na frente do crânio. Knivet (9, p. 252) diz da mesma forma que eles tinham uma longa cabeleira, como a dos irlandeses. Esses dois testemunhos estão em contradição formal com o de Soares de Sousa (16, p. 78) e o de Vasconcellos (20, liv. LI, cap. XI, p. 126) que nos descrevem os homens da nação Goitacá como tendo a parte anterior da cabeça raspada e os cabelos caindo até os ombros sobre a parte posterior.

Não é impossível que essa afirmação fosse verdade nos dois casos. Uma grande parte da nação Goitacá pôde muito bem ter adotado a tonsura em uso entre os Tupis, seus vizinhos, enquanto a outra mantinha-se fiel ao antigo tipo de corte. Essa hipótese é tanto mais verossímil que a tonsura dos Goitacá adota a mesma forma que aquela dos Tupinambá do Rio de Janeiro. Sabemos, por outro lado, que muitas tribos do Brasil oriental, pertencendo à mesma esfera de civilização primitiva que os goitacases, tinham por caráter distintivo uma longa cabeleira.

Além disso, os Goitacá raspavam cuidadosamente todos os pelos do corpo. Eram também célebres por sua agilidade que lhes teria dado uma superioridade incontestável

sobre todos os seus inimigos. Sua rapidez na corrida era tal, nos diz Léry (10, t. I, p. 77; e 3, p. 211), "que se eles estão com pressa e perseguidos por seus inimigos (os quais entretanto nunca os venceram nem dominaram) vão tão bem a pé e correm tão rápido, que não somente evitam nesse caso o perigo de morte, assim como também quando vão à caça, capturam na corrida certos animais selvagens, espécies de cervos". Se realmente os Goitacá foram corredores tão notáveis, eles o devem sem dúvida à natureza do solo que habitavam. As grandes planícies, que formavam o centro de seu domínio, certamente contribuíram para desenvolver sua resistência em um exercício ao qual seus vizinhos, que viviam no meio dos bosques, jamais poderiam se dedicar.

A passagem de Thevet publicada mais abaixo nos mostra por quais meios os Goitacá desenvolveram entre as crianças a elasticidade do corpo e a segurança do golpe de olho.

Sua habilidade no nado era também notável. Não hesitavam em se jogar na água e em atacar sem nenhuma ajuda os tubarões, tendo apenas por arma uma lança que introduziam em sua garganta e que lhes permitia sufocá-los e trazê-los para a margem. Eles se entregavam a essa caça perigosa para obter os dentes do monstro dos quais faziam pontas de flechas (16, p. 78). É verdade que tais traços de costume é contado um pouco diferentemente por Vasconcellos (20, liv. IV, cap. XI, p. 126). Os índios Goitacá chegavam em grupo ao longo da margem, lá onde a água era pouco profunda e cercando os tubarões, os matavam enfiando em sua garganta uma lança curta e de ponta aguda. Essa caça ao tubarão correspondia a uma realidade, pois Knivet (9, p. 252) relata que os Goitacá atiravam esses animais sobre a margem puxando-os pelas caudas.

Os Goitacá pareciam levar uma vida semi-nômade e obtinham da caça, da pesca e da colheita de frutos a parte

mais importante de sua subsistência. Praticavam, no entanto, a agricultura, apesar de numa escala bem menor que os Tupis (16, p. 11). Cultivavam, com efeito, somente algumas plantas, das quais o milho e certos tubérculos. A mandioca permaneceu para eles desconhecida (cf. Thevet, texto citado). É muito provável que esses rudimentos de agricultura deveram-se à influência das tribos Tupis vizinhas e que anteriormente os Goitacá foram inteiramente nômades. Vasconcellos (20, liv. IV, cap. XI, p. 126) declara formalmente "que eles não se preocupavam em fazer derrubadas, nem em criar animais ou de praticar qualquer tipo de indústria, e que obtinham todos os seus recursos de seu arco". Aqui também encontramos uma dessas contradições que pode se explicar pelo contraste que os Goitacá deviam apresentar, do ponto de vista da cultura material, segundo fossem ou não submetidos à influência dos Tupis. É provável que os Goitacá que viviam perto de Macaé tivessem adquirido de seus vizinhos elementos culturais ou costumes que permaneceram estranhos àqueles do interior. Segundo Cardim (3, p. 211), os Goitacá passavam suas jornadas em suas derrubadas ou em seus campos e apenas retomavam suas habitações à noite para dormir.

Conta-se que no lugar em que eles matavam um animal ou pescavam um peixe, eles o comiam incontinente, mal-cozido e sangrando desagradavelmente. Eram tão vorazes que não esperavam que os dois lados fossem cozidos, pois logo um dos lados cozido, eles o comiam sem demora e, voltando-se sobre o outro lado, o devoravam igualmente, deixando apenas os ossos ou as espinhas. Com o peixe ou a carne, nunca consumiam farinha de mandioca, legumes ou outra coisa parecida (20, liv. IV, cap. XI, p. 126).

A despeito de que sua região fosse atravessada por numerosos cursos d'água e abundante em lagos, os Goitacá demonstravam uma preferência especial pela água salobra

que eles retiravam de poços perfurados às margens do mar, costume que Vasconcellos considerava de origem supersticiosa (20, liv. IV, cap. XI, p. 126).

Segundo Soares de Souza, os Goitacá se deitavam para dormir diretamente sobre o solo, sobre um amontoado de folhas (15, p. 78). Vasconcellos (20, liv. IV, cap. XI, p. 126) nos fornece sobre suas habitações informações do mais alto interesse: "suas aldeias se compunham de algumas cabanas que, como pombais, eram construídas sobre uma só trave, por causa das águas. Suas casas eram muito pequenas e cobertas de palha. Eles as chamavam tabûa. Suas portas eram tão pequenas que, para penetrá-las, era necessário entrar de quatro. Não havia redes, nem camas, nem móveis, pois toda sua riqueza consistia em seus arcos".

Mais adiante, o mesmo Vasconcellos (20, liv. IV, cap. XI, p. 142) nos diz que as palhoças dos Goitacá-yakorito "eram pequenas cabanas pobres, feitas de palha e sem mobiliário".

Esse tipo de habitação se aproxima particularmente das habitações construídas sobre as árvores das quais Rivet (13 bis, p. 144-145) forneceu a distribuição e que ele aproxima daquelas dos mares do Sul. De memória, eu lembro as regiões ou tribos nas quais palhoças assim dispostas foram assinaladas na América do Sul. Foram: a Colômbia, o curso inferior do Atrato, os Motilon, os Guarauno, os Amahuaka e os Guayaki (?). Millet de Saint-Adolphe (12, t. I, p. 388-389), que diz ter extraído de Vasconcellos as indicações que nós encontramos em seu dicionário no artigo Goitacá, nos dá a propósito dessas casas uma versão um pouco diferente e as considera como sendo verdadeiras habitações sobre árvores. É bastante possível que nosso autor tenha interpretado a passagem que ele cita com alguma fantasia, mas talvez ele tenha tido também sob

os olhos algum texto que eu não pude consultar. Eu reproduzo suas indicações com bastante reserva: “os Goitacá viviam em comunidade em terras cercadas de água e em cabanas feitas de folhas de palmeira suspensas nos troncos das árvores, e desses antros saíam de supetão para atacar seus inimigos, e se por acaso eles eram repelidos em razão da desigualdade do número ou das armas de fogo dos europeus, eles se salvavam nadando e se retiravam para essas matas onde era impossível para a cavalaria segui-los sem se colocar explicitamente em perigo”. Que as habitações dos Goitacá tenham tido por suportes colunas ou árvores, trata-se em todo caso de um tipo de casa caracteristicamente particular e extremamente rara na América do Sul.

Todavia, convém observar que nem Soares de Sousa, nem Thevet, nem Léry e nem Knivet dizem uma palavra desse tipo de habitação entre os Goitacá. Esse silêncio é estranho, tanto mais que eles escreveram em uma data antiga e que três dentre eles viveram próximos a esses índios. Knivet nos dá mesmo uma descrição de suas casas que não enquadra de forma alguma com essa que eu reproduzi: “suas casas são muito baixas e pequenas. Eles não dormem em redes como os Tamoios e como os outros canibais, mas como porcos, fazendo fogo no meio de suas casas (9, p. 252)”.

Os Goitacá, a exemplo da maior parte das populações costeiras do Brasil, andavam completamente nus (10, t. I, p. 78; 16, p. 78). Por armas, eles tinham o arco e a flecha (20, liv. IV, cap. XI, p. 126). Como sua região é bastante pobre em madeira, obtinham seus arcos da tribo dos Ocauan, que tinham por habitat uma região florestada, vizinha da sua (cf. Thevet, texto citado). Sua pontaria era famosa (20, liv. IV, cap. XI, p. 125). Mesmo as mulheres flechavam tão bem quanto os homens (9, p. 252).

Os Goitacá eram uma nação belicosa e temível. Léry (10, t. 1, p. 78) os considera como “selvagens tão ferozes e estranhos, que como não podem permanecer em paz uns com os outros, mantém guerra aberta e contínua, tanto contra seus vizinhos quanto geralmente contra todos os estrangeiros”. “Eles devem ser incluídos”, ele acrescenta em outra parte, “e colocados no nível das nações mais bárbaras, cruéis e temíveis que se possam encontrar em toda a Índia ocidental e terra do Brasil”. Todos aqueles que falaram dos Goitacá concordam sobre esse ponto e, na falta desses testemunhos, as vitórias repetidas que eles obtiveram sobre os portugueses bastariam para nos dar uma ideia elevada de sua coragem e de sua intrepidez.

Contrariamente aos outros, eles aceitavam o combate em campo aberto, o que no entanto era entre eles menos um traço de valor que uma necessidade imposta pelo caráter mesmo de sua região (16, p. 78).

Eles teriam tido em comum com os Tupis seus costumes antropofágicos. “Eles se comiam uns aos outros com mais entusiasmo que as bestas ferozes”, nos diz Vasconcellos (19, p. LIII) em sua *Crônica*, e em sua vida do P. João de Almeida, ele os definiu como índios dos bosques, canibais, que vão à caça uns dos outros como feras, e que sentem mais sabor na carne de seus cativos que naquela da caça (20, liv. IV, cap. XI, p. 126). “Eles comem todos os tipos povos, franceses, portugueses e negros”, nos diz Knivet (9, p. 252) 2), e mais longe conta que um barco tendo naufragado em cabo Frio, toda sua tripulação foi comida pelos Goitacá.

A passagem de Thevet reproduzida abaixo não deixa subsistir nenhuma dúvida sobre essa questão e dá mesmo a entender que esses índios devoravam seus inimigos seguindo ritos que deviam lembrar aqueles dos Tupis, apesar de que as

execuções se fizessem entre eles por meio de flechadas. Isto me faz crer que esses índios talvez fizeram um empréstimo desse costume aos Tupis. Minha hipótese é tanto mais plausível que Soares de Sousa (16, p. 75), sem negar que eles fossem antropófagos, se contenta em dizer que eles são tão inclinados a comer a carne humana quanto as tribos Tupis. Como se sabe, o canibalismo era muito menos desenvolvido ou mesmo inexistente entre as tribos ditas Tapuias, pertencentes à antiga camada da população do Brasil, que entre os Tupis que a elas substituíram.

Os Goitacá amontoavam sobre as praças de suas vilas, diante da porta de suas cabanas, os ossos dos inimigos que tinham matado e comido, e o nível e a consideração de que gozavam cada família era proporcional à altura desse monte. O padre João de Almeida, percorrendo a região dos Goitacá-wasu, descobriu uma vez ao pé de uma árvore o esqueleto de um prisioneiro que fora comido fazia pouco e que estava inteiramente despojado de sua carne. Estes restos eram destinados a amedrontar os inimigos e a mantê-los à distância (20, liv. IV, cap. XI, p. 126, e cap. XII, p. 142).

A sede de vingança teria sido implacável entre esses índios. Um chefe da fração dos Goitacá-wasu, na sequência de eventos desconhecidos, tinha se refugiado com quatro dos seus junto aos missionários de Cabo Frio. Seus inimigos vieram caçá-lo e não pararam de persegui-lo e de vigiar seus movimentos. Após a morte desse chefe, seus adversários o desterraram e lhe quebraram o crânio a guisa de vingança. Quanto aos companheiros do fugitivo, eles puderam capturar dois que mataram e comeram (19, p. LXXIX; 20, liv. IV, cap. XI, p. 126). Como essa história nos é também contada por Soares de Souza (16, p. 308) a propósito dos Tupis, pode ser que dela tenham feito duplo emprego.

Os Goitacá comercializavam com seus vizinhos da seguinte maneira: “os Maracá, os Coroados, ou os Tupinikin (que são os nomes das três nações suas vizinhas) ou outros selvagens dessa região, sem confiar nem se aproximar dos Goitacá, lhes mostravam de longe o que tinham, seja foice, faca, pente, espelho, ou outra mercadoria e mercearia que levavam até lá, lhes faziam entender por sinal que queriam trocar essas coisas por qualquer outra. Que se o outro por sua vez concordasse, lhe mostrando em reciprocidade ornamentos em plumas, pedras verdes que colocavam em seus lábios, ou outras coisas de que têm em sua região, eles acertavam um lugar a três ou quatrocentos passos dali, onde o primeiro, colocando sobre uma pedra ou um pedaço de madeira o que se queria trocar, recuava para o lado ou para trás. Depois disso o Goitacá vinha pegá-la e deixando da mesma forma no mesmo lugar o que tinha mostrado, se afastava abrindo espaço e permitia que o Maracá, ou outro, viesse buscá-la: de tal maneira que até aí mantinham o engajamento. Mas cada um tendo sua troca, logo que um retornava e ultrapassava os limites de onde tinha vindo se apresentar no começo, a trégua era rompida, e é então que se podia alcançar seu companheiro, a fim de lhe tomar o que ele levava: e vos deixo pensar se o Goitacá correndo como um cão de caça, perseguindo de perto seu homem o apressava de ir logo embora (10, t. I, p. 78-80)”.

Esse modo de troca, que recebeu o nome de comércio silencioso, devia ser muito raro na América do Sul. De minha parte, é o único exemplo que conheço.

Veja o que Vasconcellos (20, liv. IV, cap. XI, p. 126) nos diz de sua religião: “eles não têm nenhuma religião, nem divindade que adoram; também não se preocupam com a outra vida e acreditam que tudo é finito na terra. Entretanto, eles têm adivinhos que conhecem os feitiços para fazer o mal.

Eles presidiam a saída das expedições de guerra, de caça e outras coisas da mesma ordem”.

Para manifestar seus sentimentos pacíficos, esses índios tocavam com seus arcos os arcos de seus visitantes. Quando os missionários vieram lhes encontrar, foram recebidos por “quatro chefes com suas mulheres e suas crianças que se colocaram em frente a eles no meio de festas e de danças, segundo seu costume, e com legumes por presente (20, liv. IV, cap. XII, p. 113-144)”.

O problema do parentesco dos Goitacá e dos Coroados.

Os etnólogos modernos consideram os Goitacá como estreitamente aparentados aos Coroados e aos Puri e agrupam o subgrupo assim constituído na família linguística - Jê. Se examinarmos os fatos sobre os quais repousam a assimilação dos Goitacá aos Coroados, só podemos ficar surpresos de sua extrema fragilidade e da ausência de toda prova científica nos autorizando a considerar essa aproximação como certa.

Essa pretendida filiação direta entre os Coroados e os Goitacá repousa inteiramente sobre o texto seguinte da pena do economista português Cunha de Azeredo Coutinho (4, p. 64): “os índios Goitacá, depois de terem conquistado a população dos Coropóques, ou Coropó, a incorporou em sua nação, de sorte que hoje eles formam apenas uma só sob o nome vulgar de Coroados, por causa da maneira como eles cortam os cabelos em tonsura, no alto da cabeça. Eles ocupam um vasto sertão de mais de cem léguas que se estende desde os confins dos Campos de Goitacazes seguindo a margem setentrional do rio Parahyba até a margem sul do rio Xipotó da comarca de Vila-Rica”.

A asserção de Cunha de Azevedo Coutinho foi adotada sem mais por Ayres de Casal (1, t. II, p. 53). O príncipe Maximilien de Wied-Neuwied (21, t. I, p. 129, note 2) emitiu entretanto algumas dúvidas a respeito de sua legitimidade. Sobre esse ponto Saint-Hilaire o contradisse (14, t. II, p. 1 17-119), colocando-se inteiramente de acordo com a opinião de Cunha de Azeredo Coutinho, que considera como a autoridade nessa matéria em razão das ligações de parentesco que o unem aos Pessanha, os pacificadores e benfeitores dos Coroados.

Após Saint-Hilaire, a identificação dos Goitacá aos Coroados tornou-se clássica e não foi mais submetida a nenhum exame crítico. Nós a encontramos apresentada, entre outros, como um fato estabelecido em Burmeister (2, p. 246).

Na ausência de todo dado linguístico, o problema da aproximação entre os Goitacá e os Coroados só pode ser resolvida pela etnografia ou a história. Os que viam nos Coroados descendentes de Goitacá esquecem que os primeiros são estreitamente aparentados aos Puris que, desde o século XVI, são assinalados na hinterlândia do Rio de Janeiro em uma região provavelmente vizinha daquela que ocupavam ainda a uma data muito recente. Knivet (9; passim), que parece ter estado em relação com eles, os descreve sob traços que conviriam antes aos Tupinambá. É possível que ele tenha cometido uma confusão, mas também não está excluído que os Puri, dos quais ele fala, tenham sido fortemente guaranizados. Talvez os Coroados, cuja cultura material sofreu fortemente a influência das tribos Tupis, sejam os descendentes desses antigos Puris descritos por Knivet. O centro de dispersão dos Coroados sendo na área mesmo dos Tupinambá, a influência que estes últimos exerceram sobre eles se explica facilmente.

Os Puri propriamente ditos que, por causa de sua situação geográfica, escaparam a esse contato, conservaram em quase toda sua integridade a cultura primitiva que lhes fora outrora comum com os Coroados. Isto nos prova que os Coroados e os Puris existiam já enquanto nações antes mesmo que a tribo dos Goitacá tivesse sido destruída e dispersada. As narrativas históricas citadas mais acima, que nos contam a luta que os portugueses encetaram contra os Goitacá no começo do século XVI, deixam entender que se procedeu contra esses uma guerra de extermínio²¹⁹. Os que sobreviveram foram estabelecidos em aldeamentos e convertidos. Nessas condições, eles não puderam, mesmo se misturando a uma outra população, constituir uma nova nação que, apesar de dizimada, contava ainda no início do século XIX perto de 2.000 ou, se a ela somarmos os Puri, vários milhares de indivíduos.

O *habitat* dos Coroados e dos Puri coincidia em vários locais com aquele dos antigos Goitacá, mas enquanto estes últimos eram uma população essencialmente costeira, os primeiros sempre permaneceram fixados na floresta, só saindo dela para empreender incursões contra os colonos da costa.

Do ponto de vista etnográfico (para a etnografia dos Coroados e dos Puri, cf. 2, p. 246-251; 4, p. 63-65; 5; 7, t. I, p. 107-197; 8; 14, t.II, p. 111-118; 18, t. I, p. 369-394; 21, t. I, p. 130-148), não se pode estabelecer nenhuma aproximação entre o pouco que nós sabemos da civilização material dos Goitacá e as informações mais copiosas que possuímos sobre os Coroados e os Puri. Nenhum dos homens dessas duas tribos usava o cabelo grande; os Coroados faziam uma tonsura sobre o alto do crânio como os franciscanos, e os

219 Ou seja, caracterizando-se um genocídio na acepção contemporânea. Nota dos organizadores.

Puri cortavam os cabelos na nuca ou raspavam a cabeça. As cabanas dos Coroados têm a forma de um telhado com duas águas colocado sobre o solo. Quanto aos Puri, eles apenas construíam simples abrigos contra o vento. Os primeiros como os segundos dormiam em redes, entretanto, em uma data ainda recente, os Puri se estendiam à noite na cinza de seus lares.

Enquanto os Puri são nômades puros, os Coroados cultivavam um certo número de plantas das quais eles tiravam uma parte de sua subsistência. Como todos os povos caçadores em vias de tornar-se agricultores, eles não tinham a paciência de esperar a maturidade dos vegetais que semeavam e os consumiam ainda verdes. Não há menção em suas derrubadas de tubérculos de mandioca.

Eles também caçavam bastante e faziam a colheita de frutos para prover à sua alimentação. A esse respeito, eles se encontravam em uma situação análoga àquela dos Goitacás no início do século XVI. Para uns como para os outros, essa passagem do nomadismo para a vida sedentária é o efeito de uma influência tupi.

Os Coroados não eram antropófagos propriamente ditos. Quando eles matavam um inimigo, cortavam-lhe o braço e o levavam para sua aldeia. Organizavam então uma grande festa com bebida no curso da qual se crivava esse troféu de flechadas e se dançava a sua volta. Ele era molhado em seguida na cerveja do milho e cada um em revezamento o chupava no local do corte. Os ossos longos de um adversário morto servia para fazer flautas; o crânio era também conservado (7, t. I, p. 127; 8, p. 270).

Eu me inclino a ver nos Coroados e os Puri as populações tapuias designadas sob o nome de Oucanan, Ouanem, Caraiá, Papaná, Guarú, Guarulho e Sacaru (10, t. II, p. 130; 16, p. 78-

79; 12, t. I, p. 338) que viviam na hinterlândia do Rio de Janeiro, do Espírito Santo e de Porto Seguro e que estavam em guerra tanto com os Tupis quanto com os Goitacá. Vasconcellos (20, livro IV, cap. XI, p. 119) assinala igualmente a existência de numerosas tribos tapuias de língua diferente nas montanhas que bordam à oeste a região dos Goitacá. A situação geográfica desses índios e alguns detalhes de seus costumes dão uma base séria a minha hipótese.

Não é impossível que os Goitacá fossem aparentados linguisticamente aos Coroados e aos Puri e que fossem por consequência parte da família -Jê. Mas essa suposição é completamente gratuita. Por minha conta, em razão de certas particularidades etnográficas que apresentam, como as habitações aéreas, eu seria antes tentado de os considerar como um grupo isolado e pertencendo a uma camada de civilização arcaica.

O texto seguinte foi extraído de um manuscrito de Thevet ainda inédito, intitulado: *História de André Thevet Angoumoisín, cosmógrafo do Rei, de duas viagens feitas por ele às Índias Austrais e Ocidentais*. Contendo a maneira de viver dos povos bárbaros e observação dos principais pontos que devem manter em sua rota os pilotos, e marinheiros, para evitar o naufrágio e outros perigos desse grande Oceano, com uma resposta aos libelos de injúrias, publicados contra o cavaleiro Villegagnon (Escrito em 1593).

Ex Bibliotheca Mss. Goisliniana, olim Segueriana, quam Illust. Henricus du Cambout, Dux de Goislin, Par Franciae, Episcopus Metensis, etc. Monastério S. Germani à Pratis avit.n.M.D.GG.XXXII.

Ele se encontra na Biblioteca Nacional de Paris onde está catalogado sob o seguinte código: Fundo francês, N. 15.454. As páginas que reproduzi aqui ocupam as folhas 114 à 116.

Esse texto não se reporta exclusivamente aos Goitacá, ele comporta também um certo número de detalhes concernentes aos Oucanan (Coroado?) e as tribos tapuias em geral. Algumas passagens são apenas repetições do que ele nos disse precedentemente dos Tupinambá: assim, por exemplo, suas descrições da rede, da fiação, dos jogos, das flechas incendiárias, do massacre ritual dos prisioneiros, são muitos traços próprios aos Tupinambá que, nesse texto um pouco confuso, Thevet parece atribuir aos tapuias. Eu os cito de qualquer forma para não truncar o texto.

A terra situada em face das ilhas Maguehay (Macahé), da qual Thevet nos dá as coordenadas, seja lat. 22. 40' e long. 344. 32', era habitada pelos Goitacá.

Nação bastante selvagem, tanto brutal quanto maravilhosa, que chamam Guaytacas. Sua linguagem não pode ser compreendida por nenhum outro selvagem. Eles viviam grosseiramente. No resto são valentes, e vistos a correr, e mesmo em tal desteridade que eles ultrapassam correndo um cervo. Eles fazem contínua e mortalmente guerra contra os tupinambás nossos aliados e amigos, que são seus vizinhos próximos. Fol, 101.

Fol. 114. Ora por que há diversos tipos de povos, e nações, que se cobrem sob o manto de Margajats, quero aqui propor a diferença que há entre eles. Eu começarei pela nação dos Oueítaca, que são gente robusta sem comparação e que sempre humilharão qualquer um que a eles ataquem, desde que não fossem surpreendidos dentro da selva, na medida em que seu poder somente reside em campo aberto e no meio dos pântanos, onde estão acostumados, e têm prazer de daí não se mover. Eles ensinam suas crianças a se desviarem com destreza, a se abrigar e escapar das flechadas: primeiramente com pequenas flechas por teste; depois para os adestrar melhor, lhes atiram flechas mais perigosas, as quais ferem as vezes alguns, lhes dizendo, eu prefiro que morras por minha mão, do que pela dos meus inimigos. Pois também não poderia te defender como eu gostaria. Eles

falam outra língua, como não fazem os Toupinambaux, Toupinenquin, Temenynon, Touajat e Carios, que falam uma mesma língua. Os Ocauans falam diferentemente, sei que se entendem um pouco uns com os outros, como a experiência me ensinou, e a frequência, que tive com uma, e com a outra nação, que tinham aprendido a língua dos Toupinanquins, a qual tanto os Oueítacas, quanto os Ocauan me diziam várias coisas concernentes a seu tráfico conjunto. De fato, os Ocauan lhes aportam arcos, desde que permaneçam dentro dos bosques e montanhas, e Goitacá em plena região pantanosa, embora pareça que seja apenas deserta. Não poderíamos deixar, à propósito, de relacionar essa grande província com a região do rio Jordão, bastante estéril, visto não ser cultivada por causa dos árabes que a habitam ordinariamente, que não são mais sábios, nem mais humanos, que essas nações selvagens, assim como vi por experiência, no espaço de seis a sete anos. Os Oueítacas estão divididos em dois bandos adversos, (fol. 114 v.) que se come um a outro, e cada um dos bandos em dois outros desse nome somente, a saber Oueítaca-ouassou, e Oueítaca-moupy, Oueítaca-mery e jadrruruto. Os primeiros são aliados contra os últimos. Nossos amigos os Tupiniquin contra eles guerreiam bastante, mas os vencem frequentemente pouco. Pois (como disse) eles são mais espertos na guerra que qualquer outra nação, além do que são quase inteiramente inexpugnáveis, por causa dos rios e pântanos, que os envolvem. Eles dominarão na corrida um veado, crocodilos na água, e vários outros peixes. Eles não têm nenhuma de nossas mercadorias, senão aquelas que são melhor feitas sem comparação com nenhuma outra mas que somente lhes aportam varas de pescar, pequenas facas, tesouras e fio de algodão para amarrar suas flechas. Quando eles prendem um de seus inimigos, o colocam em pedaços no chão, e os comem meio cozidos, como fazem com todas as outras carnes. O que me faz crer que são mais dignos de serem chamados selvagens que aqueles com os quais nós conversamos, e os Ocauan também, que juntos têm alguma aliança. Eu vi matarem Oueítacas, que depois de ter tido a cabeça quebrada, e ser jogado por terra, se levantaram, e tomaram o bastão daquele

que os atingira, com tal ímpeto, que o derrubaram por terra. O que jamais acreditaria se não tivesse visto com meus olhos. Quando eles prendem seus inimigos, eles o matam a flechadas, como eles mesmos me disseram, e alguns Toupinanquins nossos amigos, que deles escaparam depois de terem ficado muito tempo detidos, lhes servindo de escravos, esperando que ficassem gordos, e grandes para serem comidos. Eles trabalham a terra para produzir nabos, milho, e outras pequenas coisas, além de não plantarem mandioca, que é a coisa melhor depois do pão que se poderia pensar, assim como será dito em outro lugar. (Fol. 115.) Eles têm habitações alongadas, e não redondas, como muito falsamente disse o mentiroso Léry. Elas são cobertas de casca de madeira, e não de erva, como ele conta: como no mesmo lugar esse autor diz que suas camas são feitas de casca de árvores, bem ao contrário, suas camas, como eu disse em outro lugar, são feitas de fino algodão, como são as redes, com a qual se pega os peixes por baixo, que se chama mortugabes. Eles dormem pela terra, sem outros leitos ou camas, digamos que tanto mais o homem é bem tratado, tanto menos é forte, e robusto. O que confessam vários Toupinambaux, que se dão muitos cuidados, e que se tratam mais docilmente como nenhuma das outras nações, como se mostram em sua maneira de viver. Os Ocauan não são tão corajosos, adestrados, nem valentes na guerra como os Ouëitaca. Pois os vi serem presos innumeravelmente, e apesar deles se defenderem se se encontram de qualquer maneira derrotados, porque não são treinados nos estratégias e habilidades da guerra, como os outros. Isso faz com que alguns permanecendo presos, os outros buscam se refugiar, embrenhando-se pelos matos e arbustos, onde eles foram criados. A maior parte do tempo eles erram e vagabundeiam entre as montanhas, vivendo somente de animais selvagens, de peixes de água-doce, de nabos, e milho que plantam esporadicamente já que têm medo de ser percebidos por seus inimigos. Pois são todas nações diversas. Existem aquelas que são nomeadas tapouyeste, isto é, homem para comer. E dizem os Toupinanquins que foram feitos de tição por um dos seus chefes, com o fim de que fossem a presa e o passatempo dos outros,

e para seu exercício na guerra. Não têm boa forma como os outros, mas são atarracados e de nariz chato. (Fol. 115 v.) Suas mulheres cortam os cabelos como os homens. Têm uma outra maneira de dançar e de cantar, diferente dos outros. Em todas as horas usam do petum, e é a coisa que mais amam, seja em companhia, seja em suas casas, ou em outro lugar. Eles sempre fumam tabaco. E dizem esses bárbaros que isto os faz destilar os humores supérfluos do cérebro, e fumam dessa erva por uma canudo de folha de papel pendurado em seu pescoço. Quando comem uma boa carne ou peixe, uns a friccionam no corpo, presumindo que lhes seja bom remédio, são grandes bebedores de cauim mais do que outra coisa, e do qual se embebedam bem, e cantam sempre ao bebê-lo. Têm algumas cordas, das quais se servem tanto para sustentar suas camas quanto para prender seus prisioneiros, que fazem de casca de árvores, e de algodão, que se faz como cânhamo, que as mulheres fiam sem fusos, sobre suas coxas... [eles têm] pequenos cestos para portar suas pequenas necessidades, que nomeiam Caramenoo, e outros próprios para colocar seus arcos e suas flechas, que são mal feitos, mas mesmo assim são bastante perigosos. É um prazer vê-los se bater uns contra os outros. Os mais valentes dentre eles avançam para o confronto com escudos de pele de animais selvagens. Os outros colocam velho algodão na ponta de suas flechas que acendem, depois atiram na aldeia para colocar fogo nas casas. Quando vão à Morpion contra os Touajat, e portugueses, eles portam pó de pimenta com certa gordura que colocam à entrada das casas, umas feitas de pedra, as outras de madeira para sufocar os portugueses, como raposas em suas tocas, sem que ousem sair de forma alguma. Isto é a causa de que eles tomam frequentemente como escravos, mulheres e filhas, jamais os portugueses mesmos ou seus filhos, como vi muito frequentemente. (Fol. 116,) Quando prendem alguns de seus inimigos, eles os amarram com cordas de algodão pelos braços, e frequentemente atravessando o corpo, e antes que cheguem em suas casas, levam seus prisioneiros sobre o túmulo de seu pai, irmão ou parente, para renovar a dita sepultura, e isso se faz em direção ao rio dos

Vases, e aquele de Plate, depois de tê-los lançado para dentro, passeiam na aldeia com certos paramentos, e faixas, gorros e braceletes de diversas cores, mesmo vestimentas de pluma que são muito bonitas quanto vistas de perto e de longe, e várias outras roupas de gala as quais eles usam, que eu vos descrevi acima, portanto, não as repetirei aqui. Eis a maneira de viver desses pobres bárbaros'.

Index Bibliographique

1. Ayres de Casal (P. Manoel). *Corografia brazilica ou Relação histórico-geográfica do Reino do Brazil*. Rio de Janeiro, 2 vol., 1817, in-4°.

2. Burmeister (Hermann). *Reise nach Brasilien, durch die Provinzen von Rio de Janeiro und Minas Geraes*. Berlin, 1853.

3. Cardim (Fernão). Princípio e origem dos índios do Brasil. *Revista Trimensal do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro, t. LVII, parte 1, 1894.

4. Cunha de Azeredo Coutinho (José Joaquin de). *Ensaio econômico sobre o comércio de Portugal e suas colonias*. Lisboa, 1794.

4 bis. Chabert (X.). *Abrégé historique de la vie et des aventures d'Adola, chef de la peuplade des Puris* (sans date ni lieu d'impression). Cet opuscule est sans doute un plagiat et l'oeuvre d'un mystificateur.

6. Ehrenreich (Paul). Die Ethnographie Siidamerikas im Beginn des XX. Jahrhunderts, unter besonderer Berücksichtigung der Naturvölker. *Archiv fur Antropologie*. Braunschweig, neue Folge, t. III, 1905 (tirage à part).

6. Ehrenreich (Paul). Die Puris Osthrasiliens . *Zeitschrift fur Ethnologie*. Berlin, t. XVIII, 1886 (Verhandlungen, p. 185-188).

6 bis. Ehrenreich (Paul). *Die Einteilung und die Verbindung der Volkerstämme Brasiliens nach dem gegenwärtigen Stande unsrer Kenntnisse*. Pelermanns-Mitteilungen, Gotha, t. XXXVII, 1891.

7. Eschwege (W. C. von). *Journal von Brasilien oder vermischte Nachrichten von Brasilien, auf wissenschaftlichen Reisen gesammelt*. Weimar, t. I et II, 1818.

8. Freyreiss (G. W.). *Bidrag till kânnedom om Brasiliens Urbefolkning*. Ymer. Stockholm,- 1900, p. 260-279.

9. Knivet (Anthony). The admirable adventures and strange fortunes of Master. Antonie Knivet, which went with Master Thomas Candish in his second voyage to the South Sea, 1591. *Hakluytus Posthumus or Purchas His Pilgrimes*. Glasgow, t. XVI, 1906.

9 bis. Krickeberg (Walter). *Amerika*. Dans *Illustrierle Völkerkunde*, par G. Buschan Stuttgart, 1922.

10. Léry (Jean de). *Histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil*. Paris, 1880, 2 vol.

11. Martius (Carl Friedrich Phil. von). *Beiträge zur Ethnographie und Sprachenkunde Amerikas zumal Brasiliens*. I. Zur Ethnographie. Leipzig, 1867.

12. Millet de Saint-Adolphe (J. C. R.). *Diccionario geographico, historico e descriptivo do Imperio do Brazil*. Paris, 1845, 2 vol.

13. Rivet (Paul). *Langues américaines*. Dans les langues du monde par um groupe de linguistes. Paris, 1925.

13 bis. Rivet (Paul). Les Malayo-Pohjnèsiens en Amérique. *Journal de la Société des Américanistes de Paris*, nouvelle série, t. XVIII, 1926.

14. Saint-Hilaire (Auguste de). *Voyage dans le district des diamans et sur le littoral du Brésil*. Voyages a l'intérieur du Brésil, seconde partie. Paris, t. I et II, 1833.

15. Salvador (F. Vicente de). *Historia do Brazil. Annaes da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, vol. XIII, 1888.

16. Soares de Sousa (Gabriel). *Tratado descriptive do Brazil em 1 587. Revista Trimensal do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro, t. XIV, 1851.

17. Southey (Robert). *History of Brazil*. Londres, t. I, 1810-1819.

18. Spix (J. B. von) e Martius (CF. von). *Reise in Brasilien*. Munich, t. I, 1823-1831.

19. Vasconcellos (Simão de). *Chronica da Companhia de Jesus do Estado do Brasil*. Lisbonne, 1865.

20. Vasconcellos (Simão de). *Vida do Venerável Padre Joseph de Anchieta da Companhia de Jesus, taumaturgo do Novo Mondo, da Província do Brasil*. Lisbonne, 1658, in-folio.

Essa obra é muito rara. Os capítulos XI, XII, XIII e XIV, que tratam da vida do Padre João de Almeida e dos Goitacá foram reproduzidas por Mello Moraes na Revista da Exposição Anthropologica Brasileira. Rio de Janeiro, 1882.

21. Wied-Neuwied (Prinz Maximilian). *Reise nach Brasilien in den Jahren 1815 bis 1817*. Frankfurt a. M., t. 1 et atlas, 1820-1821.

Referências

Fontes citadas pelos autores

A SEREIA DE MEAÍPE. Lendas de Guarapari. Disponível em: <http://www.guaraparivirtual.com.br/lendas.asp>. Acesso em: 03 jan. 2016.

ESTUDO etnoecológico das terras indígenas do Espírito Santo. Relatório final. Petrobrás/ Biodinâmica, mar. 2005.

PESQUISA sobre a Vila da Rainha pelo Ministério da Cultura e Neoenergia apresentam: Educação Patrimonial e Arqueologia na Vila da Rainha. Disponível em <https://www.museuonlinesfi.com/2015/05/pesquisa-sobre-vila-da-rainha-pelo.html>. Acesso em: 12 dez. 2019.

PROGRAMA Nacional de Pesquisas Arqueológicas - Litoral Norte Fluminense- Sítio do Caju. Disponível em: <http://arqueologia-iab.com.br/portfolios/view/260>. Acesso em: 16 dez. 2019.

PROJETO Museu Virtual com o tema “Entre Ossos e Urnas”, acontecerá nos dias 18 e 21. Notícia no Detalhe. Campos, 22 jan. 2021. Disponível em: https://www.campos.rj.gov.br/exibirNoticia.php?id_noticia=62628. Acesso em: 22 jul. 2021.

Legislação

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, 5 out. 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 27 jul. 2021.

BRASIL. Estatuto do Índio. Lei n.º 6.001/1973. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/>.

Obras de André Thevet

THEVET, André. *Cosmographie de Levant* (1554).

THÉVET, A. *Les français em Amérique pendant la deuxième moitié du XVIe. Siècle* ed. de S. Lussagnet e C. A. Julien. Paris: PUF, 1953.

THEVET, André. *Cosmographie de Levant*, fac-similé de l'édition de Tournes, 1556. Genève, Droz, 1984, 224-232 p., pl., cartes.

THEVET, André. *Les singularitez de la France antarctique*, réédition par Paul Gaffarel. Paris: Maisonneuve, 1880.

THEVET, André. *La cosmographie universelle d'André Thevet, illustrée de diverses figures des choses plus remarquables veuës par l'auteur* (2 volumes, 1575).

THEVET, André. *Les vrais pourtraits et vies des hommes illustres grecz, latins et payens, recueillez de leurs tableaux, livres, médalles antiques et modernes* (9 volumes, 1584).

THEVET, André. *Angoumois, cosmographe du Roy, dans lequel sont contenus plusieurs plants d'isles habitées et deshabitées et description d'icelles*, 1586.

Obras de Alfred Métraux

MÉTRAUX, Alfred. *La civilisation matérielle des tribus Tupi-Guarani*. Paris: Geuthner, 1928.

MÉTRAUX, Alfred. *Ethnologie de l'Île de Pâques*. Paris: s.n. 1935.

MÉTRAUX, Alfred. *Mythes et contes des indiens Mataka*, 1939.

MÉTRAUX, Alfred. *Le vaudou haïtien*. Paris: Gallimard, 1958.

MÉTRAUX, Alfred. *Les incas*. Paris: Le Seuil, 1962.

MÉTRAUX, Alfred. *Religions et magies indiennes d'Amérique du Sud*. Paris: Gallimard, 1967.

MÉTRAUX, Alfred. *Les indiens de l'Amérique du Sud*. Paris: Métaillé, 1991.

MÉTRAUX, Alfred & VERGER, Pierre. *Le pied à l'étrier*. Paris: Éditions Jean-Michel Place, 1997.

MÉTRAUX, Alfred. *A religião dos Tupinambás e suas relações com as demais tribos tupi-guaranis*. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1950.

MÉTRAUX, Alfred. La vie finit-elle à 60 ans? *Le Courrier de l'UNESCO*. Genebra: Unesco, 1963.

METRAUX, A. *les Indiens Goitacá* (à propos d'un manuscrit inédit du cosmographe André Thevet). *Journal de la Société des Américanistes*, v. 21, n. 1, p. 107–126, 1929. Disponível em: http://www.persee.fr/doc/jsa_0037-9174_1929_num_21_1_3659.

METRAUX, A. The Guaitacá. In: STEWARD, J. H. (Ed.). *Handbook of South American Indians*. The marginal tribes. Washington: Government Printing Office, 1946.

Obras de Referência

BLUMENBACH, J. F. *Decas collectionis suae craniorum diversarum gentium illustrata (1790-1828)*. Gottingae: Ioann, 1828.

CARDIM, F. *Tratado da terra e gente do Brasil*. São Paulo: Hedra, 2009.

CARDIM, F. *Uma viagem e missão jesuítica pela Bahia, Ilheos, Porto Seguro, Pernambuco, Espírito Santo, Rio de Janeiro, S. Vicente (S. Paulo), indo por Visitador o P. Christovam de Gouvea Escrita em duas Cartas ao P. Provincial em Portugal*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1847.

CASAL, M. A. *Corografia Brasília do Reino do Brasil*, 1976.

DAEMON, B. C. *Província do Espírito Santo: sua descoberta, história cronológica, sinopse e estatística*. 2 ed. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2010.

DAEMON, Bazilio Carvalho. *Província do Espírito Santo: sua descoberta, história chronologica, synopsis e estatística*. Vitória: Typographia do Espírito-Santense, 1879. Disponível em: <http://www.ape.es.gov.br>. Acesso em: 06 jan. 2013.

EHRENREICH, Paul. 1855-1919. *Índios Botocudos do Espírito Santo no século XIX*. Tradução de Sara Baldus; organização e notas por Júlio Bentivoglio. Vitória: Arquivo Público do Espírito Santo, 2014.

EHRENREICH, Paul. Divisão e distribuição das tribus do Brasil segundo o estado actual dos nossos conhecimentos. [Tradução de Capistrano de Abreu]. *Revista da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro*, tomo VIII, p. 3-55, 1892.

KNIVET, A. Notavel viagem que, no anno de 1591 e seguintes, fez Antonio Knivet, da Inglaterra ao mar do sul, em companhia de Thomas Candish. *Revista Trimensal do Instituto Historico Geographico e Ethnographico do Brazil*, v. XII, p. 295-390, 1878.

LEITE, Serafim. *Breve história da Companhia de Jesus no Brasil*. Braga: Livraria A. I, 1993.

LÉRY, Jean. *Viagem à Terra do Brasil*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1980.

MONTEIRO, P. J. *Relação da Província do Brasil*, 1610. 2012.

OLIVEIRA, José Teixeira. *História do Estado do Espírito Santo*. Vitória: Fundação Cultural do Espírito Santo, 1975.

OLIVEIRA, V. L. A. Descrição Geográfica e Política do Distrito dos Campos dos Goytacazes – 2ª Parte (1785). *Revista de Fontes*, v. 8, p. 33-54, 2018.

REIS, M. M. C. *Manuscritos de Manoel Martins do Couto Reis 1785: Descrição geográfica, política e cronográfica do Distrito dos Campos dos Goytacazes*. Fundação Cultural Jornalista Oswaldo Lima; Rio de Janeiro: Arquivo Público do Rio de Janeiro, 2011.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Segunda viagem ao interior do Brasil*. Espírito Santo. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem ao Espírito Santo e Rio Doce*. São Paulo: Itatiaia, 1988.

SALVADOR, Frei Vicente. *História do Brasil: 1500-1627*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1982.

SOUSA, Gabriel Soares de. *Tratado descritivo do Brasil em 1587*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1987. [Brasiliana, vol. 117].

SOUSA, Gabriel S. de. *Tratado descritivo do Brasil*, 1587. Disponível em: <http://medcontent.metapress.com/index/A65RM03P4874243N.pdf>.

VASCONCELLOS, Jose Marcellino Pereira de. *Ensaio sobre a História e Estatística da Província do Espírito Santo*. Victoria, Typographia de P. A D'Azeredo, Rua da Praça Nova n. 3, 1858,

VASCONCELLOS, Simão de. *A vida do venerável padre José de Anchieta*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1943, p. 129.

VASCONCELLOS, S. de. *Notícias necessárias e curiosas das cousas do Brasil*. Lisboa: Oficina de Ioam da Costa, 1668.

WIED-NEUWIED, Maximiliano, Príncipe de. *Viagem ao Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1989.

WIED-NEWIED, Maximiliano. *Viagem ao Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1940, p. 150.

Demais obras

AGUIAR, José Otávio. Os ecos autoritários da Marselhesa: Guido Tomaz Malière e a Colonização do Rio Doce (Minas Gerais). *Fenix – Revista de História e Estudos Culturais*, v. 4, n. 3, jul./ago./set. 2007.

ALBERTI, V. *O riso e o risível: na história do pensamento*. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

ALBUQUERQUE, Maria Betânia B. *Epistemologia e saberes da Ayahuasca*. Belém: EDUEPA, 2011.

ALMEIDA PRADO, J. F. de. *Primeiros povoadores do Brasil: 1500-1530*. 2 ed. São Paulo/Rio de Janeiro/Recife/Porto Alegre: Companhia Editora Nacional, 1939.

ALMEIDA, Maria Regina C. de. *Metamorfoses indígenas: identidade e cultura nas aldeias coloniais do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2003.

ALMEIDA, Maria Regina C. de. *Os índios na História do Brasil*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2010.

ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. Apresentação. *Tempo*, v. 12, n. 23, 2007.

ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. *Metamorfoses indígenas: identidade e cultura nas aldeias coloniais do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2003.

ASSIS, V. S. de. *Da espacialidade Tupinambá*. 1996. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1996.

BASSO, H. B. La Biografía de los Kalapalo como História. In: *Las Culturas Nativas Latinoamericanas a traves de su discurso*.

Ámsterdam: Ponencias del Simposio del 46. Congreso Internacional de Americanistas, 1988.

BELTRÃO, M. da C. de M. C. *Pré-história do Estado do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Forense-Universitário/Instituto Estadual do Livro, 1978.

BRITTO, Rossana G. A catequese dos jesuítas no Brasil Colonial. In: RAMOS NETO, João Oliveira (org). *Autoridade e poder: Ensaio interdisciplinares de História do Cristianismo*. São Paulo: Editora Reflexão, 2013.

BROCHADO, J. P. *et al.* *Arqueologia brasileira em 1968: um relatório preliminar sobre o programa nacional de pesquisas arqueológicas*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1969.

BROCHADO, J. P. Um modelo ecológico de difusão da cerâmica e da agricultura no Leste da América do Sul. *Clio*, Série Arqueológica, Recife, n. 4, p. 1981, 1987.

CASTRO, Eduardo Viveiros de. *A inconstância da alma selvagem*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

CELESTINO, Maria Regina. *Metamorfoses indígenas*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2003.

CHAMORRO, Graciela.; ROTH, H. L. Os Cayuá, com seis ilustrações. *Tellus* (UCDB), v. 12, 2012, p. 217.

CORDEIRO, Jeanne. A primeira face da tradição: os Goitacá. Da História e identidade dos que não deitaram letras. In: LIMA, Tania Andrade (org.). *Identidades Etnicas em Arqueologia: possibilidades e limites*. 1 ed. v. 1. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 2018, p. 47-66.

CORDEIRO, Jeanne. *A primeira face da tradição: Os Goitacá. Da História e identidade dos que não deitaram letras*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Severino Sombra, Vassouras, Rio de Janeiro, 2004.

COSTA, H. A. V. *Arqueologia do Estado do Espírito Santo: subsídios para a gestão do patrimônio arqueológico no período de investigação acadêmica (1966 a 1975)*. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/71/71131/tde-17102014-165433/es.php>.

COSTA, H. A. V. Um pouco da história e da cultura Purí. In: BENTIVOGLIO, J. (org.). *História dos povos indígenas no Espírito Santo: os Purí*. 1 ed. Serra: Milfontes, 2017. p. 41–70.

CUNHA, E. S. O macro-gê do interior Fluminense - nótulas de patologia dentária achegas ao estudo das populações indígenas do vale do Paraíba. Aspectos de patologia dentária. *Anais da Academia Brasileira de Odontologia*, Rio de Janeiro, p. 38–63, 1973.

CUNHA, M. C. da et al. *História dos índios no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras: Secretária Municipal de Cultura: FAPESP, 1998.

CUNHA, Manuela C. da. Parecer sobre os critérios de identidade étnica. In: CUNHA, Manuela C. da. *Antropologia do Brasil: mito, história e etnicidade*. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 113-119.

CUNHA, Manuela Carneiro (org). *Legislação indigenista no século XIX*. São Paulo: Edusp, 1992.

DAVIS, S. H. Diversidade cultural e direitos dos povos indígenas. *Mana*, v. 14, n. 2, p. 571-585, 2008. Acesso em: 28 jul. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-93132008000200014>.

DIAS JUNIOR, O. F. A pré-história da Serra Fluminense a utilização das grutas do Estado do Rio de Janeiro. *Pesquisas, Série Antropologia*, São Leopoldo, n. 31, 1980.

DIAS JUNIOR, O. F. Considerações iniciais sobre o terceiro ano de pesquisas no estado do Rio de Janeiro. In: PRONAPA, *Resultados Preliminares do 3º ano, 1967-1968*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém, 1969b. p. 143–159.

DIASJUNIOR, O.F. Dados para o Povoamento não tupiguarani do Estado do Rio de Janeiro. Relações Arqueológicas e Etnográficas. *Boletim do Instituto de Arqueologia Brasileira*. Rio de Janeiro, n. 8, 1979.

DIAS JUNIOR, O. F. Resultados preliminares do segundo ano de pesquisas no Estado do Rio de Janeiro. In: PRONAPA, *Resultados Preliminares do 2º ano, 1966-1967*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém, 1969a. p. 119–129.

DIAS, Ondemar. Dados para o povoamento não tupiguarani do Estado do Rio de Janeiro. Relações Arqueológicas e Etnográficas. *Boletim do IAB*, Rio de Janeiro, n. 8, 1979.

FARIA, L. de C. A Antropologia no Brasil e na Tradição do Museu Nacional. *Revista do Brasil*, v. 5, n. 52, p. 84–90, 1942.

FERNANDES, F. A função da guerra na sociedade Tupinambá. 3º ed. São Paulo: Globo, 2006.

FERNANDES, F. *A investigação etnológica no Brasil e outros ensaios*. 2 ed. São Paulo: Global, 2009.

FERNANDES, F. *Organização social dos Tupinambá*. 2 ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1963.

FONSECA, Z. C. da. Thomas Cavendish e as peripécias de um desembarque mal sucedido. *Cadernos de História - Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo*, v. 1, n. 35, 2000.

FREIRE, José Ribamar Bessa; MALHEIROS, Márcia Fernanda. *Aldeamentos indígenas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2010.

GASPAR, Maria Dulce; BUARQUE, Angela; CORDEIRO, Jeanne; ESCÓRCIO, Eliana. Tratamento dos Mortos entre os Sambaquieiros, Tupinambá e Goitacá que ocuparam a Região dos Lagos, Estado do Rio de Janeiro. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, v. 17, p. 169-189, 2007. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revmae/article/view/89772/92573>. Acesso em: 02 dez. 2016.

GOMES, T. Campos em busca de uma identidade. *Terceira Via*, Campos, 05 abr. 2021. Disponível em: <https://www.jornalterceiravia.com.br/2021/04/05/campos-em-busca-de-uma-identidade/>. Acesso em: 27 jul. 2021.

HAESBAERT, Rogério. *O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade*. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

HETZEL, Bia; NEGREIROS, Silvia; MAGALHÃES, Bernardo. *Pré-história do Brasil*. Rio de Janeiro: Manati, 2007.

HILL, Jonathan. Etnicidade na Amazônia Antiga: reconstruindo identidades do passado por meio da arqueologia, da linguística e da etno-história. *Florianópolis. Ilha*, v. 15, n. 1, jan./jun. 2013.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOORNAERT, Eduardo (org). *História da Igreja no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1979.

JANSEN, Roberta. Rio Canibal. *O Globo*, Rio de Janeiro, 21 abr. 2004, p. 34.

LAMEGO, A. R. *O homem e o brejo*. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1940.

LAMEGO, Alberto Ribeiro. *A terra Goytacá*. Bruxelas: L'Édition Dárt, 1913.

LE GOFF, J. O deserto-floresta no Ocidente medieval. In: LE GOFF, J. *O maravilhoso e o quotidiano no Ocidente Medieval*. Lisboa: Edições 70, 1985.

LÉVI-STRAUSS, C. *Antropologia Estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

LÉVI-STRAUSS, C. *As estruturas elementares do parentesco*. 6 ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

LIMA, Tânia Andrade. Em busca dos frutos do mar: os pescadores-coletores do litoral centro-sul do Brasil. *Revista USP*, n. 44, dez./fev. 1999/2000.

MACHADO, L. C. *Biologia de grupos indígenas pré-históricos do sudeste do Brasil. As Tradições Itaipu e Una*. Rehistoria Sudamericana Nuevas perspectivas. Washington: Taraxacum, p. 77-103, 1988.

MACHADO, L. C.; SENE, G. M.; SILVA, L. P. R. Estudo preliminar dos ritos funerários do Sítio do Caju, RJ. *Revista de Arqueologia*, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 75-90, 1994.

MARCHANT, A. *Do escambo à escravidão: as relações econômicas de portugueses e índios na colonização do Brasil. 1500-1580*. São Paulo: Editora Nacional, INL/MEC, 1980.

MAUSS, M. A expressão obrigatória dos sentimentos. In: *Antropologia*. São Paulo: Ática, 1979.

MAUSS, M. As técnicas corporais. *Sociologia e Antropologia*, v. 2, São Paulo, 1974.

MEGGERS, B. J.; EVANS, C. *Como interpretar a linguagem cerâmica*. Washington: Smithsonian Institution, 1970.

MONTEIRO, John Manuel. *Negros da terra: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

MONTEIRO, John Manuel. *Tupis, tapuias e historiadores: estudos de história indígena e do indigenismo*. Tese (Doutorado em Etnologia). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

MOREIRA, Vânia Losada. Os índios e a historiografia. *Dimensões*, Vitória, n. 13, 2001.

MOREIRA, Vânia Maria Losada. Índios no Brasil: marginalização social e exclusão historiográfica. *Diálogos Latino-americanos*, n. 3, p. 87-113, 2001.

MOREIRA, Vânia Maria Losada. Entre as vilas e os sertões: trânsitos indígenas e transculturações nas fronteiras do Espírito Santo (1798-1840). *Nuevo Mundo, Mundos Nuevos, Debates*, n. 11, 2011.

MOSCATO, Daniela Casoni. *Traços de Peri: Leituras do leitor José de Alencar para a composição do indígena em sua obra O Guarani – 1857*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual Paulista, Assis, 2006.

NEVES, Luís F. B. *O combate dos soldados de Cristo na Terra dos Papagaios*. Rio de Janeiro: Forense, 1978.

NIKULIN, A. *Proto-Macro-Jê: um estudo reconstrutivo*. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade de Brasília, Brasília, 2020.

OLIVEIRA, J. C. de. *A primeira face da tradição - Os Goitacá Da história e identidade dos que não “deitaram letras”*. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Universidade Severino Sombra, Vassouras, 2004.

OLIVEIRA, J. P. de; FREIRE, C. A. da Rocha. *A presença indígena na formação do Brasil*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, LACED/ Museu Nacional, 2006.

OLIVEIRA, João Pacheco de. *Ensaio em antropologia histórica*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1998.

PAZZINI, B; SPAREMBERGER, R. F. L. O Direito à memória e à identidade no Brasil: perspectivas de efetivação da preservação do Patrimônio Cultural. *Revista do Instituto do Direito Brasileiro*, Lisboa, a. 3, n. 6, p. 4527-4556, 2014.

PEROTA, C. As datações de C-14 dos sítios arqueológicos do Espírito Santo. *Revista de Cultura da UFES*, Vitória, v. 6, 1975.

PEROTA, C. Resultados preliminares sobre a arqueologia da região Central do Estado do Espírito Santo. In: *Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas - P. Avulsas*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém, 1971.

PESAVENTO, Sandra J. *História e história cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

POMPA, Cristina. *A religião como tradução*: missionários, Tupi e Tapuia no Brasil colonial. São Paulo: EDUSC, 2003.

PORTELA, Cristiane de Assis. Por uma história mais antropológica: indígenas na contemporaneidade. *Sociedade e Cultura*, v. 12, n. 1, 2009.

PROUS, A. *Arqueologia brasileira*. Brasília: UnB, 1992.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org). *A colonialidade do saber*: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

QUIJANO, A. Colonialidade do Poder e Classificação Social. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (org.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010.

RADCLIFFE-BROWN, A. R. On joking relationships. In: *Structure and function in primitive society*. Nova York: Free Press, 1952.

RAMINELLI, Ronald. *Imagens da colonização*. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

RAMIREZ, H.; VEGINI, V.; FRANÇA, M. C. V. de. Koropó, puri, kamakã e outras línguas do Leste brasileiro: revisão e proposta de nova classificação. *Liames*, v. 15, n. 2, p. 223–277, 2015.

RIBEIRO, E. R. *Macro-Jê*. Paris: Elsevier, 2006.

RIBEIRO, E. R. Tapuya connections: language contact in eastern Brazil. *Liames*, v. 9, n. Lowie 1946, p. 61–76, 2009.

RICARDO, Carlos Alberto. “Os índios” e a sociodiversidade nativa contemporânea no Brasil. In: SILVA, Aracy Lopes da; GRUPIONI, Luís Donisete Benzi. *A temática indígena na escola: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus*. 4 ed. São Paulo: Global; Brasília: MEC/UNESCO, 2004.

ROSA, A. C. de F. *Ensaio de sociologia, etnografia e crítica*. 2 ed. Vitória: Causa, 2015.

ROSENDAHL, Zeny. *Espaço e religião: uma abordagem geográfica*. Rio de Janeiro: UERJ/NEPEC, 2002.

SEEGER, A. *Os índios e nós: estudos sobre sociedades tribais brasileiras*. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1980.

SEEGER, A.; DAMATTA, R.; VIVEIROS DE CASTRO, E. A construção da pessoa nas sociedades indígenas brasileiras. *Boletim do Museu Nacional*, v. 32, n. 1–2, p. 2–19, 1979. Disponível em: https://xa.yimg.com/kq/groups/21275324/1229555186/name/seeger_matta_castro_1979_pessoa.pdf.

SILVA, J. B; NEVES, P. V. Representações dos Índios Goitacá na Paisagem Contemporânea de Campos dos Goytacazes. *XI ENCONTRO NACIONAL DA ANPEGE*, 2015, Presidente Prudente. A Diversidade da Geografia Brasileira: Escalas e Dimensões da Análise e da Ação, 2015.

SOFFIATI, Arthur. *O norte do Rio de Janeiro no século XVI: à luz da história mundial e da eco-história*. Rio de Janeiro: Autografia, 2019.

SOUZA, A. M. de. A Pré-História de Parati. Nheengatu – *Cadernos Brasileiros de Arqueologia e Indigenismo*, Rio de Janeiro, v. I, n. 2, p. 47–90, 1977.

SOUZA, Laura de Mello e. *O diabo na Terra de Santa Cruz*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

SOUZA, Marcelo José Lopes de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná Elias de. *et. al. Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

STRATHERN, M. *The gender of the gift*. Los Angeles: University of California Press, 1990.

TAUSSIG, M. *Xamanismo, colonialismo e o homem selvagem*. São Paulo: Paz e Terra, 1993.

VALLE, Lilia. *Relatórios do Centro de Trabalho Indigenista*. Rio de Janeiro, 1979 a 1984. mimeo.

VIVEIROS DE CASTRO, E. *A inconstância da alma selvagem - e outros ensaios de antropologia*. São Paulo: Cosac & Naif, 2002.

VIVEIROS DE CASTRO, E. *Araweté: os deuses canibais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.

VIVEIROS DE CASTRO, E. V. Os pronomes cosmológicos e

o perspectivismo ameríndio. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, 1996.

WEBER, Max. Relações comunitárias étnicas. *In*: WEBER, Max. *Economia e sociedade*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1994.

WISNIK, J. M. *O som e o sentido*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

Os autores

Henrique A. Valadares Costa é doutor em Arqueologia pela USP.

Isabella Machado é graduada em História pela História da Universidade Federal do Espírito Santo e integrante do Lethis-Ufes.

Josemar Machado de Oliveira é professor do Departamento de História na Universidade Federal do Espírito Santo e pesquisador do Lethis-Ufes.

Julio Bentivoglio é professor do Departamento de História na Universidade Federal do Espírito Santo, coordenador do Lethis-Ufes e desta coleção – *História dos Povos Indígenas no Espírito Santo*.

Leonardo Bourguignon é doutor em História pelo Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Espírito Santo.

Marcello Amorim é graduado em História pela História da Universidade Federal do Espírito Santo.

Rossana G. Britto é professora do Departamento de História na Universidade Federal do Espírito Santo.

 (27) 3376-0363

 facebook.com/EditoraMilfontes

 @espacomilfontes

Conheça mais sobre a Editora Milfontes.

Acesse nosso site e descubra as novidades que preparamos para Você.

Editora Milfontes, a cada livro uma nova descoberta!



Este impresso foi composto utilizando-se as famílias tipográficas

Aramis e Minion Pro.

É permitida a reprodução parcial desta obra, desde que citada a fonte e que não seja para qualquer fim comercial.



M I L F O N T E S

Os relatos etnográficos e os materiais arqueológicos permitem concluir que os Goitacá andavam nus e em algumas ocasiões pintavam seus corpos. Usavam cabelos compridos até as nádegas, sendo que raspavam a parte da frente da cabeça. Ornavam-se com colares, pulseiras, brincos e anéis de orelha produzidos com dentes ou ossos de animais perfurados, madeira ou conchas trabalhadas, cortadas e polidas. Coletavam frutos e raízes e cultivavam milho, legumes e vários tipos de tubérculos, mas não agriculturavam a mandioca. Viviam basicamente da caça e da pesca, sendo excelentes no manejo das flechas. O grande número de fogueiras nos sítios arqueológicos sugere que moqueavam os alimentos.

Leonardo Bourguignon

Realização:



Laboratório de Teoria
da História e História
da Historiografia

Apoio:



www.editoramilfontes.com.br

ISBN: 978-65-5389-016-9

